

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO /LÍNGÜÍSTICA APLICADA

**O USO DA PALAVRA PROSÓDICA POR FALANTES DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: IMPLICAÇÕES NA ORTOGRAFIA DE PALAVRAS PREFIXADAS**

Rosane Garcia Silva

Pelotas, 2006

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO /LÍNGÜÍSTICA APLICADA

O USO DA PALAVRA PROSÓDICA POR FALANTES DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: IMPLICAÇÕES NA ORTOGRAFIA DE PALAVRAS PREFIXADAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras/Mestrado, área de concentração em Lingüística
Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Pelotas, 2006

Agradecimentos

À Professora Doutora Carmen Lúcia Barreto Matzenauer que, mais que uma orientadora, foi uma amiga em todas as horas. O meu sincero reconhecimento por seu trabalho, dedicação e incentivo. Só quem recebeu seu abraço sincero, sabe o quanto este gesto, aparentemente simples, consegue dizer.

A todos os professores da UCPel, que me proporcionaram inestimáveis espaços de construção de conhecimento.

Especialmente às amigas Margarete, Renata e Sabrina, pela cumplicidade, pelo estímulo e pela amizade que me presentearam.

Um agradecimento muito especial ao meu irmão, por ter me conduzido para este caminho, por dividir comigo os fracassos e os sucessos e pelo amor que sempre me dedicou.

Ao meu grande amigo Alexandre, por ter lutado ao meu lado para conseguir realizar este sonho.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

Em uma interface entre Fonologia e Morfologia, a presente pesquisa focalizou a relação entre palavra fonológica e palavra morfológica, analisando o emprego do hífen na expressão escrita de falantes nativos de Português Brasileiro (PB).

A partir dos pressupostos da Fonologia Prosódica (Nespor & Vogel, 1986) e da Fonologia Lexical (Kiparsky, 1985), o estudo consistiu na análise de erros ortográficos referentes ao emprego do hífen em palavras prefixadas, a partir de um *corpus* constituído de dados de redações de vestibular e de um instrumento aplicado a alunos do último ano do Ensino Médio. Foram consideradas duas classificações na observância dos dados: a) palavras hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, mas escritas sem hífen pelos informantes da pesquisa; b) palavras sem hífen, segundo a Gramática tradicional, mas hifenizadas pelos informantes da pesquisa. A partir dessa perspectiva, o *corpus* foi examinado com base na categorização de prefixos, proposta por Schwindt (2000), identificando Prefixos Composicionais e Prefixos Legítimos. Os resultados foram analisados em função das motivações e dos critérios utilizados pelos usuários para o emprego ou não do hífen em palavras prefixadas da língua, com base nos suportes teóricos citados, concluindo-se que o uso da palavra prosódica, por falantes de PB, tem implicações diretas na ortografia de palavras prefixadas.

ABSTRACT

In an interface between Phonology and Morphology, the present research focused on the relationship between the phonological and the morphological word, in order to analyze the use of the hyphen in written productions of native speakers of Brazilian Portuguese.

Based on presumptions of Prosodic Phonology (NESPOR & VOGEL, 1986) and Lexical Phonology (KIPARSKY, 1985), the study analyzed orthographic errors related to the use of the hyphen in prefixed words. Texts used for analysis were University admission tests and final year High School tests. Two classifications were considered for data analysis: a) hyphenated words, according to Traditional Grammar, but written without a hyphen; b) words without a hyphen, according to Traditional Grammar, but used with a hyphen. According to the classification applied, data were analyzed based on prefix categories proposed by Schwindt (2000), identifying Authentic and Compositional Prefixes. Based on Prosodic and Lexical Phonology, the results were analyzed following motivation and criteria by the authors of the texts to apply or not the use of a hyphen in prefixed words. The present research concludes that the use of prosodic words by native speakers of Brazilian Portuguese has direct implication on the orthography of prefixed words.

SUMÁRIO

RESUMO.....	03
ABSTRACT.....	04
LISTA DE QUADROS.....	07
LISTA DE TABELAS.....	08
1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REVISÃO TEÓRICA.....	14
2.1 Fonologia Prosódica.....	14
2.2 Fonologia Lexical.....	18
2.3 Morfologia do Português	22
2.3.1 Estrutura das palavras.....	22
2.3.2 Formação das palavras em Português.....	27
2.4 A definição e o estatuto de palavra.....	32
2.4.1 Palavra morfológica.....	35
2.4.2 Palavra fonológica.....	36
2.5 Ortografia do Português.....	37

2.5.1 Caracterização do hífen.....	38
2.5.2 O hífen na Ortografia Oficial.....	40
2.5.3 As motivações para o emprego do hífen.....	45
2.6 Os prefixos do Português	49
2.6.1 Análise de Schwindt.....	49
2.6.2 Análise de Moreno.....	57
2.6.3 A lexicalização dos prefixos do português	62
3 METODOLOGIA.....	69
3.1 A constituição do <i>corpus</i> da pesquisa e a coleta de dados	69
3.2 Os informantes	74
3.3 Categorias de análise.....	75
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	76
4.1. Prefixos composicionais dissilábicos.....	76
4.2. Prefixos composicionais monossilábicos.....	106
4.3 Prefixos legítimos.....	114
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	123
5.1 Resultados do emprego de Prefixos Composicionais dissilábicos.....	124
5.2 Resultados do emprego de Prefixos Composicionais monossilábicos.....	127
5.3 Resultados do emprego de Prefixos Legítimos	132
6. CONCLUSÃO.....	139
OBRAS CONSULTADAS	143
ANEXO.....	146

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Hierarquia prosódica.....	15
Quadro 02 – Estrutura do léxico.....	21
Quadro 03 – Classificação dos morfemas.....	24
Quadro 04 – Origem dos prefixos do Português.....	25
Quadro 05 – Processos de ampliação lexical.....	28
Quadro 06 – Estrutura prosódica do Prefixo Composicional.....	53
Quadro 07 – Estrutura prosódica do Prefixo Legítimo.....	54
Quadro 08 – Distribuição dos prefixos no léxico do Português.....	55
Quadro 09 – Os prefixos e o léxico do Português Brasileiro.....	56
Quadro 10 – Estrutura do léxico.....	58
Quadro 11 – Resumo dos resultados no emprego de Prefixos Composicionais (PC's) dissilábicos em palavras não-hifenizadas e hifenizadas, nos dados do instrumento.....	125
Quadro 12 – Resumo dos resultados no emprego de Prefixos Composicionais (PC's) monossilábicos em palavras não-hifenizadas e hifenizadas, nos dados do instrumento.....	128
Quadro 13 – Resumo dos resultados no emprego de Prefixos Legítimos (PL's) em palavras não-hifenizadas e hifenizadas, nos dados do instrumento.....	133

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 - Emprego do prefixo <i>ante-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	77
TABELA 02 - Emprego do prefixo <i>anti-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	80
TABELA 03- Emprego do prefixo <i>anti-</i> em palavras hifenizadas, nos dados do instrumento.	81
TABELA 04 - Emprego do prefixo <i>arqui-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento	82
TABELA 05 - Emprego do prefixo <i>auto-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	83
TABELA 06 -Emprego do prefixo <i>auto-</i> em palavras hifenizadas, nos dados do instrumento.....	84
TABELA 07 - Emprego do prefixo <i>contra-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	85
TABELA 08 - Emprego do prefixo <i>entre-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	87
TABELA 09 - Emprego do prefixo <i>extra-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	88
TABELA 10 - Emprego do prefixo <i>extra-</i> em palavras hifenizadas, nos dados do instrumento.....	88
TABELA 11 - Emprego do prefixo <i>hiper-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	90

TABELA 12 - Emprego do prefixo <i>inter-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	91
TABELA 13 - Emprego do prefixo <i>macro-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	92
TABELA 14 - Emprego do prefixo <i>micro-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	93
TABELA 15 - Emprego do prefixo <i>mini-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	94
TABELA 16 - Emprego do prefixo <i>multi-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	95
TABELA 17 - Emprego do prefixo <i>neo-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	96
TABELA 18 - Emprego do prefixo <i>pseudo-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	97
TABELA 19 - Emprego do prefixo <i>semi-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	99
TABELA 20 - Emprego do prefixo <i>semi-</i> em palavras hifenizadas, nos dados do instrumento.....	99
TABELA 21 - Emprego do prefixo <i>sobre-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	100
TABELA 22 - Emprego do prefixo <i>super-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	101
TABELA 23 - Emprego do prefixo <i>super-</i> em palavras hifenizadas, nos dados do instrumento.....	102
TABELA 24 - Emprego do prefixo <i>tele-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	103
TABELA 25 - Emprego do prefixo <i>ultra-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	104
TABELA 26 - Emprego do prefixo <i>ultra-</i> em palavras hifenizadas, nos dados do instrumento.....	104
TABELA 27 - Emprego do prefixo <i>bem-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	106
TABELA 28 - Emprego do prefixo <i>bem-</i> em palavras hifenizadas, nos dados do instrumento.....	106

TABELA 29 - Emprego do prefixo <i>bi-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	108
TABELA 30 - Emprego do prefixo <i>mal-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	109
TABELA 31 - Emprego do prefixo <i>mal-</i> em palavras hifenizadas, nos dados do instrumento.....	109
TABELA 32 - Emprego do prefixo <i>pós-</i> em palavras hifenizadas, nos dados do instrumento.....	110
TABELA 33 - Emprego do prefixo <i>pré-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	112
TABELA 34 - Emprego do prefixo <i>pré-</i> em palavras hifenizadas, nos dados do instrumento.....	112
TABELA 35 - Emprego do prefixo <i>co-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	115
TABELA 36 - Emprego do prefixo <i>co-</i> em palavras hifenizadas, nos dados do instrumento.....	115
TABELA 37 - Emprego do prefixo <i>des-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	116
TABELA 38 - Emprego do prefixo <i>re-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	118
TABELA 39 - Emprego do prefixo <i>sub-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	119
TABELA 40 - Emprego do prefixo <i>sub-</i> em palavras hifenizadas, nos dados do instrumento.....	120
TABELA 41 - Emprego do prefixo <i>trans-</i> em palavras não-hifenizadas, nos dados do instrumento.....	122

INTRODUÇÃO

Em uma interface entre Fonologia/Morfologia, o presente trabalho propôs uma análise do comportamento da unidade palavra prosódica representado no uso, na língua escrita, de palavras portadoras de prefixo, hifenizadas e não-hifenizadas, por falantes do Português Brasileiro (PB), levando também em consideração a unidade palavra morfológica. Os dados foram coletados com o objetivo de dar subsídio a uma discussão sobre indícios da forma como os usuários do sistema ajustam suas representações de palavra prosódica e morfológica na ortografia do português através do emprego do hífen.

Mediante o exame de textos produzidos por vestibulandos, bem como a análise de dados obtidos a partir de um instrumento aplicado a alunos do último ano do Ensino Médio, buscamos a ocorrência de erros ortográficos em palavras em que há a determinação do emprego do hífen pelas normas que regem o sistema ortográfico no Brasil. Diante das inadequações encontradas, buscamos categorizar os erros, na forma escrita da língua, em função de suas motivações e dos critérios utilizados pelos usuários para o emprego ou não do hífen em palavras prefixadas, com base em suportes teóricos relativos à prosódia e à morfologia.

O trabalho buscou identificar um conjunto de dados que podem revelar-se importantes no auxílio de professores e alunos de Ensino Fundamental e Médio, a fim de contribuir para a

discussão e solução de problemas ortográficos advindos da possível falta de clareza dos constituintes prosódicos por parte dos usuários do sistema.

O objetivo geral da pesquisa consistiu na análise do uso da palavra prosódica por falantes do Português Brasileiro por meio de evidências apontadas pelo o emprego do hífen em redações de vestibular e em resposta à aplicação, a alunos da última série do Ensino Médio, de instrumento constituído de palavras prefixadas da língua.

Para atingir o objetivo geral desta pesquisa, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- a) verificar a abordagem apresentada por gramáticas tradicionais ao hífen como um diacrítico da manifestação escrita do Português;
- b) verificar a relação que tem o uso do hífen com as noções de palavra morfológica e palavra fonológica, dando tratamento particularizado às palavras prefixadas;
- c) estabelecer uma relação entre as palavras hifenizadas e as não-hifenizadas, no *corpus* estudado, com a noção de ‘palavra prosódica’, a partir dos pressupostos da Fonologia Prosódica e da Fonologia Lexical;
- d) identificar a existência de uma relação entre as noções de palavra fonológica e palavra morfológica e suas implicações na ortografia, com base no *corpus* da pesquisa;

e) verificar os critérios empregados pelos informantes para a aplicação do hífen e estabelecer relações com estudos realizados sobre prefixos do Português, com base nos pressupostos da Fonologia Prosódica e na Fonologia Lexical.

No que tange ao aspecto organizacional da dissertação, distribuímos o trabalho em 6 capítulos, os quais se subdividem em seções. O segundo capítulo traz o suporte teórico que se utilizou para o embasamento do trabalho: aborda a Teoria da Fonologia Prosódica (Nespor & Vogel, 1986) e a Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982, 1985; Mohanan, 1982, 1985), com seções destinadas à morfologia e à ortografia da língua portuguesa, com ênfase no comportamento dos prefixos da língua e com discussão do processo de lexicalização de palavras prefixadas.

O capítulo 3 apresenta inicialmente a metodologia empregada na pesquisa. Nas seções, são apresentados os critérios para a escolha dos informantes, juntamente com os procedimentos adotados na pesquisa. No capítulo 4 é contemplada a descrição e a análise dos dados, com as respectivas tabelas deles representativas. Em seguida, no capítulo 5, tratamos da discussão dos resultados obtidos, após a análise do comportamento de Prefixos Compositivos e de Prefixos Legítimos, segundo a classificação de Schwindt (2000), representados no uso da língua escrita. E por fim, no capítulo 6, são apresentadas as conclusões da pesquisa e as considerações finais.

2. REVISÃO TEÓRICA

O objetivo deste capítulo é apresentar a base teórica que fundamenta este estudo. Nas seções 1 e 2, são expostos os pressupostos da Fonologia Prosódica (Nespor & Vogel, 1986) e da Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982; 1985). Na seção 3, tratamos da Morfologia do Português Brasileiro, onde discorremos sobre a estrutura e formação das palavras, ancorando-nos nos preceitos da Gramática Tradicional. Na seção 4, detemo-nos em aspectos relativos à conceituação de palavra, aspecto fundamental à demarcação do nosso foco de estudo. A seção 5 traz considerações sobre a ortografia do Português, nas subseções caracterizamos o hífen como um diacrítico da escrita, apresentamos as normas oficiais que regulamentam a grafia do hífen, bem como, as motivações para o seu emprego. A seção e subseções seguintes são destinadas a identificar os prefixos e a estrutura das palavras prefixadas na língua e expor, segundo a teoria da Fonologia Lexical, os estudos de Schwindt (2000) e de Moreno (1997) sobre os prefixos do Português, apresentando, ao final, exame do aspecto do processo de lexicalização das palavras prefixadas.

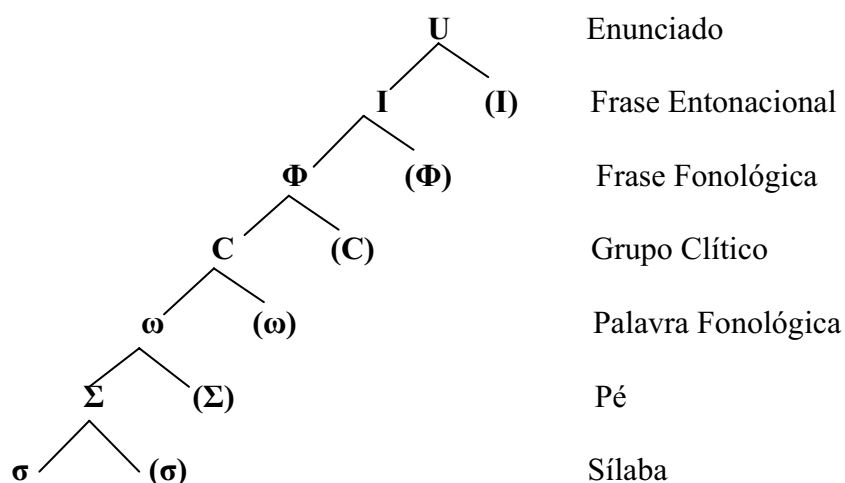
2.1 Fonologia Prosódica

A Teoria Prosódica, segundo Mira Mateus (2004), veio esclarecer e organizar os problemas postos pela importância que assumem os traços prosódicos no funcionamento das línguas. Reconhecendo que esses traços agrupam os segmentos nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico com referência às características rítmicas e de significado dos diferentes sistemas lingüísticos, propõe a existência de constituintes prosódicos hierarquicamente relacionados, que permitem estabelecer padrões prosódicos das línguas, compará-las e objetivamente analisá-las.

Segundo Nespor e Vogel (1986, p. 13), de acordo com a Teoria Prosódica, a representação mental da fala está dividida em elementos hierarquicamente organizados. No fluxo tipicamente contínuo da fala, esses fragmentos mentais, os constituintes prosódicos da gramática, estão assinalados com diferentes tipos de pistas que vão desde modificações de segmentos, até mudanças fonéticas mais sutis. Isto é, cada constituinte prosódico atua como domínio de aplicação de regras fonológicas específicas e de processos fonológicos. O desenvolvimento de uma teoria que explique esse tipo de domínio significa uma mudança de centro de interesses no estudo da fonologia [...].¹

Nespor e Vogel identificam os seguintes constituintes prosódicos que se relacionam hierarquicamente entre si e definem a organização fonológica de uma língua, conforme a representação mostrada no diagrama arbóreo em (1).

(1) Hierarquia Prosódica



(NESPOR & VOGEL, 1986)

¹ Nespor e Vogel, 1986, p. 13.

Segundo a proposta teórica de Nespor e Vogel (1986), a menor unidade da hierarquia prosódica é a sílaba, a qual combina dois ou mais segmentos em torno de um pico de sonoridade; as sílabas agrupam-se para formar pés; o pé ou os pés métricos vão constituir a palavra fonológica, que se combina com um clítico para formar o grupo clítico e, assim, sucessivamente até chegar ao enunciado.

Segundo as autoras, há quatro princípios que regulam a hierarquia prosódica:

- a) cada unidade da hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa;
- b) cada unidade está exaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;
- c) os constituintes são estruturas n-árias;
- d) a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s) e a todos os demais o valor fraco (w).

(NESPOR & VOGUEL, 1986, p.7)

Obedecendo a esses critérios, Nespor & Vogel (1986, p 7) propõem a regra de construção do constituinte prosódico da seguinte forma: Incorpore em X^P todos os X^{P-1} incluídos em uma cadeia dominada pelo domínio de X^P .

Bisol (2001, p. 231) define que, na regra, X^P é um constituinte (pé, palavra fonológica, grupo clítico, etc) e X^{P-1} é o constituinte imediatamente inferior na hierarquia.

Em virtude dos objetivos do presente trabalho, não abordamos aqui todos os constituintes que compõem a hierarquia prosódica, contudo o faremos com relação ao

constituente *palavra fonológica ou prosódica*, devido à sua importância para o estudo realizado.

Segundo as autoras, dos constituintes mais baixos da hierarquia prosódica, é a palavra fonológica que faz uso substancial de noções não-fonológicas. É a palavra fonológica (ω) que representa a interação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática. (Nespor & Vogel, 1986, p.109). Por isso sua particular relevância no estudo da formação dos vocábulos em português.

A palavra fonológica é a categoria que domina o pé, e todos os pés de uma sequência devem agrupar-se em uma palavra fonológica e nenhuma outra categoria tem a possibilidade de agrupar-se dessa maneira. Assim, todo pé está incluído de forma exaustiva em uma palavra fonológica, e nunca poderão as sílabas de um mesmo pé pertencer a palavras fonológicas diferentes.²

Quanto ao tamanho da palavra fonológica, Nespor & Vogel apontam duas possibilidades. A primeira considera que a palavra fonológica é igual ao elemento terminal de uma árvore sintática. Para exemplificar, as autoras citam o grego e o latim como línguas que mantêm isomorfismo entre a palavra fonológica e a palavra morfológica, ou seja, nessas línguas um composto constitui uma só palavra fonológica. Na segunda possibilidade, citados o sânscrito, o turco e o italiano, a palavra fonológica pode ser de tamanho menor do que o elemento terminal da árvore sintática. Nessas línguas a isomorfia nem sempre se mantém. Segundo Bisol (2004, p. 64), o português faz parte do grupo de línguas que não conserva essa correspondência entre palavra fonológica e morfológica.

² Nespor & Vogel, 1986, p.109

Para analisar a relação dos domínios prosódicos e morfológicos do português, servimo-nos do modelo teórico da Fonologia Lexical, que trata do relacionamento entre as regras que atuam entre a estrutura morfológica e fonológica das palavras.

2.2 Fonologia Lexical

O modelo teórico denominado Fonologia Lexical estuda as relações entre a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas que a ela se aplicam. Desenvolvido, inicialmente, por Kiparsky (1982, 1985) e Mohanan (1982, 1985), defende que a estrutura do léxico de uma língua está organizada em uma série de níveis ou estratos ordenados, os quais são os domínios de regras morfológicas e regras fonológicas.

As raízes da língua, que são potenciais candidatas ao recebimento de afixos, encontram-se na parte mais profunda do léxico. Os afixos vão sendo agregados a elas de acordo com a disposição dos processos morfológicos envolvidos. Em um mesmo estrato ou nível podem ser aplicadas, segundo a teoria, regras morfológicas e fonológicas. As regras fonológicas são aplicadas depois de cada operação morfológica (HERANDORENA, 2001 p. 69).

A teoria defende que regras de formação de palavras e regras fonológicas são aplicadas de forma inter-relacionada, em estratos ordenados³; assim sendo, para carregar a informação morfológica, colchetes são utilizados na representação, tendo a propriedade de indicar os níveis morfológicos e os ciclos envolvidos no processo de derivação.

³ Hernandorena, 2001, p.69

A Fonologia Lexical distingue dois grandes componentes: o lexical, com regras atuando somente sobre palavras, e o pós-lexical, com regras atuando sobre palavras e também sobre seqüências maiores do que ela. Também aponta, em especial, quatro princípios ou mecanismos reguladores para a identificação das diferenças entre as regras fonológicas lexicais e as pós-lexicais, que podem auxiliar na definição de onde e como uma regra se aplica: a) o Princípio da Preservação de Estrutura; b) a Condição do Ciclo Estrito, c) Elsewhere Condition e d) Convenção de Apagamento de Colchetes. A caracterização sucinta desses princípios é apresentada a seguir.

a) Princípio da Preservação de Estrutura – determina que as regras lexicais não podem criar estruturas não pertencentes ao sistema da língua. Desse modo, o princípio tem a atribuição de assegurar que as regras envolvidas com a formação de palavras sejam fiéis ao sistema fonológico da língua. As regras pós-lexicais não estão sob o domínio desse princípio, visto que não se aplicam à estrutura interna das palavras.

b) Condição do Ciclo Estrito – essa condição restringe a aplicação de regras cíclicas apenas a estruturas resultantes de alguma operação morfológica ou fonológica. Segundo explica Hernadorena⁴, a ciclicidade não é propriedade inerente às regras, o que quer dizer que uma regra é cíclica como resultado da organização do léxico.

c) Elsewhere Condition – é o princípio que tem a função de resolver conflitos entre duas regras disjuntivas em determinado ponto da derivação. Duas regras estão em relação disjuntiva quando são mutuamente exclusivas. Dessa competição entre duas regras, a mais restrita ou mais específica tem prioridade de aplicação sobre a mais geral.

⁴ Hernadorena, 2001, p.72

d) Convenção de Apagamento de Colchetes – essa convenção estipula que ao final de cada estrato os colchetes, que marcam a estrutura morfológica, são apagados. Dessa forma, a estrutura interna de um estrato de número mais baixo não estará disponível nos estratos de número mais alto.

A localização de uma regra no léxico ou no pós-léxico é determinada pelo seu domínio, em termos de componente e estrato, isto é, não há regras específicas de um domínio; a aplicação depende dos princípios que regem a teoria. Na ocorrência de uma regra ser aplicada nos dois componentes, os efeitos poderão ser diferenciados em razão dos princípios que os regem.⁵

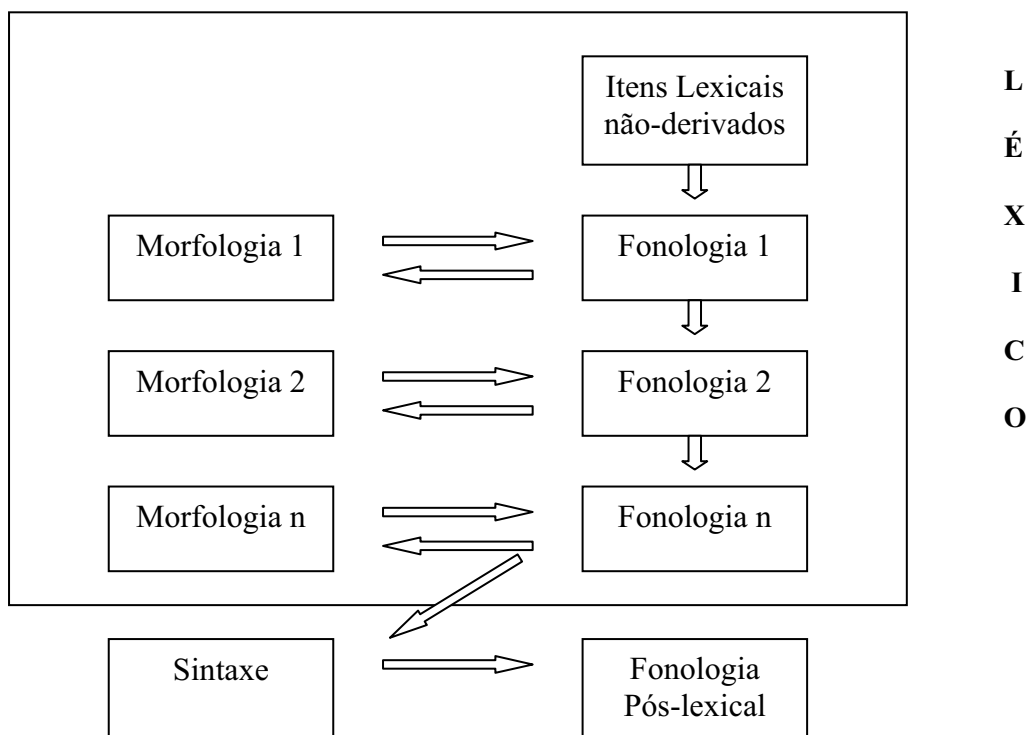
No componente lexical, há dois tipos de regras: cíclicas e não-cíclicas, sendo que: a) as regras lexicais cíclicas são aquelas que interagem com as regras morfológicas de forma direta e que se reaplicam após cada processo de formação de palavras e b) as regras lexicais pós-cíclicas são as que não interagem com a morfologia, uma vez que se aplicam depois de todos os processos morfológicos.

As regras pós-lexicais são aquelas que se aplicam após a derivação das sentenças pelo componente sintático; elas podem aplicar-se no interior das palavras, mas desconhecem quaisquer informações morfológicas.

A estrutura do léxico assumida pela Fonologia Lexical, através de Kiparsky (1985), pode ser representada conforme aparece em (2):

⁵ Hernandorena, 2001, p. 72

(2) Estrutura do Léxico



(KIPARSKY, 1985)

Conforme a estrutura mostrada, a Fonologia Lexical aplica o conceito de morfologia ordenada em níveis e, em cada nível, os itens do léxico estão subordinados a processos morfológicos e a regras fonológicas. A proposta é que morfemas lexicais sejam “chamados” para constituir novas palavras; ao entrar no léxico da língua, estão sujeitos a regras morfológicas e fonológicas; a coluna da direita representa as regras fonológicas, e a coluna da esquerda, as regras morfológicas. No processo de derivação, a saída de cada regra morfológica é a entrada para regras fonológicas e vice-versa. A saída do último estrato alimenta a sintaxe, ou seja, os vocábulos gerados pelo léxico permitem a constituição de sintagmas, através de regras de inserção lexical. Por fim, esses sintagmas sujeitam-se a novas regras fonológicas através do componente pós-lexical (SCHWINDT, 2000, p.40).

A Fonologia Lexical, segundo Bisol (2005), dispõe de recursos para diferenciar regras de aplicação restrita de regras de uso geral, regras de mudança estrutural de regras de implementação e, com princípios e condições, dirime a opacidade de muitas regras e alcança generalizações. Ensina-nos, sobretudo, a olhar para os fatos da língua à luz de princípios universais.

2.3 Morfologia do Português

Nesta seção tratamos do sistema morfológico da língua portuguesa com o objetivo de definir a estrutura interna das palavras e seus elementos. Em seguida, abordamos os processos de formação das novas palavras apoiados nas informações contidas nas Gramáticas Tradicionais.

2.3.1 Estrutura das palavras

As palavras como signos lingüísticos, segundo Celso Luft (1989, p.72), não são apenas organismos significantes sonoros, divisíveis em sílabas e fonemas, mas são também organismos significativos que integram o sistema de sinais da língua, decomponíveis em constituintes imediatos portadores de significação lexical e gramatical. Ao falar sobre esses organismos significativos, o autor refere-se aos morfemas, que são as categorias morfológicas e semânticas da língua. Quanto à natureza de significação, portanto, os morfemas classificam-se em morfemas lexicais⁶ e morfemas gramaticais⁷.

Na avaliação de Cunha & Cintra (2001, p. 76), os morfemas lexicais têm significação *externa*, porque se vinculam aos fatos do mundo extralingüístico, aos símbolos básicos de

⁶ Os morfemas lexicais são também chamados de lexemas ou semantemas. São eles os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios de modo.

⁷ São morfemas gramaticais os artigos, os pronomes, os numerais, as preposições, as conjunções e os demais advérbios, bem como as formas indicadoras de número, gênero, tempo, modo ou aspecto verbal.

tudo o que os falantes distinguem na realidade objetiva ou subjetiva. Já a significação dos morfemas gramaticais é *interna*, pois deriva das relações e categorias levadas em conta pelo estudo sistemático da língua.

Conforme o diagrama em (3) podemos dividir os morfemas em nuclear e periférico, sendo o morfema nuclear composto pela raiz ou radical. Não há consenso, nas gramáticas normativas do Português, sobre a definição de raiz e radical. Cegalla (2001, p.61) considera que a raiz é um elemento originário e irreduzível em que se concentra a significação das palavras, consideradas no seu aspecto histórico. O termo radical é designado como o elemento básico e significativo das palavras, analisadas sob o aspecto gramatical. O mesmo autor enfatiza que:

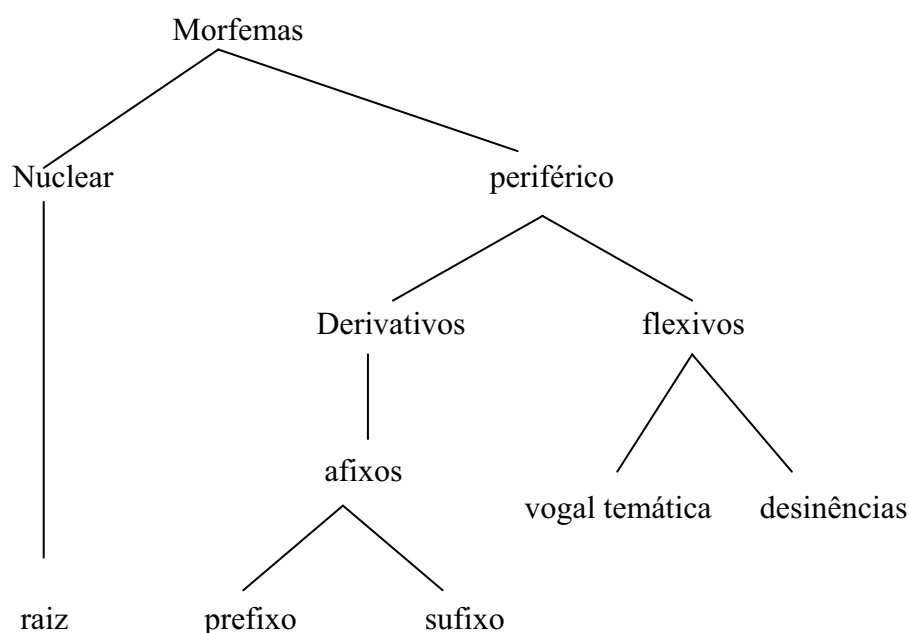
O estudo das raízes foge à finalidade da gramática normativa, só interessa à gramática histórica ou, mais precisamente, à etimologia. Numa análise morfológica elementar das palavras portuguesas deve-se preterir a raiz e partir para o radical

(CEGALLA 2001, p. 91)

Celso Luft adota a definição dada por Saussure (1949, p. 255), que diz que raiz é um “elemento irreduzível e comum a todas as palavras de uma mesma família”, portanto, ela exprime uma significação ampla, abstrata e genérica. A significação específica fica ao encargo dos afixos. Em outras palavras, a raiz define-se como o menor segmento significativo das palavras que resta quando se eliminam as desinências, a vogal temática, sufixos e prefixos.

O diagrama em (3) representa a classificação dos morfemas em um sistema binário de oposições.

(3) Classificação dos morfemas



(LUFT, 1989, p. 72)

Da determinação de morfemas periféricos decorrem os afixos, que abrangem tanto os prefixos quanto os sufixos do português. São eles elementos que se anexam à raiz ou radical para: (1) mudar-lhe o sentido (ex.: comum – *incomum*), (2) introduzir uma idéia secundária (ex.: livro – *livreco*) ou (3) incluí-la em uma das classes de palavras (ex.: civil – *civilizar*). Os afixos que se antepõem ao radical chamam-se ‘prefixos’ e os que a ele se pospõem denominam-se ‘sufixos’.

Os prefixos, em geral, se agregam a verbos (*reter*, *conter*, *deter*), ou a adjetivos (*infeliz*, *desleal*). Esse tipo de afixo tem mais força significativa que os sufixos, pois podem

operar como formas livres, ou seja, ter existência independente na língua, enquanto os sufixos não possuem essa característica.

Ao longo do trabalho serão utilizados, para critério de identificação sincrônica dos prefixos, a procedência e o sentido de alguns deles. Por esse motivo, listamos, em (4), a origem e o significado dos prefixos do português que foram utilizados no presente estudo. O quadro mostra os prefixos do português na primeira coluna; na segunda coluna, o seu significado ou significados e, na terceira, a origem (L=latina, G = Grega); por fim, na quarta coluna, a fonte⁸, sendo utilizado o número 1 para a Gramática de Bechara (1999); 2 para a Gramática de Cegalla (2001), 3 para a Gramática de Celso Cunha & Lindley Cintra (2001) e 4 para o Dicionário Aurélio Eletrônico, versão 3.0 (novembro de 1999)⁹.

(4) Prefixos do Português, significado e origem

PREFIXO	SIGNIFICADO	ORIG.	FONT
ab, abs, a	afastamento, separação, privação	L	1, 2, 3
ad, a	movimento para aproximação, adicionamento, passagem para outro estado	L	1, 2, 3
ante	antes, anterioridade, procedência	L	1, 2, 3
anti	oposição, ação contrária	G	1, 2, 3
arqui, arque (arce)	superioridade hierárquica, primazia	G	1, 2, 3
auto	de si mesmo	G	4
bene, bem, ben	bem, excelência de um fato ou ação	L	1, 2, 3
bis, bi, bin	duplicidade, repetição	L	2, 3
cum, com, con, co, cor	companhia, sociedade, concomitância	L	1, 2, 3
contra	oposição, situação fronteira, direção contrária	L	1, 2, 3
de	movimento para baixo, separação, intensidade, negação	L	1, 2, 3
de(s), di(s)	negação, ação contrária, afastamento	L	1, 2, 3
di	duplicidade, intensidade	G	1, 2, 3
ex, es, e	movimento para fora, mudança de estado, esforço, antigo	L	1, 2, 3

⁸ A escolha das fontes de referência baseou-se na bibliografia sugerida pelas escolas públicas do município de Rio Grande – RS.

⁹ A numeração foi dada segundo o critério alfabético.

PREFIXO	SIGNIFICADO	ORIG.	FONT
hiper	sobre, superioridade, excesso	G	1, 2, 3
in, im, i	sentido contrário, negação, privação	L	1, 2, 3
infra	abaixo, na parte inferior	L	2, 3
inter, entre	posição no meio, reciprocidade	L	1, 2, 3
intro	dentro	L	2, 3
intra	posição interior, movimento para dentro	L	1, 2, 3
justa	proximidade, posição ao lado	L	2, 3
macro	grau aumentativo	G	4
male, mal	opõem-se a bene	L	2, 3
micro	proporção menor, pequeno	G	1
mini	mínimo, muito pequeno	L	1
multi	muitos	L	2
neo	novo, moderno	G	4
ob, o	posição fronteira	L	2
pan	tudo, todo	G	2
post, pos, pós	posição posterior, atrás, depois	L	2,3
pre, pré	anterioridade, antecedência, superioridade, acima	L	1, 2,3
pro, pró	movimento para frente, em lugar de, em favor de, diante	L	1, 2,3
pro	anterioridade	G	1, 2,3
proto	início, começo, anterioridade	G	1,2
pseudo	falso	G	4
re	movimento para trás, repetição, intensidade	L	1, 2,3
recém	recentemente, forma apocopada de recente	L	4
semi	metade de, quase, que faz as vezes de	L	1, 2, 3
sub, sob, so	posição inferior, em baixo de, inferioridade, deficiência, ação incompleta	L	1, 2, 3
sobre, super	posição superior, saliência, excesso, depois	L	1, 2, 3
soto, sota	posição inferior, debaixo, logo após	L	1,4
supra	acima	L	1,2
tele	distância, afastamento, controle feito a distância	G	1,2
trans, tras, tres, tra	além de, através de	L	1, 2, 3
ultra	além de, excesso	L	2
vice, vis, vizo	em lugar de, imediatamente abaixo	L	2,3

Para concluir esta seção, apresentamos algumas considerações sobre os morfemas periféricos que constituem o diagrama representativo em (3), ou seja, a vogal temática e as

desinências. A vogal temática é o elemento que, acrescido ao radical, forma o tema de nomes e verbos; por exemplo, a vogal temática *-a* serve para caracterizar os verbos da 1ª conjugação, *-e* para a 2ª e *-i* para a 3ª conjugação dos verbos. Por fim, as desinências são elementos mórficos terminais indicativos das flexões das palavras. Esses elementos servem para indicar o gênero e o número dos substantivos, dos adjetivos e de certos pronomes, como também o número e a pessoa dos verbos.

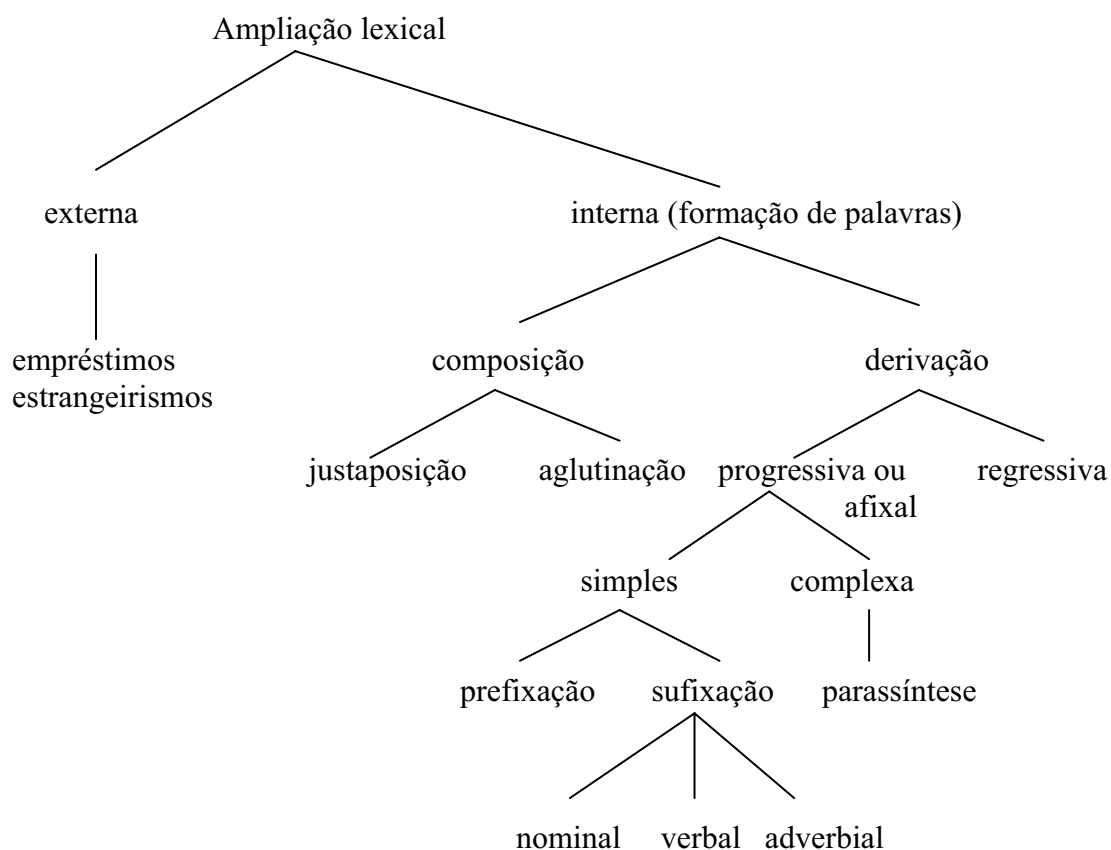
2.3.2 Formação das palavras em Português

As múltiplas atividades dos falantes em sociedade favorecem a criação de novas palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. O acervo lexical da língua portuguesa é constituído de grande número de palavras de origem latina, além de vocábulos formados em nosso próprio idioma e, através das relações com outras culturas e civilizações, palavras de outros idiomas enriqueceram o patrimônio lexical brasileiro.

Para a expansão dos recursos vocabulares ou lexicais, serve-se a língua de dois recursos gerais: a ampliação lexical interna e a externa. A ampliação lexical externa ocorre com a implementação de estrangeirismos ou empréstimos de outros idiomas; e a ampliação interna dá-se com a formação vernácula de palavras, usando raízes, radicais e afixos da língua.

Os diversos processos de ampliação lexical podem ser representados como no diagrama em (5):

(5) Processos de ampliação lexical



(LUFT, 1989, p. 78)

Derivação é o processo de criação que consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos adicionados à palavra-base. Segundo Laroca (2001), sendo a derivação um processo sincrônico, o falante nativo deverá ter a possibilidade de depreender os morfes constituintes, bem como ter consciência do acervo de afixos disponíveis e produtivos para a formação e decodificação de novas palavras.

São dois os tipos de derivação, segundo Luft (1989): a derivação progressiva ou afixal e a derivação regressiva, conforme o diagrama apresentado em (5). A derivação progressiva pode ainda ser simples ou complexa. A primeira dispõe da prefixação ou da sufixação para a constituição de novas palavras e a segunda emprega o acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo na ampliação de palavras já existentes; é a chamada derivação parassintética.

Na derivação progressiva sufixal formam-se novos substantivos, adjetivos, verbos ou advérbios. Daí classificar-se o sufixo em (a) nominal, quando se aglutina a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo, ex: *pont-eira*, *pont-inha*, *pont-udo*; (b) verbal, quando ligado a um radical dá origem a um verbo, ex: *suav-izar*, *amanh-ecer*; (c) adverbial, que se utiliza sufixo *-mente*¹⁰, acrescentado à forma feminina de um adjetivo, ex: *bondosa-mente*, *perigosa-mente*. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o derivado (*real* – *realidade*, adjetivo → substantivo), embora possa não alterar-lhe a categoria (*feio* – *feioso*, adjetivos).

Na derivação prefixal formam-se palavras anexando um morfema (o prefixo) antes da palavra já existente. Não há concordância a respeito do processo formativo de palavras por prefixação: alguns autores a consideram um processo de composição, outros a consideram um processo de derivação. Isto se deve a que os prefixos são, na maioria, preposições e advérbios (*ante*, *com*, *de*, *em*, *entre*, *pos*, *sob*, *sobre*, etc), sendo, portanto, originalmente palavras, não ficando bem demarcada a fronteira entre a derivação prefixal e a composição.

Por derivação regressiva entende-se o processo de formação de palavras pela redução de palavra já existente. A redução se faz mediante a supressão de elementos terminais

¹⁰ O único sufixo adverbial que existe em português, segundo Cunha & Cintra (1989), é *-mente*, oriundo do substantivo latino *mens*, *mentis* “a mente, o espírito, o interno”. Com o sentido de intenção e, depois, com o sentido de “maneira”, passou a aglutinar-se a adjetivos para indicar circunstâncias, especialmente a de modo.

(sufixos, vogal temática ou desinências), por exemplo, *mudar-muda*, *castigar-castigo*, *abalar-abalo*.

O processo de ampliação do léxico do português por composição fundamenta-se em formar palavras pela união de dois ou mais radicais. Nessa combinação, os elementos primitivos perdem parcial ou totalmente a significação própria em benefício de uma nova significação global. A palavra composta exprime um conceito novo, uma idéia única e autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes.

Conforme Bechara (1999, p. 355), a composição consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Essa composição pode-se dar entre:

- a) substantivo + substantivo, que, por sua vez, pode ser por coordenação ou subordinação. Na primeira, o determinante precede o nome: *mãe-pátria*, *papel-moeda*; ou o determinante vem depois: *peixe-espada*, *couve-flor*.¹¹ Na segunda, há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris*¹², *pão-de-ló*. Os elementos se unem por uma relação de complemento do substantivo, do adjetivo ou do verbo.
- b) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa): *aguardente*, *belas-artes*, *boquiaberto*.
- c) Adjetivo + adjetivo: *surdo-mudo*, *luso-brasileiro*.
- d) Pronome + substantivo: *Nosso Senhor*

¹¹ Os compostos com o determinante antes do determinado são tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos, um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos em que o determinante vem antes do determinado são mais raros: *mãe-pátria*.

¹² É natural no Português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por arco de íris; Íris é nome mitológico); *porco-espinho* (porco de espinho); *beira-mar* (beira do mar).

- e) Numeral + substantivo: *segunda-feira, bisneto, trigêmeo*.
- f) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo: *benquisto, bem-querer, malcriado, sempre-viva*.
- g) Verbo + substantivo: *lança-perfume, porta-voz, passatempo*.
- h) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo: *vaivém, corre-corre, leva-e-traz*.
- i) Verbo + advérbio: *ganha-pouco, pisa-mansinho*.

Conforme a fusão de seus constituintes, a forma da composição pode-se dar por aglutinação ou por justaposição. Nas palavras compostas por justaposição, os elementos conservam a sua integridade ou autonomia fonética, isto é, conservam os fonemas e os acentos primitivos. A grafia dessas palavras pode-se manter inalterada (*malcriado, vaivém*), em alguns casos interpondo-se entre elas o hífen (*arco-íris, amor-próprio, via-láctea*).

No processo de formação de palavras compostas por aglutinação ocorre a fusão ou maior integração dos dois radicais. Essa maior integração manifesta-se pela perda da delimitação vocabular decorrente da existência de um único acento tônico ou da troca ou perda de fonema. Na opinião de Bechara (1999), a adaptação da primeira palavra pode-se dar de quatro formas: a) mudança da parte final em relação à mesma palavra isolada, ex.: *lobis* (comparar *lobo*, em *lobisomem*); b) redução da palavra ao seu elemento radical, ex.: *planalto* (*plan-é* o radical de *plano*); c) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada, ex.: *vinicultura* (*vin- vinh*); d) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada, ex.: *agricultura* (*agr-* corresponde a campo, em palavra isolada). Na segunda palavra do composto por aglutinação podem ocorrer alterações, como a mudança da parte final (ex.: *monocórdio* – instrumento de uma só *corda*), ou do elemento radical (ex.: *vinagre* – vinho que

é *acre*, ácido), ou, ainda, com um elemento radical diverso da correspondente palavra isolada (ex.: *agrícola- cola* – idéia de habitar ou cultivar).

Por seus objetivos, no presente trabalho são focalizados, basicamente, os processos de prefixação na formação lexical.

2.4 A definição e o estatuto de palavra

Se observarmos as gramáticas clássicas do Português, constataremos que o conceito de palavra não é expresso com clareza, mas tomado implicitamente. Segundo Basílio (2004), isso se verifica porque, nas gramáticas tradicionais, o modelo subjacente é o modelo “Palavra e Paradigma”. A gramática clássica dividia-se em três partes: flexão (ou *acidentia*), derivação (ou formação de palavras) e sintaxe. Apesar de consideradas como “todos indivisíveis” sob o ponto de vista morfológico, as palavras apresentavam flexões, isto é, variações acidentais em suas formas, dentro de diferentes paradigmas, segundo Laroca (2001, p.11). Para essa gramática, o essencial era a classificação das palavras de acordo com essas características variáveis ou acidentais como, por exemplo, a classificação dos verbos em declinações. Nesse modelo de análise, a palavra é considerada a unidade central, ou seja, a palavra é entendida como a unidade mínima de análise lingüística.

A conceituação de palavra, no entanto, passou por diferentes delimitações, em vários momentos da história da lingüística. No século XIX, com o crescimento das investigações no âmbito da Lingüística Histórica, passa a haver uma preocupação geral dos lingüistas com a estrutura interna da palavra. Pretendia-se, na época, descobrir a origem da linguagem através do estudo da evolução das palavras em indo-europeu; decorrência dessa postura foi a ascensão da relevância dos elementos formativos em detrimento da palavra como um todo, pois os

gramáticos consideravam as formas mínimas constituintes das palavras como elementos originários. Conforme Basílio (2004, p. 74), a questão da definição e estatuto da palavra passa a ter mais peso no Estruturalismo Americano, dada a primazia do morfema como unidade morfológica, como consequência do estudo histórico das línguas, passando-se a considerar a cadeia fônica como base da análise lingüística. O princípio Estruturalista Americano, na descrição de línguas indígenas, demandava por critérios de classificação. Surge então, além da questão teórica, um problema de metodologia: que unidades deveriam ser consideradas palavras? De acordo com Bloomfield (*apud* BASÍLIO, 2004), uma forma é um traço vocal recorrente que tem significado, sendo que todo enunciado é inteiramente constituído de formas. Dentro desse quadro, define-se a palavra através das seguintes afirmações: (a) um X mínimo é um X que não consiste inteiramente de X's menores, (b) uma forma que pode ser um enunciado é livre, (c) uma forma livre mínima é uma palavra. Em *Language* (1933), o mesmo autor identifica uma forma livre composta de duas formas livres menores como um sintagma; a palavra é a forma livre que não é um sintagma. Acrescenta ele que, na medida em que apenas as formas livres se podem constituir isoladamente num enunciado, a palavra, unidade mínima enquanto forma livre, exerce um papel importante em nossa atitude em relação à língua: a palavra é a menor unidade do discurso.

Por outro lado, O Estruturalismo Europeu, representado por Saussure, problematiza os métodos correntes de delimitação:

...muito se tem discutido sobre a natureza das palavras e, refletindo-se um pouco, vê-se que o que se entende por isso é incompatível com a noção que temos de uma unidade concreta. []...basta pensar na palavra *cheval* (“cavalo”) e em seu plural *chevaux*. Diz-se corretamente que são duas formas da mesma palavra; todavia, tomadas na sua totalidade, são duas coisas bem diferentes, tanto no sentido como pelos sons.

(SAUSSURE, 1916, p. 122)

Conforme Basílio (2004, p.77), os dois conceitos refletem dois enfoques do estruturalismo: a estrutura do enunciado e a estrutura do sistema lingüístico; e dois pontos cruciais de desafio a definições: a relação lexema-vocábulo-palavra e a questão da identificação da palavra na corrente da fala e sua distinção com a palavra enquanto unidade lingüística.

Câmara Jr., em *Problemas de Lingüística Descritiva*, adota a definição de vocábulo para duas unidades diferentes sob o mesmo nome:

O grande problema, no âmbito da língua oral, é que por “vocábulo” se entendem duas entidades diferentes. De um lado, há o vocábulo “fonológico”, que corresponde a uma divisão espontânea na cadeia de emissão vocal. De outro lado, há o vocábulo “formal ou mórfico”, quando um segmento fônico se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua. Há certa correspondência entre as duas entidades, mas elas não coincidem sempre e rigorosamente.

(CÂMARA JR., 1969, p. 34).

O autor esclarece o princípio norteador da divisão na emissão da cadeia da fala, afirmando que os vocábulos fonológicos não se separam por pausas no fluxo da fala: *Em português, o vocábulo fonológico depende da força de emissão das suas sílaba*. Define ainda que: *A verdadeira marca de delimitação vocabular é a pausa prosódica*. Através dessa definição, o autor estava direcionando o estudo a uma base oral em oposição à tradição de base escrita. Observa que *a língua escrita não tem em vista o vocábulo fonológico, e, sim, o vocábulo mórfico ou formal* (CÂMARA JR., 1969, p.36).

2.4.1 Palavra morfológica

Em sua descrição do sistema fonológico do Português, Câmara Jr. (1969) distingue a palavra morfológica da palavra fonológica, conforme referido anteriormente. A diferença fundamental, embora se pressuponha interação entre ambas, é que a palavra morfológica está relacionada ao significado e a palavra fonológica está relacionada ao ritmo.

Há dois termos, grosso modo, equivalentes, “vocábulo” e “palavra”, cuja distribuição complementar de uso não está bem fixada. O melhor critério para essa distribuição parece ser o de atribuir a “vocábulo” uma significação geral e considerar “palavra” um tipo especial de vocábulo, de aplicação restrita aos nomes e verbos, em correspondência com a distinção do “léxico” de uma língua em face da sua gramática...

(CÂMARA JR., 1969, p.37).

Câmara Jr., baseando-se em Bloomfield, define o vocábulo morfológico ou formal em Português, tendo em vista o seu funcionamento no nível da frase. De acordo com o lingüista americano, as unidades formais de uma língua podem ser *livres* ou *presas*. As primeiras constituem uma seqüência que pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente. Por exemplo, no enunciado “O que você vai revender? Livros”, o vocábulo “Livros” está operando como uma forma livre. As formas presas, no entanto, só funcionam ligadas a outras, como o prefixo *re-*, no vocábulo *revender* e a marca de plural *-s* em *livro-s*. O vocábulo formal ou morfológico apresenta-se como a unidade a que se chega quando não é possível uma nova divisão em duas ou mais formas livres.

De modo a abranger os artigos, preposições e pronomes átonos, Câmara Jr. (1967, p.88) introduziu um terceiro conceito, o conceito de *formas dependentes*, as quais funcionam ligadas às formas livres. O autor conceitua a forma dependente como uma forma que não é

livre nem presa, porque não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente e porque é suscetível de duas possibilidades para se separar da forma livre a que se acha ligada: de um lado, entre ela e essa forma livre pode-se intercalar uma, duas ou mais formas livres. Por outro lado, quando tal não é permissível, como nos pronomes átonos que funcionam junto ao verbo, resta a alternativa de ela mudar de posição em relação à forma livre a que está ligada (CÂMARA JR, 1970, p.70).

Celso Luft faz a distinção entre vocábulo, palavra¹³ e termo, definindo seus conceitos através de três campos da Gramática. O *vocábulo*, por ele definido, corresponde a uma entidade fônica, visto como um conjunto de fonemas e sílabas, providas ou não de tonicidade (LUFT, 1989, p.131). A *palavra* é contemplada como unidade mórfica, portadora de significação externa (lexical) ou interna (gramatical) estruturada semanticamente na base de um radical, enquanto o *termo* pertence à esfera frásica da gramática.

Assim, na condição de elemento semântico e funcional de um contexto, de uma cadeia sintaticamente organizada, a palavra é analisada com *termo*.

2.4.2 Palavra fonológica

No desenvolvimento dos diferentes capítulos que compõem este trabalho, tratamos muitas vezes do constituinte palavra fonológica ou palavra prosódica, devido à sua importância para o estudo aqui proposto. Em seções precedentes (seções 2.1 e 2.4.1), não somente conceituamos *palavra fonológica*, como a identificamos como uma unidade da hierarquia prosódica das línguas (ver (1), na seção 2.1) e a relacionamos com o constituinte palavra morfológica. Convém salientar que ambos – palavra fonológica e palavra morfológica

¹³ Neste trabalho optamos por utilizar indistintamente os termos vocábulo e palavra, por não interferir no resultado da pesquisa.

– são tratados de forma inter-relacionada pela Teoria da Fonologia Lexical (seção 2.2), mas que, conforme ressalta Bisol (2004, p. 229), não apresentam necessária isomorfia entre si: têm suas próprias regras e princípios e também não apresentam compromissos de isomorfia com os constituintes de outras áreas da gramática.

Na presente seção, é pertinente retomar que, segundo Nespor & Vogel (1986), o que define uma palavra fonológica ou prosódica é o fato de portar um e somente um acento primário.

2.5 Ortografia do Português

O português é língua que tem um sistema de escrita alfabética. Assim, cada letra ou uma sequência de letras tenta representar um fonema do sistema lingüístico. Além das letras, representativas dos segmentos vocálicos e consonantais que integram a língua, o sistema ortográfico do português utiliza-se de sinais gráficos que exercem variadas funções. Esses símbolos tanto podem ser usados como marcadores de um traço fonológico, quanto podem indicar exceções de uma regra ortográfica, distinguir tipos de enunciados ou simplesmente podem ser utilizados como um recurso estilístico para realçar uma idéia.

Podemos separá-los em duas classes, conforme a sua colocação na escrita: (a) a dos diacríticos, que se colocam no nível das palavras; (b) a dos sinais de pontuação, que atuam no nível da frase. Segundo Câmara Jr. (1968, p. 115), os diacríticos são sinais gráficos que conferem às letras ou grupos de letras um valor fonológico especial. Os acentos agudo, grave, circunflexo, til, o trema, o apóstrofo e o hífen são enumerados pelo autor como diacríticos da ortografia do português. Enfocamos, a seguir, o hífen como um desses diacríticos da escrita, devido à sua importância na pesquisa realizada.

2.5.1 Caracterização do hífen

O hífen é diacrítico que, na escrita, une diferentes palavras fonológicas em uma única palavra morfológica ou une duas palavras morfológicas em uma única palavra fonológica ou grupo clítico. A falta de correspondência entre a palavra fonológica e a palavra morfológica torna-se, portanto, especialmente relevante em nosso estudo por verificar-se nesse contexto a incidência do hífen como diacrítico característico da escrita. Consideremos a palavra composta do português, *mestre-sala*, como exemplo. Utilizamo-nos, portanto, de dois vocábulos já conhecidos e formamos uma palavra composta, ou seja, uma palavra morfológica, para expressar um novo conceito.

Podemos ainda afirmar que utilizamos estruturas sintáticas para fins lexicais, ou seja, formamos palavras pela junção de dois elementos de significação própria e de existência independente no léxico para formar apenas um elemento lexical. Nesse caso, essa união é marcada pelo hífen como identificador da criação de um novo termo, uma nova palavra morfológica (ver seção 2.5.2).

No entanto, observamos que, no exemplo acima mencionado, os dois vocábulos formadores de um novo conceito conservam o acento primário original (*méstre-sála*), o que implica que permaneçam, portanto, com as suas características prosódicas primitivas. Assim, o vocábulo *mestre-sala* corresponde a uma palavra morfológica e a duas palavras fonológicas, com cada elemento detendo um acento primário.

É nesse desencontro entre a palavra morfológica e a palavra fonológica que ocorre o emprego do hífen, o qual se insere, na ortografia do português, como uma tentativa de solucionar o descompasso existente entre a palavra morfológica e a palavra fonológica,

unindo essas duas características da língua, ou seja, o hífen identifica uma palavra morfológica apesar da não existência de uma única palavra fonológica. Em outras palavras, podemos dizer que o hífen opera no desencontro entre a palavra morfológica e palavra fonológica, marcando a simultaneidade dessa particularidade da língua.

Câmara Jr, em *Estrutura da Língua Portuguesa* (1970), fornece exemplos da falta de correspondência entre a palavra fonológica e a palavra morfológica e, por consequência, da aplicação do hífen como uma característica desse desencontro.

A forma dependente é apontada pelo autor como primeiro exemplo em Português da falta de coincidência absoluta entre vocábulo fonológico e vocábulo formal. Em *fala-se*, por exemplo, junta-se pelo hífen a forma livre (*fala*) e a forma dependente (*se*) que com aquela constitui um único vocábulo fonológico.

O vocábulo composto por justaposição é o segundo exemplo dado, porém com a ocorrência oposta. Dois vocábulos fonológicos passam a constituir um só vocábulo formal, conforme nosso exemplo *mestre-sala*.

Na língua escrita cabe ao hífen, ou traço de união, assinalar essa circunstância. Com ele a nossa ortografia procura um compromisso entre o critério mórfico, que primordialmente a orienta na separação dos vocábulos, e o critério fonológico.

(CÂMARA JR, 1966, p. 37)

2.5.2 O hífen na Ortografia Oficial

Na caracterização do hífen como diacrítico usado na forma escrita da língua, as chamadas Gramáticas Tradicionais seguem a Ortografia Oficial, determinada pelo Decreto nº 5186, de 13 de janeiro de 1943. Esse decreto oficializou e tornou obrigatório um acordo feito entre Brasil e Portugal a fim de unificar a ortografia da língua portuguesa. Assim, o Governo Brasileiro encarregou a Academia Brasileira de Letras de organizar o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, tomando por base o livro similar que a Academia das Ciências de Lisboa já publicara em 1940.

O hífen tem suas raízes no grego (do advérbio *huphén*, que quer dizer *juntamente*). Foi introduzido em nossa língua por meio do latim tardio *hyphen*; no século XVI, tinha a forma histórica *hyphen*. Segundo Coutinho (1976), primitivamente era o hífen um pequeno traço em forma de arco de concavidade voltada para cima (∩), usado abaixo de duas letras para indicar que elas pertenciam à mesma palavra. Posteriormente, passou a ser usado para unir duas palavras, sendo representado pela letra v com um traço de cada lado (-v-). Reduziu-se finalmente ao pequeno traço que conhecemos e que serve para: (a) ligar os elementos formadores das palavras compostas; (b) ligar alguns prefixos a radicais; (c) ligar pronomes oblíquos aos verbos; (d) indicar a partição dos vocábulos no final da linha ou a sua divisão silábica. Os usos do hífen referidos nos itens (a) e (b) têm relação direta com o presente trabalho e são os abordados no estudo aqui proposto.

O sistema ortográfico atualmente em vigor no Brasil é datado de 1943, como já referido, sob as normas do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, doravante *VOLP*, publicado no mesmo ano pela Academia Brasileira de Letras (ABL). A grafia do hífen encontra-se no capítulo XIV, conforme o texto abaixo, reproduzido na íntegra:

Art. 45. Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido.

Art. 46. Dentro desse princípio, deve-se empregar o hífen nos seguintes casos:

1º - Nas palavras compostas em que os elementos, com a sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto constitui uma unidade semântica: *água-marinha*, *arco-íris*, *galinha-d'água*, *couve-flor*, *guarda-pó*, *pé-de-meia* (mealheiro; pecúlio), *pára-choque*, *porta-chapéus*, etc.

Observação 1.^a – Incluem-se nesta norma os compostos em que figuram elementos foneticamente reduzidos: *bel-prazer*, *és-sueste*, *mal-pecado*, *su-sueste*, etc.

Observação 2.^a – O antigo artigo *el*, sem embargo de haver perdido o seu primitivo sentido e não ter vida à parte na língua, une-se por hífen ao substantivo *rei*, por ter este elemento evidência semântica.

Observação 3.^a – Quando se perde a noção do composto, quase sempre em razão de um dos elementos não ter vida própria na língua, não se escreve com hífen, mas aglutinadamente: *abrolhos*, *bancarrota*, *fidalgo*, *vinagre*, etc.

Observação 4.^a – Como as locuções não têm unidade de sentido, os seus elementos não devem ser unidos por hífen, seja qual for a categoria gramatical a que elas pertencem. Assim, escreve-se, v.g., *vós outros* (locução pronominal), *a desoras* (locução adverbial), *a fim de* (locução prepositiva), *contanto que* (locução conjuntiva), porque essas combinações vocabulares não são verdadeiros compostos, não formam perfeitas unidades semânticas. Quando, porém, as locuções se tornam unidades fonéticas, devem ser escritas numa só palavra: *acerca* (adv.), *afinal*, *apesar*, *debaixo*, *decerto*, *defronte*, *depressa*, *devagar*, *deveras*, *resvés*, etc.

Observação 5.^a – As formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos e os vocábulos compostos cujos elementos são ligados por hífen conservam seus acentos gráficos: *amá-lo-á*, *amáreis-me*, *amásseis-vos*, *devê-lo-ia*, *fá-la-emos*, *pô-las-lamos*, *possuí-las*, *provêm-lhes*, *retêm-nas*; *água-de-colônia*, *pão-de-ló*, *pára-sóis*, *pesa-papéis*; etc.

2.º - Nas formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos: *amá-lo* (*amas* e *lo*), *amá-lo* (*amar* e *lo*), *dê-se-lhe*, *fá-lo-á*, *oferecê-la-ia*, *repô-lo-eis*, *serenou-se-te*, *traz-me*, *vedou-te*, etc.

Observação – Também se unem por hífen as enclíticas *lo, la, los, lãs* aos pronomes *nos, vos* e à forma *eis*: *no-lo, no-las, vo-la, vo-los, ei-lo*, etc.

3.º - Nos vocábulos formados pelos prefixos que representam formas adjetivas, com *anglo, greco, histórico, infero, latino, lusitano, luso, póstero, súpero*, etc.: *anglo-brasileiro, greco-romano, histórico-geográfico, infero-anterior, latino-americano, lusitano-castelhano, luso-brasileiro, póstero-palatal, súpero-posterior*, etc.

Observação – Ainda que esses elementos prefixais sejam reduções de adjetivos, não perdem a sua individualidade morfológica e, por isso, devem unir-se por hífen, como sucede com *austro* (=austriaco), *dólico* (= *dolicocéfal*), *euro* (= *europ*eu), *telégrafo* (= *telégraf*ico), etc.: *austro-húngaro, dólico-louro, euro-africano, télégrafo-postal*, etc.

4.º - Nos vocábulos formados por sufixos que representam formas adjetivas como *açu, guaçu* e *mirim*, quando o exige a pronúncia e quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente: *andá-açu, amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açú*, etc.

5.º - Nos vocábulos formados pelos prefixos:

a) *auto, contra, extra, infra, intra, neo, proto, pseudo, semi* e *ultra*, quando se lhes seguem palavras começadas por vogal, *h, r* ou *s*: *auto-educação, contra-almirante, extra-oficial, infra-hepático, intra-ocular, neo-republicano, proto-revolucionário, pseudo-revelação, semi-selvagem, ultra-sensível*, etc.

Observação – A única exceção a esta regra é a palavra *extraordinário*, que já está consagrada pelo uso

b) *ante, anti, aqui* e *sobre*, quando seguidos de palavras iniciadas por *h, r* ou *s*: *ante-histórico, anti-higiênico, aqui-rabino, sobre-saia*, etc.

c) *supra*, quando se lhe segue palavra encetada por vogal, *r* ou *s*: *supra-auxiliar, supra-renal, supra-sensível*, etc.

d) *super*, quando seguido de palavra principiada por *h* ou *r*: *super-homem, super-requintado*, etc.

e) *ab, ad, ob, sob* e *sub*, quando seguidos de elementos iniciados por *r*: *ab-rogar, ad-renal, ob-reptício, sob-roda, sub-reino*, etc.

f) *pan* e *mal*, quando se lhes segue palavra começada por vogal ou *h*: *pan-asiático, pan-helenismo, mal-educado, mal-humorado*, etc.

g) *bem*, quando a palavra que lhe segue tem vida autônoma na língua ou quando a pronúncia o requer: *bem-ditoso, bem-aventurança*, etc.

h) *sem, sota, soto, vice, vizo, ex* (com o sentido de cessamento ou estado anterior), etc.: *sem-cerimônia, sota-pilôto, sota-ministro, vice-reitor, vizo-rei, ex-diretor*, etc.

i) *pós*, *pré*, e *pró*, que têm acento próprio, por causa da evidência dos seus significados e da sua pronúncia, ao contrário dos seus homógrafos inacentuados, que, por diversificados foneticamente, se aglutinam com o segundo elemento: *pós-meridiano*, *pré-escolar*, *pró-britânico*; mas *pospor*, *preanunciar*, *procônsul*, etc.

Nas gramáticas consultadas nesta pesquisa, encontramos algumas divergências entre elas e o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*.

Considerando os vocábulos formados por prefixo (art. 46, § 5º do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*), Cegalla (1985, 2001) acrescenta, na alínea (a), o prefixo *supra-*, sendo necessária a hifenização quando se lhe segue palavra começada por vogal, *h*, *r* ou *s*, divergindo do *VOLP*, que determina o uso do hífen quando lhe segue palavra iniciada por vogal, *r* ou *s*, não citando o *h* como quesito para o uso do hífen.

O prefixo *supra-* é mencionado no art. 46, § 5º, alínea (c) do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Em consulta ao Dicionário Aurélio, encontramos as palavras: *supra-hepático*, *supra-homem*, *supra-humanismo* e *supra-humano*, em desacordo com o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, que não refere o uso do hífen quando se lhe segue palavra iniciada por *h*.

No art. 46, § 5º, na alínea (c) do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, que determina o uso do hífen após o prefixo *supra-*, Cegalla (1985) acrescenta o prefixo *inter-*; igualmente o faz a gramática de Celso Cunha. Cegalla, na edição de 2001, adiciona ainda o prefixo *hiper-*.

Também no art. 46, § 5º, na alínea (e), o mesmo autor (Cegalla 1985, 2001) desconsidera os prefixos *ab-*, *ad-*, *ob-* e *sob-*, sendo mencionado apenas o prefixo *sub-*,

seguido de palavra iniciada por *h*, quando o *VOLP* determina também o uso em palavras iniciadas por *r*. Na alínea (f) do mesmo artigo e parágrafo, Cegalla (op.cit) acrescenta o prefixo *circum-* seguido por vogal ou *h*.

Na gramática de Celso Cunha (2001, p.66), os prefixos listados no *VOLP*, art.46, § 5º, alínea (a): *auto-*, *neo-*, *proto-*, *pseudo-* e *semi-* são considerados radicais ou pseudoprefixos¹⁴, contudo o autor mantém a observância do uso do hífen em palavras iniciadas com vogal, *h*, *r* ou *s*. Os prefixos *pan-* e *mal-* também são considerados radicais. O prefixo *sem-*, mencionado no art. 46 do *VOLP*, § 5º, a alínea (h) , sofre a mesma alteração na classificação, somando-se a ele os radicais, não mencionados no vocabulário oficial, *além-*, *aquém-* e *recém-*. O autor exclui a alínea (c) do § 5º do art. 46, que integra o prefixo *supra-*.

No art. 46, a§ 5º, alínea (h) do *VOLP*, Cegalla não menciona os prefixos *sota-*, *soto-* e *vizo-*, porém acrescenta aos prefixos *sem-*, *vice-* e *ex-* e outros que não constam na lista de prefixos do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*: *além-*, *co-*, *grã-*, *grão-*, *recém-*, *não-*, por possuírem acentuação própria ou evidência semântica. São exceções: *Alentejo*, *coexistir*, *coexistência*, *coabitar*, *coirmão*, etc. O *VOLP* não se refere ao condicionamento do elemento *co-*, contudo lá registrou no *Vocabulário*: a) com hífen: *co-administrar*, *co-aluno*, *co-arrendar*, *co-credor*, *co-vendedor*, etc; b) sem hífen: *coabitar*, *coadjuntar*, *coadquirir*, *coadunar*, *coestaduano*, *correligionário*, *corresponder*, etc.

¹⁴ Radicais latinos ou gregos que assumem o sentido global dos vocábulos de que antes eram elementos componentes denominam-se PSEUDOPREFIXOS ou PREFIXÓIDES. Caracterizam-se por: a) apresentarem um acentuado grau de independência; b) possuírem “uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e, portanto, um sintagma”; c) terem, de um modo geral, menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos.

É ponto pacífico, nas gramáticas consultadas, o incômodo gerado por esse diacrítico da escrita. Cegalla o considera como um *embaraçoso traço unitivo*, e afirma ainda que:

O emprego do hífen é matéria extremamente complexa e mal disciplinada pelo *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, sobretudo no que diz respeito ao uso desse sinal em palavras formadas por prefixação, onde mais papáveis são as falhas e incoerências. Para quem escreve, o emprego do hífen é um autêntico quebra-cabeça.

(CEGALLA 1985, p.58).

O emprego do hífen é um ponto de nossa gramática que deveria ser urgentemente revisto, restringindo-se o uso desse sinal auxiliar da escrita aos casos de absoluta necessidade [...]

(CEGALLA 1985, p.61).

2.5.3 Motivações para o emprego do hífen

Nesta seção analisamos aspectos que contribuíram para a elaboração das regras do emprego do hífen mencionadas no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, em vocábulos formados por prefixação. Nesse sentido, procuramos, através da observação e não através do uso de regras, caracterizar as razões para o emprego desse diacrítico, segundo o *VOLP* que provoca tanta incerteza na grafia das palavras.

É oportuno considerar que as regras de colocação do hífen em relação aos prefixos estabelecidas pelo *VOLP* tiveram como motivação principal separar graficamente aqueles prefixos que poderiam causar problemas de pronúncia. Convencionou-se, por isso, empregar o diacrítico nas situações de conflito fonético, o que gerou as regras que conhecemos.

Podemos classificar ou distribuir o emprego do hífen em vocábulos formados por prefixação em dois casos: a) prefixos terminados com vogal, b) prefixos terminados com

consoante. Nesses dois casos, tais prefixos podem ligar-se a vocábulos iniciados com **vogais**, **h**, **r**, ou **s**, conforme o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* recomenda no art. 46 § 5º.

No primeiro caso, temos prefixos terminados com as vogais que, segundo o *VOLP*, exigem o emprego do hífen quando a palavra seguinte inicia por **vogal**:

- a) *a-* (*contra-*, *extra-*, *infra-*, *ultra-* e *supra-*),
- b) *e-* (*ante-*, *sobre-*),
- c) *i-* (*semi-*, *anti-*, *arqui-*),
- d) *o-* (*neo-*, *proto-*, *pseudo-*, *auto-*).

Nessa condição, sendo o prefixo terminado por uma dessas vogais e a palavra seguinte iniciada também por uma **vogal**, a motivação para o emprego do hífen seria evitar a formação do hiato (**autoajuda* ou **extraescolar*)¹⁵ ou até mesmo a crase, no caso da junção de duas vogais iguais (*contra-ataque* → **contraataque* ou *neo-otoplastia* → **neootoplastia*¹⁶).

Entretanto, constatamos que na determinação do emprego do hífen em vocábulos formados pelos prefixos *ante-*, *sobre-*, *anti* e *arqui* não houve a mesma preocupação na elaboração da regra, pois o *VOLP* não recomenda o emprego do diacrítico quando o vocábulo que segue tais prefixos for iniciado por vogais. Por exemplo, em: *arquiinimigo* e *antiaromático*.

Outra possibilidade é a ocorrência do uso do hífen nas palavras formadas pelos prefixos terminados com vogais em que o vocábulo que lhe segue for iniciado por uma das consoantes **h**, **r** ou **s**. Nessa situação, a justificativa para o seu uso pode ser originada para

¹⁵ Ver seção 3.4.1 Tabela 6

¹⁶ Foram encontradas apenas duas ocorrências de palavras no Dicionário Aurélio com o uso do prefixo *neo-* seguido de vocábulo iniciado pela vogal *-o*.

evitar a mudança fonética, que passaria da pronúncia de [s] para [z] ou de [ʀ] para [r], na formação de palavras iniciadas pelas consoantes **r** ou **s**. Desse modo, o não emprego do diacrítico resultaria ou na mudança fonética ou na necessidade do ajuste ortográfico com o emprego do dígrafo para manter a correspondência fonética, como em **suprassumo* ou **suprarrenal*.

Quanto à utilização do hífen em palavras formadas por prefixos terminados com vogais quando o próximo termo começar com a letra **h**, o próprio *VOLP* esclarece a sua motivação. Segundo o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, *essa letra não é propriamente uma consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva...*¹⁷. Esse fato implica que, foneticamente, a palavra iniciada pela letra **h** comece, na verdade, com uma **vogal**. Sendo assim, apenas por razões etimológicas, a letra **h** é conservada na formação da palavra. Tal justificativa é sustentada também quando na utilização do hífen em palavras formadas pelos prefixos terminados com consoantes ligadas a outro vocábulo iniciado com a letra **h**.

Caso curioso é a não observância do emprego do hífen em palavras formadas pelo prefixo *supra-* ligadas a palavras iniciadas por **h**, como em *suprahomem* ou *suprahumano*. Tais formas ortográficas provocam estranhamento, embora corretas, tendo sido encontradas em nossa pesquisa as formas *supra-homem* e *supra-humano*, as quais estão dicionarizadas.¹⁸

No segundo caso, observamos os prefixos que, segundo o *VOLP*, exigem o emprego do hífen, sendo terminados com as consoantes:

¹⁷ Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, art. 11

¹⁸ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Eletrônico. Século XXI. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexicon Informática, 1999.

- a) *b-* (*ab-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*),
- b) *d-* (*ad-*),
- c) *l-* (*mal-*),
- d) *n-* (*pan-*),
- e) *r-* (*super-*).

Conforme as determinações do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, apenas as palavras formadas pelos prefixos *pan-* e *mal-* devem ser ligadas com a intervenção do hífen nas palavras iniciadas com **vogais**, como em *pan-americano* e *mal-educado*. O motivo para essa determinação pode ser para garantir a autonomia fonética dos elementos constitutivos da palavra, por evitar a ressilabação nessas palavras¹⁹.

Os prefixos mencionados no *VOLP* que requerem o emprego do diacrítico na ortografia de palavras iniciadas com a consoante **r** são aqueles terminados com **b**, **d**, **r** (*ab-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*, *ad-*, *super-*). Por serem prefixos terminados com consoantes, se ligados à base sem o emprego do hífen, provocariam a criação de uma nova sílaba, influenciando, assim, na pronúncia da palavra (*ad-rogar* → **adrogar* [a.dro.gar], *sub-raça* → **subraça* [su.bra.ça]).

Feitas estas considerações, salientamos que, embora nas gramáticas da Língua Portuguesa encontremos somente as regras que orientam o uso do diacrítico na escrita, os professores do ensino médio e fundamental não deveriam ater-se a elas, mas, sim, deveriam levar à consciência dos alunos os motivos do emprego do hífen. Com esse encaminhamento, muitas das determinações que podem parecer incoerentes, segundo alguns autores,

¹⁹ Na verdade, no uso da língua, há a tendência à ressilabação dessas palavras, com o prefixo integrando-se à base – ex.: *pan-americano* [pẽ.na.me.ri.kẽ.no]

apresentam razões que não são meramente uma convenção, uma vez que decorrem de necessidades fonéticas, como os casos mencionados nesta seção.

2.6 Os prefixos do Português

Nesta seção resumimos as idéias de pesquisadores que estudaram a interface entre a fonologia e a morfologia e extraímos deles elementos que vieram a contribuir para a pesquisa aqui realizada. Assim, abordamos a análise de Schwindt (2000) sobre a morfofonologia dos prefixos do Português Brasileiro e também a análise de Moreno (1997) sobre a morfologia nominal do Português, ambos utilizando pressupostos da Fonologia Lexical, porém sob diferentes abordagens. Em seguida apresentamos a síntese sobre o que os autores apontam como indícios de lexicalização no Português.

2.6.1 Análise de Schwindt

Schwindt (2000) estudou a morfofonologia dos prefixos do Português Brasileiro (PB), conduzido pelo objetivo de categorizá-los prosodicamente e de situá-los em uma proposta de léxico segmentado em níveis. Empregou, para tanto, o aparato teórico da Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1985) e da Fonologia Prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986).

O autor propõe a segmentação dos prefixos, quanto ao caráter prosódico, em duas categorias: os prefixos composicionais (PCs) e os prefixos legítimos (PLs), o primeiro grupo contendo prefixos acentuados e o segundo contendo prefixos inacentuados.

Os prefixos composicionais ou prefixos acentuados são assim chamados por possuírem a particularidade de portarem acento, o que torna as palavras por eles constituídas semelhantes aos compostos. Desse modo, elimina-se a possibilidade de os prefixos acentuados formarem uma única palavra fonológica com a base a que se ligam, uma vez que

formariam um vocábulo com dois acentos primários, o que, segundo a teoria adotada (NESPOR & VOGEL, 1986) não é permitido. Portanto, os prefixos composicionais têm a estrutura prosódica de vocábulos fonológicos independentes.

Segundo a classificação de Schwindt (2000, p. 102), os prefixos composicionais distribuem-se da seguinte forma:

a) Dissilábicos: auto-, ante-, contra-, extra-, hiper-, infra-, macro-, micro-, mono-, neo-, pseudo-, recén²⁰ semi-, ultra-, vice-.

b) Monossilábicos: beN-, bi-, eS_{ant}²¹-, não-, paN-, pós-, pré-, pró-, tri-.

Os prefixos legítimos, em oposição aos prefixos composicionais, não possuem nenhum acento, por isso caracterizam-se como sílabas átonas afixadas ou incorporadas à esquerda de uma base. São classificados como prefixos monossilábicos inacentuados: a-, ad-, aN-, coN-, eN-, deS-, diS-, eS_{fora}-, iN_{entro}-, iN_{neg}-, re-, sub-, tranS-.

Fazendo uso da oposição, proposta pelo estruturalismo, entre forma presa e forma livre, como critério para distinguir os prefixos composicionais dos prefixos legítimos, Schwindt (2000) considera que os prefixos composicionais são potencialmente isoláveis, podem aparecer isolados na frase e, quando isso ocorre, manifestam-se como substantivos, adjetivos ou advérbios, como no exemplo: “Carlos decidiu fazer um *pós*. (*pós-graduação*)”²². Essa constatação, segundo o autor, encontra justificativa na diacronia da língua, uma vez que a maioria dos prefixos composicionais se origina de formas livres, radicais gregos ou latinos. Em contrapartida, os prefixos legítimos não são isoláveis, ou seja, eles nunca poderão atuar

²⁰ As letras maiúsculas N e S, indicam, segundo o autor, que essas consoantes são subespecificadas.

²¹ Os prefixos *es-* e *in-* têm subscrita sua caracterização semântica.

²² Schwindt (2000, p. 108)

isoladamente na frase, por exemplo: “Ele já retornou, mas ela ainda não **re*”²³. Diferentemente dos prefixos composicionais, a maioria dos prefixos legítimos tem sua origem de preposições latinas, ou seja, de formas presas.

O autor, além de propor esses dois critérios para defender a hipótese de demarcação entre prefixos composicionais e prefixos legítimos, ou seja, o acento e a oposição entre forma livre e forma presa, acrescenta evidências adicionais relativamente aos processos fonológicos típicos do Português que utilizam esses constituintes como domínio de aplicação de regras. Cita cinco processos e os divide em dois grupos. Os prefixos composicionais estão sujeitos somente às regras do que Schwindt (2000) denomina Grupo I, pois sua ocorrência se dá nos limites de palavras fonológicas, ou seja, são intervocabulares, e não suportam os processos do denominado Grupo II, cuja ocorrência opera no interior da palavra fonológica.

Os processos fonológicos que ocorrem no Grupo I são a neutralização da átona final e sândi externo – exemplos são apresentados em (6). São três os processos de sândi externo: a ditongação, a degeminação e a elisão. De acordo com Schwindt (2000, p. 120), a ditongação e a degeminação não fornecem elementos para distinguir PC's de PL's, por serem intra e intervocabulares; a elisão, diferentemente, ocorre apenas entre vocábulos e contribui para mostrar a independência de prefixos composicionais.

No Grupo II, ocorrem os processos de neutralização da pretônica, harmonização vocálica e assimilação da nasal – exemplos são mostrados em (7).

²³ Schwindt (2000, p. 108)

(6)

Processos do Grupo I

Neutralização de átona final e Elisão ocorrem nos exemplos em (a) e não ocorrem em (b)

a) entre palavras fonológicas (ω`s):

anteprojeto ~ ant[i]projeto - neutralização de átona final

paraestatal ~ pa[re]statal - Elisão

b) afixo + base

r[e]lembrar ~ * r[ɪ]lembrar - neutralização de átona final

esva + ecer ~ * es[ve]cer - Elisão

(7)

Processos do Grupo II

Neutralização Pretônica, Harmonia Vocálica e Assimilação Nasal não ocorrem nos exemplos de (a) e ocorrem em (b)

a) entre palavras fonológicas (ω`s):

n[ɛ]oliberal ~ * n[e]oliberal - Neutralização Pretônica

hip[e]rglicemia ~ * hip[ɪ]rglicemia - Harmonia vocálica

pan+islamismo ~ * pa[n]islamismo - Assimilação Nasal

b) afixo + base

n[ɛ]ologismo ~ n[e]ologismo - Neutralização Pretônica

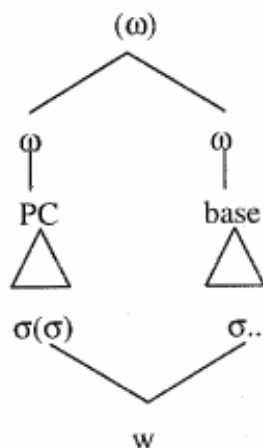
r[e]fiz ~ r[ɪ]fiz - Harmonia Vocálica

con + ação ~ con[n]ação - Assimilação Nasal

Como podemos observar, os prefixos composicionais e os prefixos legítimos têm comportamento inverso, sendo uma evidência da distinção entre as duas categorias.

Quanto à estrutura prosódica dos prefixos em português, o autor propõe, para os prefixos composicionais, a formalização em (8) (SCHWINDT, 2000, p. 136).

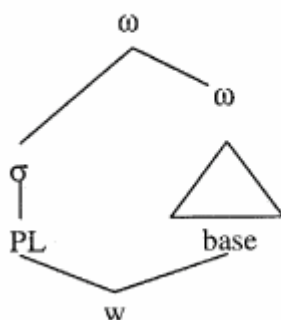
(8) Estrutura prosódica do PC



A formalização acima reúne duas palavras prosódicas: a primeira constituída pelo PC, limitada a um número máximo de duas sílabas, e a segunda por uma base da língua. Essas ω 's estão ligadas pela estrutura morfológica, expressa no nó mais baixo do diagrama (w).

Os prefixos legítimos, por serem considerados sílabas pretônicas que se alinham à esquerda de uma base, formando uma única palavra fonológica com a mesma, têm estrutura diferente. A sílaba pretônica e a base, juntas, formam também um único vocábulo morfológico, com a formalização em (9) representa (SCHWINDT, 2000, p 139).

(9) Estrutura prosódica do PL



Na formação das palavras do português, o autor não coloca todos os prefixos no mesmo nível, tendo como argumento a diferença prosódica entre os prefixos.

Com fundamento nos pressupostos da Fonologia Lexical, assume que toda prefixação ocorre no léxico e se divide entre prefixação de nível 1, contendo os prefixos que lidam com a base em formação, e prefixação de nível 2, que lida com a palavra pronta.

Em se tratando do prefixo composicional, segundo Schwindt (2000), esse percorre o léxico como palavra fonológica independente até o nível pós-lexical, de onde é alçado, a fim de sofrer prefixação no nível 2, submetendo-se a todos os processos fonológicos desse nível como uma só palavra fonológica – a representação em (10) expressa esse funcionamento dos prefixos composicionais. O recurso do alçamento ou *loop* seria o responsável pela distinção entre prefixação composicional e composição sintática. O autor assume que os vocábulos que não sofrem o alçamento devem ser interpretados como compostos, em vez de serem considerados como vocábulos prefixados.

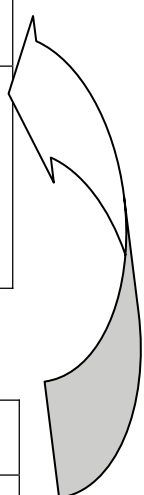
Isso pode ser evidenciado no caso de alguns vocábulos supostamente afixados por PC's, como *pré-escola* e *pós-doutor*, que não estão sujeitos à neutralização pretônica, regra típica do nível 2. Admitimos que esses vocábulos não sofrem alçamento, devendo ser interpretados como compostos em vez de serem vistos como vocábulos prefixados.

(SCHWINDT, 2000, p. 150)

O prefixo legítimo, por outro lado, é inserido lexicalmente como sílaba pretônica, distribuído em prefixo legítimo de classe I, que se afixa no nível 1, e o prefixo legítimo de classe II, que se afixa no nível 2. Em (10) é mostrada a representação que Schwindt (2000, p.146) apresenta, resumindo sua proposta.

(10) Distribuição dos Prefixos no Léxico do PB

Nível 1 (Raiz)
Prefixos Legítimos de Classe I: a-, ad-, aN-, coN-, deS _{priv-} , diS- eN-, iN _{dentro-} , eS _{fora-} , re, tranS-
Nível 2 (Palavra)
Prefixos Legítimos de Classe II: iN _{neg-} , deS _{neg-} , sub-
Todos os Prefixos Composicionais alçados
PÓS-LÉXICO
COMPOSIÇÃO SINTÁTICA

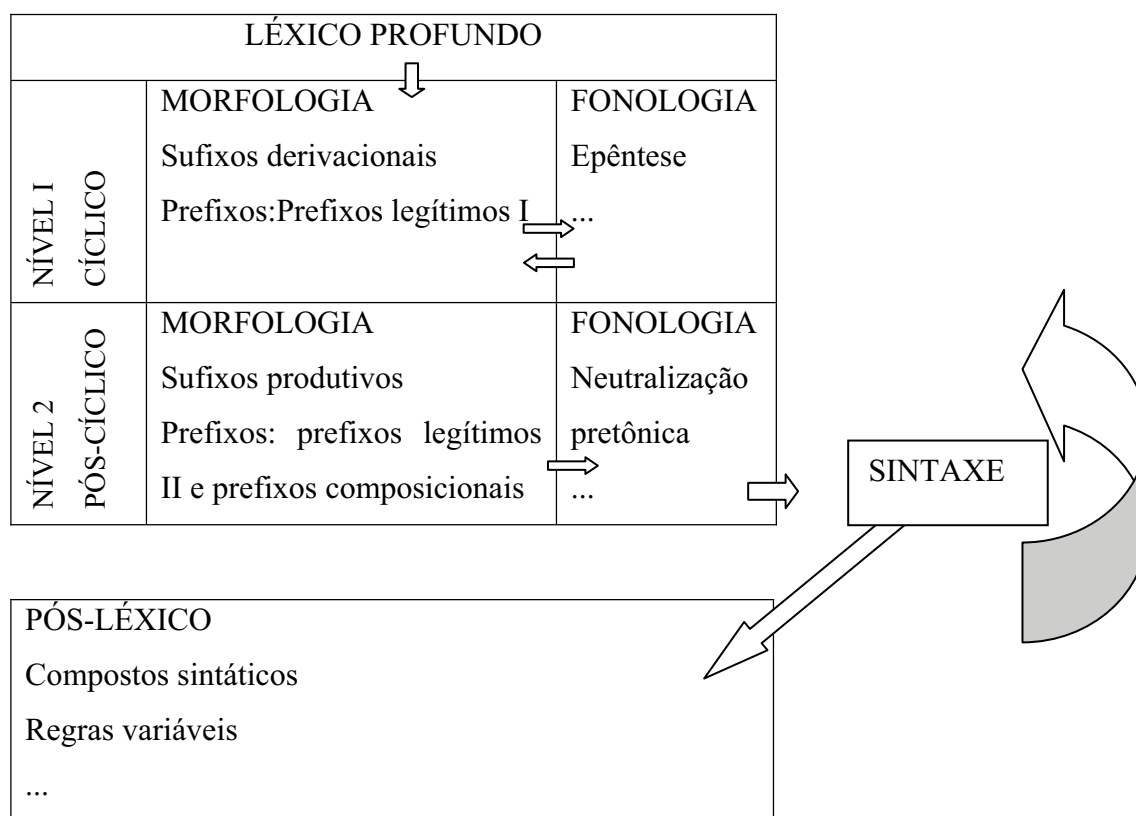


(SCHWINDT, 2000, p.146)

A disposição do prefixo legítimo em classes considera o ponto de vista morfológico, julgando que os prefixos legítimos de classe I podem se relacionar com bases em formação, enquanto que os prefixos legítimos de classe II se aplicam à palavra pronta. Do ponto de vista fonológico, o autor distingue o processo de epêntese que se dá entre o prefixo e a base para justificar a segmentação em classes. A investigação da estrutura silábica dos prefixos legítimos permitiu a verificação de dois tipos de epêntese, uma variável, portanto, pós-lexical (*sub[i]liminar*) e outra categórica, que se aplica no nível 1, oferecendo condições para a prefixação de nível 2 (*des[e]struturado*).

Desse modo, o autor apresenta um modelo de organização do léxico do Português, que aparece representado em (11)

(11) Os prefixos e o léxico do PB



(SCHWINDT, 2000, p.172).

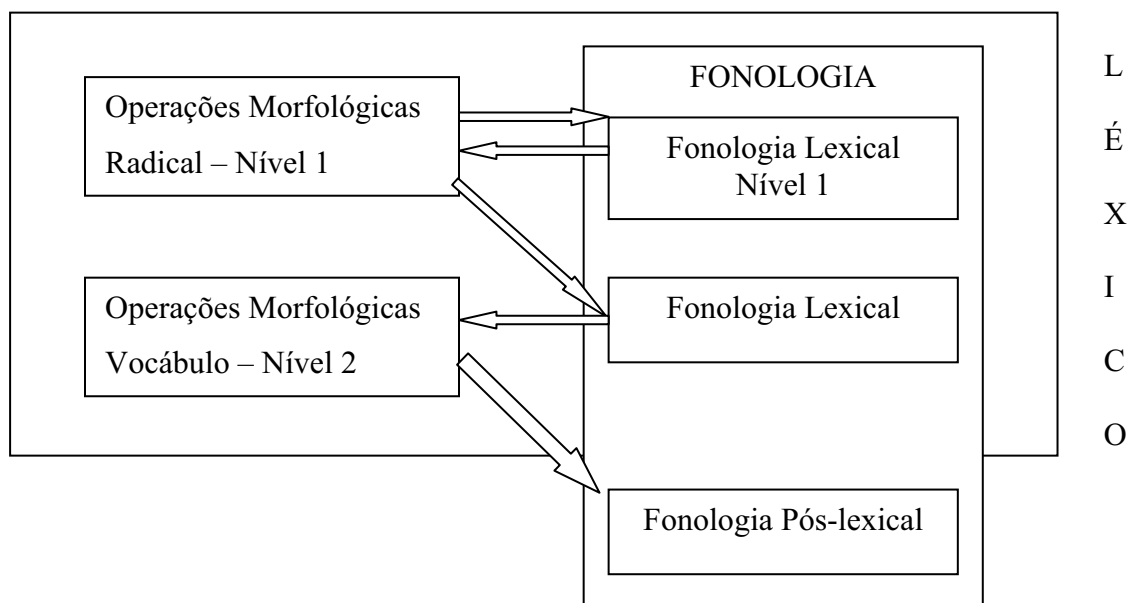
Conforme o modelo proposto há plena interação entre morfologia e fonologia no nível 1, em que são afixados os prefixos legítimos de classe I, enquanto no nível 2, onde se afixam os prefixos legítimos de classe II e prefixos composicionais alçados, toda a morfologia se aplica antes da fonologia. O modelo prevê, portanto, pela operação do *loop*, recursividade do pós-léxico para o léxico.

2.6.2 Análise de Moreno

Moreno (1997) estuda a morfologia do vocábulo nominal do Português Brasileiro, através da Fonologia Lexical, seguindo a reformulação da proposta, adotada por Borowsky (1993), que defende a divisão do léxico em dois níveis: o primeiro, o nível do radical, e o segundo, o nível do vocábulo, da mesma forma que a dita Fonologia Lexical padrão.

A diferença do modelo de Borowsky em relação ao modelo originariamente proposto por Kiparsky (1985) diz respeito ao fato de que no nível 2, ou no nível do vocábulo, todas as operações fonológicas precedem as operações morfológicas. O modelo de Kiparsky diverge, portanto, no sentido de que, nesse mesmo nível, a morfologia precede a fonologia, invertendo-se, assim, na proposta de Borowsky, a ordem defendida pela Fonologia Lexical clássica. Seu modelo é assim representado em (12):

(12) Estrutura do Léxico

(BOROWSKY, 1993, *apud* MORENO, 1997, p. 12)

Ao longo do desenvolvimento de sua argumentação, o autor destina uma seção ao estudo dos prefixos do português, os quais considera um campo propício para a análise da falta de isomorfia entre os constituintes prosódicos e os constituintes morfossintáticos. Interessa-nos especialmente esse ponto de sua apreciação, por nele encontrarmos subsídios necessários para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Moreno considera que alguns dos prefixos do português devem ser considerados palavras fonológicas (ω 's) independentes, tratamento esse similar ao que foi proposto por Nespor & Vogel (1986) para o italiano. O autor, a fim de justificar o comportamento independente dos prefixos do Português Brasileiro, explica que:

No modelo que adoto, seguindo Borowsky, este fato é explicado porque os prefixos, no Português, só entram no Nível 2 (o Nível do vocábulo), cuja fonologia, por ser anterior às operações morfológicas deste nível, independe do vocábulo a que o prefixo vai se ligar.

(MORENO, 1997, p. 106)

Dessa forma, o pesquisador destaca várias regras fonológicas que não atuam nos prefixos, quais sejam: (a) neutralização da pretônica; (b) silabação e ressilabação; (c) assimilação nasal, (d) harmonia vocálica; (e) degeminação e (f) neutralização da átona final.

Moreno (op. cit.) argumenta que a regra da neutralização vogal pretônica não se aplica às vogais médias dos prefixos, conforme os exemplos em (13):

(13)

$n[\epsilon]o + liberal \rightarrow n[\epsilon]oliberal * n[e]oliberal$

$pr[\epsilon] + aviso \rightarrow pr[\epsilon]aviso * pr[e]aviso$

$p[\mathfrak{c}]s + graduado \rightarrow p[\mathfrak{c}]s graduado * p[o]s graduado$

$pr[\mathfrak{c}]to + mártir \rightarrow pr[\mathfrak{c}]to mártir * pr[o]mátir$

(MORENO, 1997, p.107)

Quanto à silabação e ressilabação, o autor toma o prefixo *sub-* como exemplo. Em (14), esse prefixo é tomado como um vocábulo fonológico autônomo, sendo que, segundo ele, tal prefixo, na verdade, é *sub[i]-*, sendo a vogal epentética inserida em conformidade com as condições de boa formação do Português Brasileiro, cuja rima não aceita consoante obstruinte final além do /s/. Todavia, o prefixo *sub-* só deixa de receber a vogal epentética quando

desapareceu a consciência de sua autonomia, integrando-se o prefixo no vocábulo fonológico adjacente, como em (15)

(14)

sub + lingual → sub.lin.gual * su.blin.gual

sub + locar → sub.lo.car * su.blo.car

sub + legenda → sub.le.gen.da * su.ble.gen.da

(15)

Sub + estimar → su.bes.ti.mar

Sub + ordinado → su.bor.di.na.do

Sub + urbano → su.bur.ba.no

(MORENO, 1997, p.107)

A assimilação da nasal também não ocorre com um prefixo autônomo, citando como exemplo o prefixo *pan-*, em (16).

(16)

pan + americano → p[ã]n americano * p[a] namericano

pan + islamismo → p[ã]n islamismo * p[a] nislamismo

(MORENO, 1997, p.109)

A regra de harmonização vocálica tem como domínio a palavra fonológica e, segundo Moreno, não atravessa fronteira de palavras, nem de compostos, nem de prefixos; esse fato é o que o autor tem o objetivo de comprovar nos exemplos em (17).

(17)

predestinado	*pri destinado,	mas	pré destinado
hipersensível	*hipir sinsível,	mas	hiper sinsível

(MORENO, 1997, p.110)

O autor descreve a degeminação, citando Bisol (1992), como um processo de sândi vocálico que se verifica entre duas vogais em sequência, advindas de dois vocábulos fonológicos que se encontrem sob o domínio de uma categoria prosódica mais alta. Ela pode ocorrer no interior do vocábulo, como no caso dos compostos, entretanto, Moreno assume a posição de que a variante é rara no caso da prefixação, embora seja possível; refere, no entanto, que é muito escasso no dialeto das pessoas letradas. Cita os exemplos apresentados em (18).

(18)

arqui + inimigo → arqu [i i]	[?] arqu [i]nimigo ²⁴
anti + hitlerista → ant [i i]	[?] ant [i] tlerista
co + ocupado → c [oo] cupado	[?] c [o] cupado
pre + existente → pr [e e] xistente	[?] pr [e] xistente

(MORENO, 1997, p.111)

²⁴ Ver Tabela 5

A regra de neutralização da átona final, segundo o autor, ocorre em alguns casos de prefixação. Pelo fato de esse fenômeno ter relação com o tópico do item apresentado a seguir, esse aspecto é abordado em 2.7.3.

2.6.3 A lexicalização dos prefixos do Português

Nesta seção, temos o objetivo de examinar o aspecto da formação das palavras sob duas abordagens: a abordagem sincrônica e a abordagem diacrônica do fenômeno em questão, com vistas ao processo de lexicalização das palavras da língua, que é o foco efetivamente aqui tratado.

As duas abordagens, sincrônica e diacrônica, não devem opor-se, já que um elemento que historicamente constitui uma parte de uma palavra pode ter sua natureza sincronicamente modificada. Câmara Jr. (1971, p. 44) fornece um exemplo com a palavra *comer*, vinda do latim *comedere*, que teria em *com-* um prefixo acrescido à base *edere*. Na evolução do latim para o português, a marca morfológica da raiz desapareceu, e o que antes era um prefixo passou a ser considerado como raiz. Assim, sincronicamente, em *comer* temos *com-* como raiz e, diacronicamente, o temos como prefixo. Essa particularidade da língua indica que é de fundamental importância a observação das duas abordagens mencionadas para a análise do fenômeno da formação de palavras.

Na análise de Schwindt (2000) sobre os prefixos do português, o autor também aponta para a distinção entre prefixação sincrônica e diacrônica; refere que a segunda depende do julgamento dos falantes de uma língua que, em função do uso freqüente de determinadas formas, realizam um processo de *lexicalização*²⁵. Um mesmo prefixo pode ser identificado

²⁵ LEE (1995, p. 62)

apenas diacronicamente em um vocábulo e, em outro, permitir identificação sincrônica. Por exemplo, o prefixo *in-* tem identificações diferentes: no vocábulo *implicar*, mostra derivação diacrônica e, no vocábulo *importar*, mostra derivação sincrônica. Segundo o autor, o falante não percebe o prefixo no vocábulo *implicar*, pois a palavra *plicar* (do Latim *plicare*, que significa *dobrar*) não está ativa em nosso léxico. Porém, no vocábulo *importar*, a prefixação é perceptível, pelo fato de, no Português, os vocábulos *importar* e *exportar* se oporem, sendo mais clara a identificação prefixal.

Na proposta de Lee (1995) para os compostos do Português, a qual postula a existência de compostos lexicalizados que justificariam a formação de derivados por sufixação no nível lexical, o autor argumenta que tais compostos seriam *estruturas lexicalizadas, passando a integrar o léxico da língua como se fossem itens lexicais*, e equipara-os a expressões idiomáticas, por exemplo: cair no *conto-do-vigário* (com o significado de sofrer um golpe ou trapaça) e está num *mato-sem-cachorro* (com o significado de estar sem solução) (LEE, 1995, p. 70.).

Moreno (1997), utilizando-se dos exemplos arrolados por Lee²⁶, sustenta que é o segundo elemento do composto que sofre a derivação e não o composto como um todo. Assim, a base da derivação seria o composto que, depois de entrar no léxico, perde o limite morfológico e é visto como uma palavra simples, embora conserve os limites prosódicos, o que explicaria a derivação somente no segundo elemento.

Nosso interesse ao discorrer sobre a análise dos pesquisadores mencionados é o fato de existir a perda de consciência da composição da palavra, uma vez que a perda do acento do

²⁶LEE (1995, p. 62)

primeiro elemento dificulta o seu reconhecimento como radical isolado; nos exemplos *corrimão* e *planalto*, não é de fácil identificação os radicais que os constituem (correr + mão, plano + alto).

Tratando especificamente dos prefixos, Schwindt (2000) entende a lexicalização como um processo que atinge a palavra como um todo e não o prefixo isoladamente, corroborando a proposta de Moreno ao referir-se aos compostos. A lexicalização, em outras palavras, significa a perda do caráter prefixal da palavra.

Segundo o parecer de Moreno (1997), um critério útil para estabelecer com clareza a prefixação sincrônica é a fatoração, uma vez que permite ver o contraste entre pares de prefixos antonímicos, como nos exemplos em (19).

(19) pré e pós fixado

intra e extramuros

bi e tri campeão

pró e antiaborto

sub e super-avaliado

in e exclusive

supra e infraestrutura

Em outras palavras, podemos considerar que, se o prefixo pode ser identificado sincronicamente, através da fatoração, o processo de lexicalização não ocorreu, pois o usuário consegue reconhecê-lo como um prefixo.

[...] tais prefixos que se incorporam ao vocábulo a que se ligam, ao contrário dos que constituem ω 's, não podem ser fatorados. Como Booij (1984) já havia apontado, a condição necessária para que um elemento seja fatorado é que este elemento seja um ω ; o fato de alguns prefixos admitirem o fatoramento é um indício seguro de sua independência [...]

(MORENO, 1997, p. 98)

Retomando aqui o tópico que havíamos deixado pendente na seção anterior sobre a regra de neutralização da átona final, Moreno (1997) apresenta uma comparação entre prefixos que sofrem essa regra fonológica e outros em que ela não ocorre. Esse fato parece indicar que, quando há a consciência da prefixação, a neutralização se aplica, não se aplicando somente quando o falante não contempla mais o prefixo, como (20) exemplifica.

(20)

a) ant[e]braço *ant[i]braço

aut[o]móvel *aut[u]móvel

ant[e]datar *ant[i]datar

b) anteprojeito → ant[i]projeto²⁷

auto biografia → aut[u]biografia²⁸

ante ontem → ant[i]ontem²⁹

(MORENO, 1997, p.113)

²⁷ Ver Tabela 1

²⁸ Ver Tabela 5

²⁹ Ver Tabela 1

Observa-se, nesses casos, a distinção entre os vocábulos em que o prefixo perdeu sua autonomia, incorporando-se ao vocábulo seguinte (exemplos em (20a)), e aqueles em que a prefixação é evidente (exemplos em (20b)). Segundo o autor, com base na regra de neutralização da vogal átona final, podemos dizer que os vocábulos do primeiro grupo em (20) não sofrem a neutralização porque a sílaba se comporta como pretônica, como se o prefixo perdesse a sua autonomia, isto é, deixa de ser percebido como tal ³⁰.

Com relação à regra de neutralização das vogais médias pretônicas, para Schwindt (2000) existem indícios de lexicalização em alguns vocábulos que apresentam a alternância na ocorrência dessa regra, como nos exemplos em (21).

(21)

a) n[ɛ]ologismo ~ n[e]ologismo

pr[ɛ]tônica ~ pr[e]tônica

p[ɔ]stônica ~ p[o]stônica

pr[ɔ]tossílabo ~ pr[o]tossílabo

b) n[ɛ]oliberal ~ *n[e]oliberal

p[ɔ]sgraduado ~ *p[o]sgraduado

pr[ɔ]tomátir ~ *pr[o]tomártir

(SCHWINDT, 2000, p. 125)

³⁰ Moreno (1997, p. 113)

Segundo o autor, um falante poderá oscilar entre as formas expressas em (21a), mas não oscilará entre as formas expressas em (21b). Há, portanto, a indicação em (21a) de que os vocábulos estão fazendo o percurso de lexicalização. Os vocábulos que permitem alternância do prefixo com a vogal média estão sofrendo esse processo, uma vez que a presença dessa vogal indicaria que o falante considera o prefixo uma sílaba pretônica, ou seja, a ela aplica a regra de neutralização da vogal média pretônica.

Considerando, então, que alguns vocábulos construídos com prefixos composicionais como *prē-* e *prɔ-*, conforme mostram os exemplos em (22), já estão lexicalizados com vogal média inacentuada, o processo de harmonização vocálica auxilia na identificação do processo de lexicalização:

(22)

- a) $\text{pr}[\epsilon] + \text{sentir} \rightarrow \text{pr}[\epsilon]\text{ssentir} \sim \text{pr}[\text{i}]\text{ssintir}$
 b) $\text{pr}[\text{o}] + \text{clítico} \rightarrow \text{pr}[\text{o}]\text{clítico} \sim * \text{pr}[\text{u}]\text{clítico}$

O autor sustenta que em (a) há um caso de lexicalização total, ou seja, o prefixo composicional se tornou uma sílaba pretônica, oferecendo contexto para a aplicação da harmonização vocálica; já em (b) a forma vogal média ainda não se lexicalizou por completo, o que, segundo ele, parece impedir o processo de harmonização vocálica.

Encerramos esta seção com a síntese dos aspectos apontados pelos autores como pistas para a identificação do processo de lexicalização das palavras, as quais foram utilizadas na análise dos dados:

a) o uso muito freqüente de determinadas formas na língua pode indicar o processo de lexicalização;

b) a faturação do prefixo é um critério que colabora para o reconhecimento da prefixação sincrônica e, por consequência, podemos identificar se o processo de lexicalização ocorreu ou não;

c) a regra de neutralização da átona final pode fornecer indícios do processo de lexicalização das palavras, uma vez que tal regra não se aplica quando o usuário não tem a consciência do prefixo no léxico da língua;

d) os prefixos que sofrem a regra de neutralização da vogal pretônica indicam que o falante considera o prefixo uma sílaba pretônica, ou seja, o prefixo perde a sua identidade prosódica, estando esse em processo de lexicalização.

e) em casos de lexicalização total do prefixo, ocorre a regra de harmonização vocálica, pois o prefixo composicional reconhecido como uma sílaba pretônica oferece contexto para a aplicação da regra.

3. METODOLOGIA

Este capítulo dedica-se à descrição da metodologia utilizada para a realização da presente pesquisa; nele enfocamos a constituição do *corpus* da pesquisa, que se caracterizou por duas formas de coleta de dados. Descrevemos aqui as motivações para a seleção dos informantes que forneceram os dados para o *corpus* do trabalho, bem como a forma como foi feita a coleta de dados, além das categorias utilizadas para a sua análise. Faz parte deste capítulo a organização e descrição dos dados, bem como a discussão dos resultados da presente investigação.

3.1 A constituição do *corpus* da pesquisa e a coleta de dados

Considerando o foco de estudo do presente trabalho, o material que constituiu o *corpus* da pesquisa foi centrado em palavras com o emprego do hífen, retiradas de duas fontes: dados de redações de vestibulandos e dados obtidos a partir de um instrumento. Considerando as redações de vestibulandos como uma das bases de constituição do *corpus* da pesquisa, com base em anos anteriores de correção e análise de redações elaboradas por candidatos ao ingresso na Universidade, encontramos nesse universo um material abundante para a coleta dos dados que embasaram a nossa análise. O variado número de textos permitiu uma escolha do *corpus* de caráter aleatório, de forma imparcial, sem haver contato com os informantes.

Desse modo, foi realizada a coleta dos dados oriundos de concurso vestibular, a partir de redações desenvolvidas por candidatos a uma vaga na Universidade Pública. Os dados que constituíram o *corpus* da pesquisa foram selecionados através da leitura de mais de duzentos textos, organizados aleatoriamente, sem a classificação pelo curso pretendido pelo vestibulando. Essa opção foi feita a fim de homogeneizar a coleta dos dados, desconsiderando a procedência educacional daqueles que concorreram às vagas mais disputadas, como nos cursos de Medicina ou Direito.

É oportuno aqui mencionar a motivação da escolha pela coleta dos dados em redações produzidas para o teste de ingresso em uma Universidade Pública, no sentido de ser representativa da população oriunda do ensino público que, em geral, constitui a maior parte dos estudantes brasileiros.

Assim, a primeira parte do *corpus* da pesquisa foi composta a partir de um levantamento de dados em torno de duzentas redações de vestibular de uma Universidade Pública da região Sul do Brasil. No exame dos textos escritos por vestibulandos, observamos a ocorrência de diversas palavras que, segundo a Gramática Tradicional, deveriam ser grafadas com o emprego do hífen pelos candidatos. Foi feito, relativamente a essas palavras, o levantamento do emprego do hífen em consonância e em discordância com a Gramática Tradicional. Também observamos os casos de emprego do hífen em palavras em que a Gramática Tradicional não determina o uso desse diacrítico.

Essas palavras foram fichadas em folhas separadas, tendo sido também destacadas as várias ocorrências da mesma forma de emprego ortográfico. No número total de palavras fichadas, encontramos a soma de duzentas e vinte e três palavras grafadas com o uso

incorreto, segundo a Gramática Tradicional. Na primeira parte da coleta dos dados, além do emprego correto na grafia de palavras hifenizadas, encontramos duas formas de ocorrência na inadequação da forma escrita das palavras. Nas palavras hifenizadas, observamos, nas adaptações feitas pelos informantes, a criação de dois vocábulos morfológicos (*pré-vestibular* → **pré vestibular*) na grafia, e também a criação de um único vocábulo morfológico (*pré-vestibular* → **prevestibular*), quando deveriam, segundo a Gramática Tradicional, serem grafadas com o emprego do hífen.

Da mesma forma, nas palavras não-hifenizadas o mesmo tipo de procedimento por parte dos informantes foi encontrado. Houve a criação de um vocábulo morfológico com hífen (*antialérgico* → **anti-alérgico*) e a criação de dois vocábulos morfológicos (*antialérgico* → **anti alérgico*), quando a Gramática Tradicional não preceitua o emprego do diacrítico.

Diante das repetidas formas de grafia encontradas no uso de determinadas palavras, decidimos elaborar um teste que incluísse as mesmas palavras coletadas nas redações de Vestibular, para que nos fornecesse mais informações sobre como os informantes aplicam o emprego das regras do hífen na grafia de palavras.

Assim, foi constituído um segundo *corpus* da pesquisa, com base em um instrumento, a fim de confirmar ou não as informações obtidas nas redações de Vestibular. Procuramos, portanto, um grupo que se equiparasse aos que forneceram os primeiros dados para a pesquisa. Para atender a esse objetivo, entramos em contato com professores do último ano do Ensino Médio, também de escolas públicas da cidade de Rio Grande, para a aplicação do teste.

Nossa proposta foi a de elaborar um ditado, incluindo as palavras coletadas nas redações de vestibulandos e também palavras distratoras, para que os informantes não percebessem o objetivo da pesquisa. No grupo de palavras distratoras, incluímos palavras simples e palavras formadas por composição e derivação.

O instrumento para a aplicação do teste entre os alunos do ensino médio consistiu, portanto, na aplicação desse ditado com as mesmas palavras encontradas nas redações de Vestibular, com o acréscimo de várias palavras distratoras, em uma ordem em que se mostrassem intercaladas palavras com hífen, segundo a Gramática Tradicional, e palavras sem hífen, segundo a Gramática Tradicional e palavras distratoras, a fim de o ordenamento dos tipos de palavras não influenciar no resultado.

Tal procedimento foi realizado com duas turmas do último ano do Ensino Médio, nos turnos da manhã e da noite, incluindo o total de cinquenta e quatro alunos. Para que o instrumento fosse aplicado de forma natural, pedimos para que os professores responsáveis pela disciplina de Língua Portuguesa nos auxiliassem na aplicação do teste. Assim, os alunos não perceberam o objetivo do teste, e procederam como se fosse uma atividade de aula normal.

Conforme o procedimento realizado na primeira parte da coleta de dados, o fizemos também nesse segundo momento. Separamos as palavras prefixadas e sua respectiva forma de grafia, e as registramos em fichas separadas, destacando as ocorrências das formas ortográficas idênticas. Na aplicação do instrumento, observamos o mesmo tipo de ocorrência na inadequação do emprego do hífen encontrada no primeiro *corpus* da pesquisa (aquele constituídos de redações de vestibulandos), ou seja, além do emprego correto na grafia de

palavras hifenizadas, encontramos duas formas de emprego do hífen na inadequação da forma escrita das palavras. O instrumento forneceu dados de palavras hifenizadas com dois tipos de adaptação na grafia: a) a criação de dois vocábulos morfológicos na grafia, e b) a criação de um único vocábulo morfológico, quando deveriam, segundo a Gramática Tradicional, ser grafadas com o emprego do hífen. Nas palavras não-hifenizadas, o mesmo tipo de adaptação foi feito pelos informantes. Houve, na grafia de tais palavras, a criação de um vocábulo morfológico com hífen e a criação de dois vocábulos morfológicos quando a Gramática Tradicional não determina o emprego do diacrítico.

Diante de tais inadequações na grafia das palavras, buscamos categorizar os erros em função de suas motivações e dos critérios utilizados pelos usuários para o emprego ou não do hífen, com base nos suportes teóricos da Fonologia Prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986) e da Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1985). Para a análise dos dados, dividimos os prefixos em dois grupos, em função de seu caráter prosódico: a) Prefixos Composicionais (PC's), divididos em dissilábicos e monossilábicos, e b) Prefixos Legítimos (PL's), conforme Schwindt (2000), de acordo com o que descrevemos na seção 3.3.

Nessa distribuição, fizeram parte do primeiro grupo de palavras formadas pelos Prefixos Composicionais (PC's) dissilábicos cento e quarenta palavras; dessas palavras, vinte e nove são hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, e as restantes cento e onze não são hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional. Da análise desse grupo de palavras, optamos por elaborar tabelas que demonstrassem o percentual de uso na grafia dessas palavras formadas com dezenove prefixos do português. Obtivemos, assim, vinte e seis tabelas representativas da forma como os informantes grafaram tais palavras.

Com relação ao grupo de palavras formadas por Prefixos Compositivos (PC's) monossilábicos, analisamos quarenta e sete palavras, sendo trinta e uma palavras hifenizadas e dezesseis palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional. Geramos, desses dados, oito tabelas representativas do comportamento de cinco prefixos da Língua Portuguesa.

E, por fim, das palavras formadas por Prefixos Legítimos (PL), foram analisadas trinta e seis palavras, seis delas hifenizadas e trinta não-hifenizadas. Nessa etapa, a grafia de cinco prefixos foi representada através de sete tabelas.

3.2 Os informantes

Como o *corpus* da pesquisa foi constituído a partir de dois tipos de dados – dados de redações de vestibulandos e dados obtidos a partir de um instrumento –, conforme foi referido na seção precedente, procuramos homogeneizar os informantes pelo nível de escolaridade: vestibulandos (os autores das redações aqui analisadas) e alunos do último ano do Ensino Médio, série em que os estudantes estão prestes a realizar o vestibular (os autores das respostas ao instrumento aqui analisado). Com essa escolha, os alunos que responderam ao instrumento desta pesquisa têm grau de escolaridade equivalente ao dos vestibulandos, com os quais operamos na primeira parte da coleta dos dados, para a constituição do primeiro tipo de dados integrantes do *corpus* investigado.

Portanto, os informantes desta pesquisa foram duzentos vestibulandos, cujas redações foram elaboradas em um Concurso Vestibular para ingresso em uma Universidade Pública da região Sul do Brasil, conforme já foi referido, bem como cinquenta e quatro estudantes da última série do Ensino Médio de uma escola pública do município de Rio Grande – RS, os quais responderam ao instrumento aplicado nesta pesquisa.

3.3 Categorias de análise

A partir da constituição *corpus* da pesquisa, consideramos três classificações na observância dos dados:

- a) palavras hifenizadas, segundo a gramática tradicional, mas escritas sem o emprego do hífen pelos informantes da pesquisa;
- b) palavras não-hifenizadas, segundo a gramática tradicional, mas hifenizadas pelos informantes da pesquisa;
- c) palavras grafadas corretamente, segundo a gramática tradicional.

Após essa classificação, distribuimos as palavras em dois grupos, segundo o caráter prosódico dos seus prefixos, conforme Schwindt (2000). O primeiro grupo foi formado de vocábulos incluindo os Prefixos Composicionais (PC's), divididos em dissilábicos e monossilábicos, e o segundo grupo abrangeu vocábulos com Prefixos Legítimos (PL's).

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo destina-se à descrição dos dados considerados para análise na presente pesquisa. A organização na descrição e análise dos dados foi subdividida em conjuntos de palavras com Prefixos Composicionais dissilábicos, seguidos do mesmo procedimento para as palavras com Prefixos Composicionais monossilábicos, e, por fim, são apresentadas a descrição e análise de palavras contendo Prefixos Legítimos.

Em cada subdivisão encontram-se tabelas com três colunas, sendo que a primeira coluna refere o uso adequado do vocábulo, segundo a Gramática Tradicional, a segunda coluna apresenta o uso de vocábulo com o emprego do hífen nas palavras não-hifenizadas, e do uso de um vocábulo morfológico nas palavras hifenizadas. A terceira coluna apresenta o uso do mesmo vocábulo, porém com o emprego de duas palavras morfológicas. Em todas as tabelas foi aplicado um cálculo simples de percentual que representa o uso na grafia de cada palavra.

4.1 Prefixos Composicionais Dissilábicos

A descrição e análise dos dados desta seção correspondem às palavras hifenizadas e não-hifenizadas com o uso de Prefixos Composicionais dissilábicos que, segundo Schwindt (2000), têm a estrutura prosódica de vocábulos fonológicos independentes. Essa seção é composta por 26 tabelas que representam o comportamento, na escrita, de 19 prefixos do Português.

Tabela 1 – Emprego do prefixo *ante-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
anteontem	51,85	29,63	18,52
antepassados	27,78	16,67	55,56
anteprojeto	50,00	27,78	22,22
antevéspera	53,70	29,63	16,67
antevisão	16,67	38,89	44,44
Total - %	40,00	28,52	31,48

O prefixo *ante-* é mencionado no art.46, § 5º, do *VOLP*, alínea (b), sendo indicado o emprego do hífen quando seguido de palavras iniciadas por *h*, *r* ou *s*.

Como observamos na Tabela 1, 40% dos usuários do sistema optaram pela grafia correta, seguidos de 31,48% que formaram duas palavras morfológicas – tal alternativa considera o prefixo em questão não como um prefixo, mas como uma palavra independente; por fim, apenas 28,52% empregaram o hífen inadequadamente.

Admitindo a depreensão dos prefixos adotada por Schwindt (2000), de que os prefixos composicionais têm a estrutura prosódica de vocábulos fonológicos independentes, assumimos a possibilidade de que os informantes consideraram o prefixo *ante-* como palavra fonológica independente, por isso a separação na grafia dos vocábulos (*ante passados*, *ante visão*), em discordância com a Gramática Tradicional, e o registro de 31,48% de formas constituindo duas palavras morfológicas, percentual muito próximo daquele alcançado pela grafia adequada, segundo a Gramática Tradicional, que é aquela com que os estudantes estão familiarizados por meio da leitura de textos.

Além disso, o prefixo *ante-* pode ser fatorado: antes significa anterioridade, logo, utilizamos o par antonímico (antes e depois) a fim de identificar se é um prefixo visto pelos usuários como diacrônico ou sincrônico. Dentro desse princípio, se o prefixo pode ser fatorado, tende, a palavra que o integra, a não estar lexicalizada; não estando lexicalizada, propomos que os informantes a considerem como duas palavras fonológicas e duas palavras morfológicas.

No entanto, é importante enfatizar, na Tabela 1, se tomarmos os vocábulos *antepassados* e *antevisão*, que o emprego dado a elas pelos informantes foi diferenciado das demais palavras, tendo destaque com os percentuais de 55.56% e 44.44% respectivamente, com a criação de dois vocábulos morfológicos.

Esse fato pode ser explicado pela não aplicação da regra de neutralização da átona final, fato que ocorre quando a palavra não foi lexicalizada com o prefixo. Nos demais vocábulos da Tabela 1, entendemos, pelo uso da língua, que os falantes tenderiam a mostrar a ocorrência da neutralização da vogal átona final, diferentemente do que fazem com relação aos dois vocábulos acima referidos:

anteontem → ant[i]ontem

anteprojeto → ant[i]projeto

antepassados → *ant[i]passados

antevisão → *ant[i]visão

Assim, se somássemos os índices das colunas 1 e 2 da Tabela 1, teríamos como resultado, o fato da tendência ao emprego de uma única palavra morfológica com o prefixo *ante-*, sendo preferencialmente grafado sem hífen.

Com relação à parte do *corpus* constituída por dados de redações de vestibulandos, verificamos que o comportamento das palavras com a presença do prefixo *ante-* mostrou que os resultados foram compatíveis com os resultados do teste. Observamos que o uso dos vocábulos *anteontem* e *antevéspera* foram grafados inadequadamente, com a aplicação, na forma escrita da língua, da regra de neutralização da vogal, sendo grafados como *antiontem* e *antivéspera*, conforme anexo A. Assim, obtemos um indício de que tais vocábulos não estão em processo de lexicalização, havendo, ainda, por parte dos falantes, a consciência da existência do prefixo.

Da mesma maneira que os vestibulandos grafaram os vocábulos *antepassados*, *anteprojeto* e *antevisão*, também o fizeram a maioria dos alunos do Ensino Médio, com a grafia incorreta, segundo a Gramática Tradicional, para *ante passados* e *ante visão*, com o uso de dois vocábulos morfológicos em ambas as palavras. No vocábulo *anteprojeto* ocorreu o uso da forma correta em 50% dos usuários, tanto no teste, como nos textos de produzidos nas provas para o vestibular.

Tabela 2 – Emprego do prefixo *anti-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
antiaderente	38,89	14,81	46,30
antialérgico	35,19	12,96	51,85
antibélico	40,74	9,26	50,00
antibiótico	37,04	9,26	53,70
antibrasileiro	27,78	16,67	55,56
anticapitalismo	27,78	14,81	57,41
anticomunismo	27,78	16,67	55,56
anticoncepcional	25,93	20,37	53,70
anticonstitucional	24,07	18,52	57,41
anticristão	22,22	12,96	64,81
antidemocrático	20,37	16,67	62,96
antidrogas	31,48	9,26	59,26
antieconômico	25,93	16,67	57,41
antifascismo	24,07	20,37	55,56
antigovernamental	24,07	14,81	61,11
antiintelectualismo	14,81	27,78	57,41
antimíssil	12,96	70,37	16,67
antinatural	24,07	16,67	59,26
antinuclear	27,78	16,67	55,56
antipatriotas	31,48	11,11	57,41
antipedagógico	42,59	3,70	53,70
antipopular	37,04	9,26	53,70
antitabagismo	27,78	14,81	57,41
antiterrorismo	24,07	16,67	59,26
antivírus	31,48	16,67	51,85
Total - %	28,30	17,11	54,59

Tabela 3 – Emprego do prefixo *anti-* em palavras hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de um vocábulo morfológico - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
anti-herói	42,59	-	57,41
anti-higiênicos	51,85	-	48,15
anti-racismo	40,74	20,37	38,89
anti-revolucionário	61,11	14,81	24,07
anti-sequestro	27,78	24,07	53,70
anti-social	33,33	29,63	37,04
Total - %	42,90	14,81	43,21

O prefixo *anti-* também é mencionado no art.46, § 5º, do *VOLP*, alínea (b), sendo indicado o emprego do hífen quando seguidos de palavras com as mesmas características do prefixo *ante-*.

Através dos dados das Tabelas 2 e 3, vemos que o maior percentual incidiu na terceira coluna, na qual há a criação de dois vocábulos morfológicos quando há o emprego do prefixo *anti-*, alcançando o índice de 54,59% para as palavras não-hifenizadas e de 43,21% para as palavras hifenizadas. Os informantes, portanto, tendem a reconhecer esse prefixo como uma palavra fonológica independente, separando, assim, os vocábulos em duas palavras morfológicas.

Esse fato pode ser explicado através da fatoração do prefixo, identificando com clareza a noção de prefixação do vocábulo. O prefixo *anti-* possui o significado de oposição (conforme Quadro 4), sendo fatorado em *anti* e *pró*; portanto, tal comportamento sugere que esteja evidente a prefixação nos vocábulos que o integrem. Uma vez possível a fatoração do prefixo, há indícios de que não ocorreu, com as palavras que o integram, o processo de

lexicalização, o que parece estar representando que os usuários do sistema tendem a utilizar a grafia da palavra com prefixo *anti-* como dois vocábulos morfológicos independentes.

Nas 25 palavras não-hifenizadas, com a presença do prefixo *anti-*, coletadas nas redações de vestibular, observamos que todas foram grafadas como duas palavras morfológicas, em conformidade com os resultados obtidos no posterior teste com os alunos de Ensino Médio. Nas palavras hifenizadas, os vestibulandos optaram também pela grafia com dois vocábulos morfológicos, assim como no teste.

Tabela 4 – Emprego do prefixo *arqui-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
arquiinimigo	12,96	20,37	66,67
arquisseguro	16,67	25,93	57,41
Total - %	14,82	23,15	62,04

O prefixo *arqui-* requer o emprego do hífen quando seguidos de palavras iniciadas por *h*, *r* ou *s* (art.46, § 5º, alínea b – *VOLP*).

Os alunos do Ensino Médio optaram pelo uso de dois vocábulos morfológicos em palavras com a presença desse prefixo, com 62,04%. Quanto aos vestibulandos, houve a grafia da palavra *arquiinimigo*, com o uso também de duas palavras morfológicas; entretanto, no vocábulo *arquisseguro*, optaram pela grafia correta, segundo a ortografia oficial, diferentemente do teste.

Segundo Moreno (1997), em sua argumentação em favor de classificar alguns dos prefixos como palavras fonológicas independentes, cita a degeminação da vogal como um critério para qualificar o prefixo como independente, inclusive cita o prefixo *arqui-* quanto à possibilidade de ocorrência da degeminação. Se adotarmos esse princípio, os dados da Tabela 4 correspondem à hipótese da criação de dois vocábulos morfológicos quando o usuário considera o prefixo isoladamente; aí estaria uma justificativa para a separação, na grafia, em duas palavras morfológicas.

Tabela 5 – Emprego do prefixo *auto-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
autobiografia	33,33	20,37	46,30
autoconfiança	33,33	18,52	48,15
autoconhecimento	37,04	18,52	44,44
autocontrole	31,48	18,52	50,00
autocrítica	27,78	20,37	51,85
autodefesa	24,07	22,22	53,70
autodestruição	22,22	22,22	55,56
autodidata	22,22	22,22	55,56
autodisciplina	29,63	16,67	53,70
autodomínio	25,93	20,37	53,70
autoflagelação	24,07	18,52	57,41
autogovernar	27,78	20,37	51,85
automedicação	29,63	12,96	57,41
autopreservação	35,19	5,56	59,26
autopunição	37,04	7,41	55,56
Total - %	29,38	17,65	52,96

Tabela 6 – Emprego do prefixo *auto-* em palavras hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de um vocábulo morfológico - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
auto-afirmção	42,59	-	57,41
auto-ajuda	53,70	-	46,30
auto-análise	37,04	22,22	40,74
auto-avaliação	48,15	-	51,85
auto-extermínio	48,15	16,67	35,19
auto-imagem	55,56	-	44,44
auto-imposição	40,74	-	59,26
auto-imunidade	38,89	-	61,11
auto-retrato	66,67	-	33,33
auto-subsistência	22,22	20,37	57,41
auto-suficiência	29,63	44,44	25,93
auto-sugestão	25,93	38,89	35,19
auto-sustentável	20,37	42,59	37,04
Total - %	40,74	14,25	45,01

O prefixo *auto-* requer o uso do hífen quando seguido de palavras iniciadas por vogal, *h*, *r* ou *s* (art.46, § 5º, alínea (a) – *VOLP*).

Em virtude de três fatos: (a) o prefixo *auto-* ter o significado facilmente identificado pelos falantes da língua, especialmente aqueles considerados letrados, (b) constituir uma palavra fonológica, pois é portador de acento, e (c) ter emprego de alta frequência pelos usuários do Português, podemos interpretar o índice superior de seu emprego constituindo duas palavras morfológicas, tanto na Tabela 5 como na 6, como uma tendência à sua lexicalização como uma palavra independente da língua.

Mais um argumento para tratar tal prefixo como tendente a tornar-se um item lexical da língua é o fato de ele admitir a neutralização da vogal átona final. Houve consistência, nesse sentido do emprego de duas palavras morfológicas com o prefixo *auto-* tanto em se tratando de palavras não-hifenizadas (52.96%), como de palavras hifenizadas (45.01%).

Os vestibulandos grafaram as palavras não-hifenizadas com dois vocábulos morfológicos, com exceção das palavras *autodefesa* e *autodidata*, as quais foram grafadas com o uso de uma palavra morfológica com o emprego do hífen. Nas palavras hifenizadas também o uso de duas palavras morfológicas foi predominante entre os vestibulandos.

Tabela 7 – Emprego do prefixo *contra-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
contraceptivo	53,70	25,93	20,37
contracheque	24,07	57,41	18,52
contragolpe	20,37	55,56	24,07
contramão	22,22	53,70	24,07
contramaré	25,93	51,85	22,22
contrapartida	25,93	51,85	22,22
contrapeso	25,93	50,00	24,07
contraposição	22,22	48,15	29,63
contraproposta	22,22	50,00	27,78
Total - %	29.95	49.38	23.66

O prefixo *contra-* integra o art.46, § 5º, alínea (a), sendo necessária a grafia com hífen quando seguido de palavras iniciadas por vogal, *h*, *r* ou *s*

Nos dados do instrumento observamos maior percentual na grafia dos vocábulos com o emprego do hífen, com 49,38% de uso, mostrando a preponderância do uso de uma única palavra morfológica. O prefixo pode ser fatorado (*contra*, *pró*), o que deveria indicar o uso de duas palavras morfológicas na expressão escrita, entretanto os dados mostram que tal ocorrência não se comprovou. Observamos que a fatoração do prefixo pode não representar, nesse caso, um critério válido para a identificação do processo de não-lexicalização das palavras com ele constituídas. Embora existisse a hipótese de tendência ao uso de duas palavras morfológicas com o prefixo *contra-*, os dados podem ser interpretados no sentido de que os falantes têm presente a noção de composição nessas palavras, de acordo com o que preconiza o artigo 45 do *VOLP*, o qual afirma que só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido.

No levantamento feito nos textos dos vestibulandos não foram encontradas palavras com o uso do hífen, segundo a Gramática Tradicional, com o prefixo *contra-*. Nos vocábulos *contrapeso* e *contraproposta* houve o emprego do hífen de forma incorreta, o que destacamos também no teste realizado com os alunos de Ensino Médio.

Optamos por incluir o vocábulo *contraceptivo* no teste realizado com os alunos do Ensino Médio, por observarmos, nos dados dos vestibulandos, o tratamento do prefixo da língua como palavra morfológica independente, sem a preocupação de que o segundo elemento seja morfolologicamente ou semanticamente autônomo na língua. A palavra *concepção* tem origem no inglês *contraception*, e foi empregada como sendo uma palavra

prefixada, sem o emprego do hífen (53,70), pelo emprego do hífen (25,93), como também como palavra independente (20,37).

Os dados da tabela parecem demonstrar que, nas palavras contendo o prefixo *contra-*, é bastante clara a consciência do prefixo, prevalecendo a questão semântica. Pela predominância do uso do hífen com esse prefixo, os resultados parecem identificar que os usuários do sistema o consideram como tal, constituindo uma única palavra morfológica com a sua base.

Tabela 8 – Emprego do prefixo *entre-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
entreaberto	16,67	14,81	68,52
entrecruzar	31,48	25,93	42,59
entrelaçar	29,63	25,93	44,44
entrelinhas	33,33	18,52	48,15
entretanto	74,07	11,11	14,81
Total - %	37,04	19,26	43,70

O prefixo *entre-* não é mencionado no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, portanto, não é indicado o uso do hífen nas palavras que o contêm.

Nas palavras da Tabela 8, há destaque para o vocábulo *entretanto*, com 74,07% dos usuários aplicando a grafia correta. Isso pode ser explicado pelo processo de lexicalização que atuou sobre a palavra, bem como pela alta frequência de seu emprego. O usuário não vê o prefixo, nesse caso, como uma palavra fonológica independente, e, sim, como uma sílaba pretônica incorporada à base.

Nas demais palavras do bloco, os usuários formaram predominantemente duas palavras morfológicas individuais, o que indica que, nessas palavras, a consciência do prefixo ainda é evidente, fato que se comprova pela faturação do prefixo (do meio, em oposição a *intra-*, de dentro), o que é indicativo da não-lexicalização das palavras com esse prefixo.

Nas palavras não-hifenizadas utilizadas pelos vestibulandos, os vocábulos *entrelaçar* e *entretanto* foram grafados corretamente. No vocábulo *entrelinhas*, houve a criação de dois vocábulos morfológicos independentes, e um vocábulo com hífen na grafia da palavra *entreaberto*.

Tabela 9 – Emprego do prefixo *extra-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
extraconjugal	37,04	40,74	22,22
extracurriculares	38,89	35,19	25,93
extraterreno	35,19	37,04	27,78
Total - %	37.04	37.65	25.31

Tabela 10 – Emprego do prefixo *extra-* em palavras hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de um vocábulo morfológico - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
extra-escolar	25,93	31.48	42,59
extra-oficial	44,44	11.11	44,45
Total - %	35.19	21.30	43.51

A ortografia oficial determina o emprego do hífen quando o prefixo *extra-* preceder palavras iniciadas por vogal, *h*, *r* ou *s* (art.46, § 5º, alínea a).

Na Tabela 9, referente ao emprego do prefixo *extra-* em palavras não-hifenizadas, os dados mostram a opção dos usuários pela grafia das palavras com o uso do hífen (37, 65%), bem próximo à grafia correta (37,04%).

Na Tabela 10, no entanto, a maioria dos informantes (43, 51%) utilizou duas palavras morfológicas quando havia a presença do prefixo *extra-*, o que representa outro critério a ser utilizado na interpretação do resultado.

Os resultados obtidos nos textos de vestibular são semelhantes aos do teste: nos vocábulos *extra-escolar*, *extra-oficial*, e *extraconjugal*, houve a predominância de uso de duas palavras morfológicas independentes. Quanto à grafia da palavra *extracurriculares*, o emprego foi de uma palavra morfológica com o uso do hífen.

Recorremos para a possibilidade de fatoração do prefixo com o objetivo de reconhecer sua independência lexical, seguindo Moreno (1997). O prefixo *extra-* pode ser fatorado (*extra*, *intra*), portanto, demonstra não tender a deixar que ocorra a lexicalização das palavras que o contêm em sua formação, e, como pode ser usado como item lexical da língua de forma independente, corrobora os dados da Tabela 10 e também os dados obtidos junto aos vestibulandos.

Tabela 11 – Emprego do prefixo *hiper-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
hiperatividade	22,22	29,63	48,15
hipermercado	22,22	33,33	44,44
Total - %	22.22	31.48	46.30

O prefixo *hiper-* não é mencionado no *VOLP*, portanto não admite o emprego do hífen na grafia das palavras que o integram. Entretanto, na Gramática de Cegalla (2001) é incluído o prefixo *hiper-* no art. 46, § 5º, alínea (d), do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, no qual é determinado o uso do hífen nos vocábulos formados pelo prefixo *supra-* quando seguido de palavra iniciada por *r* ou *s*.

Na Tabela 11 observamos a predominância de uso das palavras que contêm o prefixo *hiper-* com a grafia correspondendo a duas palavras morfológicas. Tal aplicação se confirma também nos dados produzidos nos textos de vestibular, predominando o uso de duas palavras morfológicas na grafia de itens com esse prefixo.

Utilizando a significação oposta do prefixo (*hiper*, *hipo*) entendemos que, em palavras com tal prefixo, não tende a ocorrer o processo de lexicalização, até porque é possível a sua independência lexical; assim explica-se o uso predominante, na escrita, de duas palavras morfológicas.

Tabela 12 – Emprego do prefixo *inter-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
intercâmbio	74,07	20,37	5,56
interdependência	38,89	37,04	24,07
interdisciplinar	38,89	37,04	24,07
interligado	35,19	40,74	24,07
interlocutor	74,07	11,11	14,81
intermediação	31,48	46,30	22,22
intermédio	83,33	9,26	7,41
intermunicipais	77,78	9,26	12,96
internacionalismo	74,07	11,11	14,81
Total - %	58.64	24.69	16.67

O prefixo *inter-* não é citado no *VOLP*, portanto não requer o emprego do hífen. Em Cunha & Cintra (2001), o prefixo *inter-* é incluído na observância de uso do diacrítico quando seguido de radical iniciado por *h* ou *r*.

Observamos na Tabela 12, o uso predominante da grafia correta das palavras (58,64%), com predominância do uso do prefixo *inter-* na formação de uma única palavra morfológica. Tal resultado implica a tendência dos falantes a desconhecer-lo como prefixo da língua, indicando uma possível lexicalização das palavras que o trazem em sua formação. É interessante observar o fato de que, embora *inter-* seja um prefixo dissilábico e portador de acento primário, nas palavras em cuja formação ele entra, perde o acento primário, o qual passa a ter a natureza de acento secundário (exs.: intermunicipais, internacionalismo) – essa realidade pode estar contribuindo para, conforme foi referido acima, estar havendo a lexicalização das palavras que o trazem em sua formação.

Tabela 13 – Emprego do prefixo *macro-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
macrobiótico	61,11	24,07	14,81
macroeconomia	33,33	14,81	51,85
macroevolução	35,19	11,11	53,70
Total - %	43.21	16.67	40.12

O prefixo *macro-* não foi incluído no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, por isso com seu emprego é desnecessário o emprego do hífen.

Na grafia das palavras com o prefixo *macro-* houve a predominância pela opção correta, representada por 43,21% dos usuários. Muito próximo a esse resultado está a grafia com dois vocábulos morfológicos com 40,12%. O emprego do hífen foi baixo em comparação aos outros resultados.

Nas palavras *macroeconomia* e *macroevolução* o maior percentual incidiu sob a terceira coluna, acima de 50% para cada vocábulo. Entendemos que o prefixo em questão pode ser fatorado (macro, micro), o que explicaria a opção de dois vocábulos na grafia dessas palavras. Entretanto, o diferencial na Tabela 13 parece estar no vocábulo *macrobiótico*, com 61.11% de uso da grafia correta. O adjetivo *biótico* (*bio+ótico*) parece ser menos freqüente na língua, em paralelo aos substantivos *economia* e *evolução*, que compõem a base dos vocábulos analisados. Por isso o prefixo nesse vocábulo tende a ter comportamento diferenciado dos demais.

Quanto aos dados fornecidos pelos vestibulandos, o emprego correspondeu ao uso de dois vocábulos morfológicos, em todas as palavras com o prefixo *macro-*.

Tabela 14 – Emprego do prefixo *micro-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
Microcâmeras	29.63	25.93	44.44
Microcomputadores	68.52	11.11	20.37
microorganismos	14.81	25.93	59.26
Total - %	37.65	20.99	41.36

O prefixo *micro-* não foi incluído no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, por isso com ele é desnecessário o emprego do hífen.

No caso das palavras com o emprego do prefixo *micro-*, prevaleceu a grafia de dois vocábulos morfológicos, com o percentual de 41,36%, seguidos de 37,65% para a grafia correta e apenas 20,99% para o uso de um vocábulo com o hífen.

Podemos relacionar esses resultados com os dados da Tabela 13 (referente ao prefixo *macro-*) e da Tabela 14 por serem pares antônimos, já evidenciando aqui a sua fatoração. Assim, há indícios de que as palavras que contêm tal prefixo em sua formação não foram lexicalizadas, o que sugere a sua grafia como duas palavras morfológicas independentes.

Os resultados obtidos nas redações de vestibular corroboram com os resultados da Tabela 14. Nas palavras coletadas nos textos dos vestibulandos, a ocorrência de duas palavras morfológicas foi predominante, em se considerando o prefixo *micro-*, conforme anexo A.

Tabela 15 – Emprego do prefixo *mini-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
Miniquadro	24,07	16,67	59,26
minirretrospectiva	11,11	35,19	53,70
Total - %	17.59	25.93	56.48

O *VOLP* não menciona a ocorrência do hífen em palavras com o prefixo *mini-*.

Observamos, na Tabela 15, que a ocorrência de uso de dois vocábulos morfológicos predominou no *corpus* coletado no instrumento aplicado na presente pesquisa, com 56, 48% de seu emprego. Com visível inferioridade, houve o emprego do vocábulo com o uso do hífen em 25.93%. A grafia correta do vocábulo representa 17,59%.

Verificamos, portanto, que o prefixo *mini-* foi predominantemente empregado como uma palavra fonológica e morfológica independente. Recorremos novamente para a fatoração do prefixo, a fim de identificar, por esse meio, a tendência à lexicalização das palavras que o contêm. Esse prefixo pode ser fatorado (mini, mega), portanto os dados obtidos nesta investigação correspondem à hipótese de que o emprego, na forma escrita, de duas palavras morfológicas é usado quando há a consciência semântica do prefixo e a tendência a mantê-lo com identidade própria. Ao escreverem os vocábulos formados com esse prefixo como se fossem duas palavras morfológicas, os estudantes estão atribuindo o status de palavra independente ao prefixo *mini-*. É relevante salientar que efetivamente essa forma é freqüentemente utilizada, por falantes da língua, como item lexical independente.

Nos dados fornecidos pelos vestibulandos relativos a esse prefixo, a ocorrência maior foi a de emprego com duas palavras morfológicas, sendo que também houve o emprego do hífen, não sendo encontrada a grafia correta nos textos produzidos nas provas de vestibular.

Tabela 16 – Emprego do prefixo *multi-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
multilateralismo	33,33	18,52	48,15
multimídia	62,96	14,81	22,22
multimilionário	57,41	7,41	35,19
multinacional	48,15	12,96	38,89
Total - %	50.46	13.43	36.11

O *VOLP* não menciona a obrigatoriedade no emprego do hífen em palavras que contenham o prefixo *multi-*.

Os dados da Tabela 16 demonstram a frequência de uso adequado da grafia das palavras com o prefixo *multi-* em 50,46%, seguidos de 36,11% com o emprego inadequado de dois vocábulos morfológicos, e apenas 13,43% no emprego com o uso do hífen.

Entendemos que a frequência de uso adequado desse prefixo, formando uma só palavra morfológica com a sua base, indica a lexicalização das palavras que o apresentam em sua formação, uma vez que se perdeu a compreensão de que ele é um prefixo da língua. O maior percentual individual na Tabela 16 ficou ao encargo do vocábulo *multimídia*, com alto índice de frequência de uso correto na grafia, com 62.96%.

Consideramos que alguns vocábulos que levam o prefixo *multi-* na sua formação podem ser considerados lexicalizados, como no exemplo do vocábulo *multimídia*, acima referido, e que, por isso, houve o uso predominante da grafia correta. Nesse caso, o prefixo dissilábico *multi-* perde o acento primário que detinha, sendo que esse passa a ter a condição de acento secundário – ex.: *mùltimídia*.

Quanto uso das palavras deste bloco nas redações de vestibular, o emprego do hífen foi identificado apenas no vocábulo *multinacional*; nos demais prevaleceu a grafia com dois vocábulos morfológicos, sendo que a palavra *multimídia* teve emprego correto, de acordo com a Gramática Tradicional.

Tabela 17 – Emprego do prefixo *neo-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
neocolonialismo	44,44	24,07	31,48
neoliberal	38,89	24,07	37,04
Total - %	41.67	24.07	34.26

O prefixo *neo-* consta no art.46, § 5º, alínea (a), do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, sendo indicado o uso do hífen quando seguido de palavras iniciadas por vogal, *h*, *r* ou *s*.

Na Tabela 17, prevalece o uso da grafia correta dos vocábulos com esse prefixo, segundo a Ortografia Oficial, com 41,67%. A segunda opção de emprego na grafia foi de 34,26%, para o emprego de duas palavras morfológicas, ficando o índice de 24,07% para o emprego do hífen. Os dados da Tabela 17 podem sustentar a hipótese de uso de uma palavra

morfológica quando começa a haver o processo de lexicalização na palavra que tem, na sua composição, o prefixo *neo-*, embora os dados da pesquisa contemplem apenas dois itens lexicais, o que é um número muito reduzido para permitir uma afirmação segura. Pelo índice também alto do emprego de duas palavras morfológicas com o prefixo *neo-*, também poderíamos dizer que há um importante percentual de falantes que o trata como forma independente; novamente o número reduzido de palavras com esse prefixo na presente pesquisa não permite o estabelecimento de afirmações categóricas.

Moreno (1997) cita a possível independência do prefixo *neo-*, argumentando que ele pode ser fatorado (neo e paleozóico); entretanto, nosso entendimento é de que palavras com o prefixo antônimo de *neo-* não são de uso freqüente na língua, o que pode prejudicar o referido critério em relação a esse prefixo.

Contrariando os dados da Tabela 17, houve, entre os textos produzidos pelos vestibulandos, o emprego predominante do uso do hífen nas palavras com o prefixo *neo-*, mostrando a consciência de sua natureza prefixal, com significado próprio, acrescentado a uma base.

Tabela 18 – Emprego do prefixo *pseudo-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
pseudocriação	38,89	18,52	42,59
pseudotrabalhadores	40,74	16,67	42,59
Total - %	39.81	17.59	42.59

Há a indicação do uso do hífen no art.46, § 5º, alínea (a) do *VOLP* quando o prefixo *pseudo-* for seguido de palavra iniciada por vogal, *h*, *r* ou *s*.

No emprego do prefixo *pseudo-* nos dados desta pesquisa, é predominante o uso de dois vocábulos morfológicos na grafia, com 42,59% de frequência. Bem próximo, com 39,81%, encontramos a grafia com o uso adequado das palavras que o contêm, e somente 17,59% com o uso do diacrítico.

Nos textos das redações de vestibular encontramos o uso de dois vocábulos morfológicos nas palavras analisadas, o que concorda com os dados da Tabela 17, referente ao prefixo *neo-*.

Se tomarmos como critério a fatoração do prefixo, entendemos que o prefixo *pseudo-* não pode ser fatorado, pois é de difícil identificação seu par antonímico. Portanto, as palavras que têm esse prefixo em sua formação tendem a não apresentar indícios de lexicalização. Além disso, tal prefixo pode sofrer a regra de neutralização da vogal átona final, o que representa mais um argumento para a sua representação independente, já que a tendência desse tipo de prefixo é não sofrerem essa regra. De acordo com o emprego dado pelos informantes, presumimos que tenha sido esse prefixo individualizado como uma palavra independente, mantendo o seu acento primário e, por isso, resultou predominante a grafia com duas palavras morfológicas. Essas afirmativas, no entanto, devem ser tomadas com reservas, uma vez que o *corpus* da pesquisa apresentou apenas dois vocábulos com o prefixo *pseudo-*.

Tabela 19 – Emprego do prefixo *semi-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
semidestruído	35,19	25,93	38,89
semideus	25,93	18,52	55,56
semifinal	37,04	18,52	44,44
semiprecioso	38,89	18,52	42,59
Total - %	34.26	20.37	45.37

Tabela 20 – Emprego do prefixo *semi-* em palavras hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de um vocábulo morfológico - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
Semi-aberto	40,74	14,81	44,44
Semi-analfabetos	46,30	-	53,70
Semi-encoberto	48,15	-	51,85
Semi-escravo	42,59	-	57,41
Total - %	44.44	4.94	51.85

O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* no art.46, § 5º, alínea (a), determina a observância do emprego do hífen quando o prefixo *semi-* for seguido de palavra iniciada por vogal, *h*, *r* ou *s*.

Nas Tabelas 19 e 20, observamos que os maiores índices de uso na grafia das palavras estudadas pertencem ao emprego de dois vocábulos morfológicos independentes, sendo de 45,37% na Tabela 19 e, na Tabela 20, correspondente a 51, 85%. O mesmo ocorre nos textos produzidos pelos vestibulandos, onde a grafia predominante é equivalente aos dados do

instrumento aplicado nos alunos de Ensino Médio. Os erros ortográficos encontrados nas redações de vestibular são nas palavras *semidestruído* e *semifinal*, nas quais informantes optaram pela grafia com o emprego do hífen.

Observamos, portanto, que os informantes utilizaram o prefixo *semi-* como uma palavra independente, na maioria dos casos, considerando ser uma palavra com acento primário e com significado próprio. Além disso, o prefixo em questão pode ser fatorado, o que indica que a noção de prefixação é presente na representação dos informantes, nas palavras estudadas.

É interessante destacar, na Tabela 20, o baixo índice de emprego, na grafia das palavras, do uso de um vocábulo morfológico nas palavras hifenizadas, o que ocorreu somente na palavra *semi-aberto*. Entretanto, nas palavras não-hifenizadas a ocorrência de uma única palavra morfológica com o prefixo *semi-* foi de 20,37% de frequência.

Tabela 21 – Emprego do prefixo *sobre-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
sobrecumum	50,00	14,81	35,19
sobrenatural	51,85	12,96	35,19
sobreposição	51,85	16,67	31,48
sobretaxa	48,15	16,67	35,19
Total - %	50.46	15.28	34.26

O prefixo *sobre-* consta no art.46, § 5º, alínea (b), do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, sendo indicado o uso do hífen quando seguido de palavras iniciadas por *h*, *r* ou *s*.

Os dados da Tabela 21 demonstram a ocorrência de 50,46% de emprego correto na grafia das palavras estudadas com o prefixo *sobre-*, seguidos de 34,26% de uso de dois vocábulos morfológicos e de apenas 15,28% grafados com o hífen. Nos textos livres, que são as redações de vestibulandos, entretanto, a ocorrência do emprego do hífen prevaleceu, sendo seu emprego adotado em todas as palavras analisadas. De um modo geral, podemos dizer que os falantes têm consciência do prefixo *sobre-* na formação de muitas palavras da língua – por isso empregam, às vezes, a escrita de duas palavras morfológicas e, às vezes, a escrita dessas palavras com hífen –, mas que também, pela alta frequência de alguns vocábulos que contêm esse prefixo, como *sobrenatural* e *sobreposição*, por exemplo, pode estar havendo a lexicalização de algumas palavras formadas por esse prefixo.

Tabela 22 – Emprego do prefixo *super-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
superaquecimento	25,93	16,67	57,41
supercampeão	20,37	18,52	61,11
superdotados	24,07	16,67	59,26
superfaturados	24,07	16,67	59,26
supernatural	20,37	18,52	61,11
superpopulação	20,37	14,81	64,81
superproteção	22,22	14,81	62,96
Total - %	22,49	16,67	60,85

Tabela 23 – Emprego do prefixo *super-* em palavras hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de um vocábulo morfológico - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
super-herói	53,70	-	46,30
super-humano	42,59	-	57,41
Total - %	48.15	-	51.85

O VOLP no art.46, § 5º, alínea (d), determina o uso do hífen em palavras formadas pelo prefixo *super-* quando se lhe segue palavras iniciadas por *h* ou *r*.

Observamos, na Tabela 22, a alta frequência do emprego de duas palavras morfológicas na grafia de vocábulos formados pelo prefixo *super-*: o percentual corresponde a 60,85% de uso. A grafia correta foi responsável por 22,49% de uso e, por fim, 16,67% foi o índice de emprego do hífen na grafia dessas palavras. Embora o *corpus* da pesquisa contenha apenas duas palavras com esse prefixo em forma hifenizada, o resultado não é inconsistente, diante do fato de que *super-* é um prefixo que frequentemente é usado como item lexical independente na língua. Além disso, podemos dizer que as duas formas hifenizadas apresentaram bom percentual de emprego adequado em virtude de sua grande frequência de uso. Na Tabela 23, que registra as palavras hifenizadas com o prefixo *super-*, mostra que não houver qualquer ocorrência de emprego de um vocábulo morfológico para as duas palavras do *corpus* com esse prefixo.

Nos dados fornecidos pelos vestibulandos, a frequência de uso de dois vocábulos morfológicos nas palavras formadas pelo prefixo *super-* também foi predominante. Encontramos três casos de uso do hífen nas palavras: *superaquecimento*, *supercampeão* e *superdotados*.

O prefixo *super-* foi, portanto, predominantemente usado como uma palavra independente, tanto nas palavras hifenizadas quanto nas palavras não hifenizadas. Esse fato também pode ser explicado através da fatoração do prefixo, a fim de identificar com maior clareza a noção de prefixação do vocábulo. O prefixo *super-* pode ser fatorado (super, sub), portanto, sugere que esteja evidente a prefixação nos vocábulos que o integrem. Uma vez possível a fatoração do prefixo, há indícios de que não ocorreu, com as palavras que o contêm em sua formação, o processo de lexicalização; tal fato é representado pela tendência de os usuários do sistema tenderem a utilizar a grafia da palavra com dois vocábulos morfológicos independentes quando aparece a forma *super-*.

Tabela 24 – Emprego do prefixo *tele-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
telecomunicações	25,93	20,37	53,70
telecursos	24,07	38,89	37,04
Total - %	25.00	29.63	45.37

O prefixo *tele-* não está incluído no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*.

A Tabela 24 indica 45, 37% de frequência do uso de dois vocábulos morfológicos na grafia de palavras formadas pelo prefixo *tele-*. Como segunda alternativa de emprego, 29,63%, os informantes optaram pela grafia dessas palavras utilizando o hífen, e 25,00% grafaram as palavras corretamente. Nos dados fornecidos pelos vestibulandos, encontramos a predominância da grafia correta, sendo que, no vocábulo *telecomunicações*, foi utilizado o hífen na grafia.

Embora o *corpus* estudado tenha apenas duas palavras com o prefixo *tele-*, podemos afirmar que os falantes tendem a identificar a noção semântica por ele carregada, o que os leva a tratá-lo como palavra independente, com a manutenção de seu acento primário. Por outro lado, por não ser um prefixo passível de faturação, poderíamos também afirmar que, em palavras de uso muito freqüente, como *televisão*, por exemplo, haja a tendência à lexicalização do vocábulo.

Tabela 25 – Emprego do prefixo *ultra-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
Ultraconservador	25,93	22,22	51,85
Ultrapassado	81,48	11,11	7,41
Ultravioleta	37,04	11,11	51,85
Total - %	48.15	14.81	37.04

Tabela 26 – Emprego do prefixo *ultra-* em palavras hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de um vocábulo morfológico - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
ultra-secreto	25,93	25,93	48,15
ultra-som	14,81	33,33	51,85
Total - %	20.37	29.63	50.00

O prefixo *ultra-* integra o art.46, § 5º, alínea (a) do *VOLP*, sendo necessária a grafia com hífen quando seguidos de palavras iniciadas por vogal, *h*, *r* ou *s*.

Os dados da Tabela 25 indicam a grafia correta das palavras formadas pelo prefixo *ultra-* em 48,15% dos casos, seguidos de 37,04% de uso de duas palavras morfológicas independentes. A aplicação do hífen ocorreu com a frequência de 14,81%.

Na Tabela 26, que corresponde às palavras hifenizadas, 50% foi o índice de emprego, pelos informantes, da grafia com duas palavras morfológicas. O emprego de um vocábulo morfológico na grafia foi responsável por 29,63% dos casos e 20,37% foi o percentual de grafia correta.

Com relação à parte do *corpus* constituída por dados de redações de vestibulandos, verificamos que, nas palavras com a presença do prefixo *ultra-*, a grafia de dois vocábulos morfológicos prevaleceu. O emprego correto foi observado apenas na palavra *ultrapassado* – palavra de uso muito freqüente na língua – e houve um caso (*ultra-som*) de uso de um vocábulo morfológico sem hífen onde deveria haver a grafia da palavra com o hífen.

Observamos que o prefixo *ultra-* pode ser usado com palavra independente na língua, como mostra a Tabela 27, o que pode ser justificado pela identificação clara de seu significado e pela possibilidade de seu uso como palavra independente, mas também ocorre seu emprego ligado à base. Como a lexicalização não é uma propriedade que atinge somente o prefixo e, sim, a palavra como um todo, entendemos que os vocábulos estudados, especialmente aqueles que figuram na Tabela 26, ou particularmente a palavra *ultrapassado*, possam estar em processo de lexicalização.

4.2 Prefixos Composicionais Monossilábicos

Nesta seção são apresentados os resultados referentes ao emprego de palavras hifenizadas e não-hifenizadas formadas por Prefixos Composicionais monossilábicos, segundo a classificação proposta por Schwindt (2000). Essa seção é composta por 8 tabelas que representam o comportamento, na escrita, de 5 prefixos do Português.

Tabela 27 – Emprego do prefixo *bem-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
benfeitorias	9,26	22,22	68,52
benquisto	9,26	20,37	70,37
Total - %	9,26	21,30	69,44

Tabela 28 – Emprego do prefixo *bem-* em palavras hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de um vocábulo morfológico - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
bem-acabado	42,59	-	57,41
bem-aceito	38,89	-	61,11
bem-apanhado	48,15	-	51,85
bem-apresentados	44,44	-	55,56
bem-arranjado	40,74	-	59,26
bem-comportado	42,59	-	57,41
bem-conceituado	50,00	-	50,00
bem-dotado	46,30	-	53,70
bem-educado	44,44	-	55,56
bem-estar	55,56	-	44,44
bem-humorado	46,30	-	53,70
bem-sucedido	25,93	-	74,07
bem-visto	48,15	-	51,85
Total - %	44,16	-	55,84

O *VOLP* determina, no art.46, § 5º, alínea (g), o uso do hífen em palavras formadas pelo prefixo *bem-* quando a palavra que lhe segue tem vida autônoma na língua ou quando a pronúncia o requer.

A Tabela 27, referente a palavras não-hifenizadas com a presença do prefixo *bem-*, indica que 69,44% das ocorrências na pesquisa apresentaram a grafia das palavras formadas por esse prefixo com uso de duas palavras morfológicas. Índices bem inferiores revelaram outras alternativas com referência ao prefixo *bem-*: 21,30% é o percentual de emprego de um vocábulo com hífen e apenas 9,26% é o percentual com a grafia correta, sem hífen.

No grupo de palavras mostradas na Tabela 28, referente a palavras hifenizadas com a presença do prefixo *bem-*, houve maior frequência também do emprego de duas palavras morfológicas na grafia, com o percentual de 55,84%. O emprego correto na grafia dessas palavras atingiu o percentual de 44,16%, não havendo ocorrência do emprego de qualquer vocábulo morfológico, com esse prefixo, sem o diacrítico.

Nos dados coletados nos textos do vestibular, todas as palavras com a presença do prefixo *bem-* foram empregadas inadequadamente, com a grafia de dois vocábulos morfológicos independentes, com exceção da palavra *benfeitorias*, grafada com o uso do hífen.

Como o prefixo *bem-* tem o significado facilmente identificado pelos falantes da língua e tem emprego de alta frequência pelos usuários do Português como item lexical independente, podemos interpretar o índice superior de seu emprego constituindo duas palavras morfológicas, tanto na Tabela 27 como na 28, como uma tendência à sua

lexicalização como uma palavra independente da língua mesmo quando estaria exercendo a função de prefixo.

Tabela 29 – Emprego do prefixo *bi-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
bicampeão	33,33	50,00	16,67
Bilateral	53,70	31,48	14,81
Total - %	43,52	40,74	15,74

O prefixo *bi-* não é mencionado no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, portanto, não é indicado o uso do hífen nas palavras formadas por ele.

Os dados da Tabela 29 indicam a frequência do uso correto na grafia das palavras formadas pelo prefixo *bi-*; o índice foi de 43,52%. Em seguida, com 40,74%, encontramos o emprego de um vocábulo com hífen e, em um percentual de apenas 15,74%, aparece a grafia, do prefixo *bi-* e sua base, como duas palavras independentes.

Entre os dados fornecidos pelos vestibulandos, encontramos o uso do hífen na palavra *bicampeão* e, em conformidade com o instrumento, a grafia correta prevaleceu. Não houve, entretanto a ocorrência de uso de duas palavras independentes na grafia.

Assim, mesmo sendo o prefixo *bi-* passível de faturação – o que poderia levar os falantes a considerá-lo como item lexical independente –, seu emprego majoritário resulta na constituição de uma única palavra morfológica, preferencialmente sem o uso de hífen.

Tabela 30 – Emprego do prefixo *mal-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
maldito	79,63	-	20,37
malfadado	57,41	-	42,59
malfeito	51,85	1,85	46,30
malformado	36,18	-	63,82
Total - %	56,26	0,46	43,23

Tabela 31 – Emprego do prefixo *mal-* em palavras hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de um vocábulo morfológico - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
mal-acabado	46,30	-	53,70
mal-acostumado	42,59	-	57,41
mal-assombrado	35,19	-	64,81
mal-educado	40,74	-	59,26
mal-entendido	44,44	-	55,56
Total - %	41,85	-	58,15

Nos vocábulos formados pelo prefixo *mal-*, o *VOLP* determina, no art.46, § 5º, alínea (f), o uso do hífen quando se lhe segue palavra iniciada por vogal ou *h*.

A Tabela 30 indica a frequência de uso de 56, 26% de grafia correta das palavras não-hifenizadas formadas pelo prefixo *mal-*. Com o índice de 43,23% aparece o uso, pelos informantes, de dois vocábulos independentes na grafia, sendo que apenas 0,46% foi o percentual de emprego de um vocábulo com o hífen com relação a esse prefixo em palavras não-hifenizadas.

Os dados da Tabela 30 indicam que em 58,15% das ocorrências houve o uso de dois vocábulos morfológicos na grafia das palavras hifenizadas com o prefixo *mal-*. Como segunda opção houve a ocorrência de 41,85% com emprego do hífen e não houve qualquer ocorrência de emprego de um único vocábulo morfológico com esse prefixo em palavras hifenizadas.

Os resultados obtidos nas redações de vestibular corroboram com os resultados da Tabela 30. Nas palavras coletadas nos textos dos vestibulandos, a ocorrência de duas palavras morfológicas foi predominante em palavras com o prefixo *mal-*.

Entendemos que o prefixo em questão pode ser fatorado (mal, bem), é de uso freqüente como palavra independente da língua e tem significado de fácil apreensão o que, portanto, leva a que os falantes o reconheçam como palavra independente e dificulta a lexicalização de palavras que o contenham como prefixo em sua formação. Tais fatos poderiam explicar a predominância de uso de dois vocábulos na grafia das palavras com o prefixo *mal-*.

Tabela 32 – Emprego do prefixo *pós-* em palavras hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de um vocábulo morfológico - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
pós-adolescência	48,15	-	51,85
pós-colonial	33,33	24,07	42,59
pós-guerra	37,04	20,37	42,59
pós-moderno	27,78	38,89	33,33
Total - %	36,57	20,83	42,59

O *VOLP*, no art.46, § 5º, alínea (i), determina o uso do hífen quando o prefixo *pós-* tem acento próprio, por causa da evidência do seu significado e da sua pronúncia.

Os dados da Tabela 32 indicam que a ocorrência maior na grafia das palavras estudadas foi a do uso de dois vocábulos morfológicos, com o percentual de 42,59%. Em seguida, a grafia correta foi responsável por 36,57% dos casos, e, por fim, 20,83% foi o índice de emprego de um vocábulo morfológico com esse prefixo.

Nas redações de vestibular, a predominância foi correspondente à do teste: em todas as palavras analisadas, que apresentavam o prefixo *pós-*, houve o emprego de duas palavras independentes.

Recorremos para a fatoração do prefixo com o objetivo de reconhecer sua independência em relação à base, nas palavras que contêm o prefixo *pós-*. O prefixo pode ser fatorado (*pós*, *pré*), portanto, tende a manter a sua identidade, o que se reflete nos dados da Tabela 32 e também nos dados fornecidos pelos vestibulandos. Além disso, é freqüente o seu como item lexical da língua, o que vem corroborar a representação que os informantes desta pesquisa mostraram em relação ao tratamento dado ao prefixo *pós-*, grafando os vocábulos com a sua presença predominantemente como duas palavras morfológicas.

Convém salientar que o índice de palavras escritas de forma adequada, com a presença do prefixo *pós-*, também foi alto, o que pode ser atribuído à sua alta freqüência na língua.

Tabela 33 – Emprego do prefixo *pré-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
Preaquecimento	20,37	53,70	25,93
Preconcebido	22,22	46,30	31,48
Preconceito	96,30	1,85	1,85
Predisposição	59,26	33,33	7,41
Preexistência	20,37	42,59	37,04
Prepotente	40,74	33,33	25,93
Pressentimento	98,15	1,85	-
Pressupor	44,44	20,37	35,19
Total - %	50.23	29.17	20.60

Tabela 34 – Emprego do prefixo *pré-* em palavras hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de um vocábulo morfológico - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
pré-escola	50,00	7,41	42,59
pré-fabricado	25,93	20,37	53,70
pré-impressão	57,41	-	42,59
pré-natal	37,04	27,78	35,19
pré-primário	24,07	44,44	31,48
pré-qualificado	12,96	48,15	38,89
pré-requisito	42,59	12,96	44,44
pré-teste	37,04	24,07	38,89
pré-vestibular	50,00	9,26	40,74
Total - %	37.45	21.60	40.95

O *VOLP*, no art.46, § 5º, alínea (i), determina o uso do hífen quando o prefixo *pré-* tem acento próprio, *por causa da evidência do seu significado e da sua pronúncia*.

Os dados correspondentes à Tabela 33 indicam que 50,23% das ocorrências mostraram o emprego correto na grafia das palavras formadas pelo prefixo *pré-* em palavras não-hifenizadas. O uso de um vocábulo morfológico com o emprego do hífen foi de 29,17% e 20,60% foi o índice de uso da grafia com dois vocábulos independentes.

Nos dados encontrados nas redações de vestibular, nas palavras não-hifenizadas a predominância de uso foi de duas palavras independentes, contrariando os resultados obtidos na Tabela 33.

Os resultados da Tabela 34 indicam que 40,95% das ocorrências mostraram a grafia das palavras com o uso de dois vocábulos morfológicos independentes. Quanto ao emprego correto, ou seja, com o uso do diacrítico, o índice foi de 37,45% e de 21,60% com relação ao uso de um único vocábulo morfológico.

Os resultados das duas Tabelas acima referidas mostram que a representação das palavras, pelos falantes da língua, vêm ao encontro do que é referido no VOLP: quando há a manutenção do acento do prefixo *pré-* e a evidência de seu significado, independente da base, os falantes reconhecem duas palavras fonológicas e usam a grafia de duas palavras morfológicas ou de uma palavra morfológica com a presença de hífen (dados da Tabela 34); quando há a perda do acento do prefixo e a perda da evidência de seu significado, os falantes usam a grafia de uma única palavra morfológica, sem diacrítico – essas palavras tendem, então, a lexicalizar-se e o prefixo *pré-* passa a ser tratado como uma sílaba pretônica.

Schwindt (2000, p.129) cita o exemplo do vocábulo *pressentir* como um caso de lexicalização total, pois o prefixo se tornou uma sílaba pretônica, oferecendo contexto para a

aplicação da harmonização vocálica ($pr[e] + sentir > pr[e]ssentir \sim pr[i]ssintir$). Na Tabela 35, temos o mesmo vocábulo na forma substantivada *pressentimento*, com o percentual de 96,30% de uso adequado na grafia, ou seja, sem hífen, o que parece indicar a tendência dos usuários em considerá-la uma única palavra morfológica. O mesmo ocorre com o vocábulo *preconceito*, com 96,30% de uso adequado na grafia sem hífen.

Entendemos que o prefixo *pré-* deva ser considerado fatorado – considerando a representação que os falantes têm da língua – apenas quando mantém preservada a sua identidade semântica e prosódica, quando, então, as palavras que o contêm não apresentam indícios de lexicalização. Por outro lado, quando essas identidades não se mantêm, a tendência à lexicalização é evidente. Como esse processo de lexicalização é próprio da palavra e não do prefixo, isso explicaria o uso em algumas palavras do emprego de dois vocábulos independentes e, em outras, o emprego de um único vocábulo tanto morfológico, pois constitui um único vocábulo formal, como fonológico, pois, no momento em que *pre-* passa a ser uma sílaba pretônica, perde o acento primário e, com a sua primitiva base, passa a constituir uma única palavra fonológica.

4.3 Prefixos Legítimos

Nesta seção são apresentados os resultados referentes ao emprego de palavras hifenizadas e não-hifenizadas formadas por Prefixos Legítimos, segundo a classificação proposta por Schwindt (2000). Essa seção é composta por 7 tabelas que representam o comportamento, na escrita, de 5 prefixos do Português.

Tabela 35 – Emprego do prefixo *co-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
Coligação	64,81	35,19	-
Coobrigação	38,89	61,11	-
Total - %	51.85	48.15	-

Tabela 36 – Emprego do prefixo *co-* em palavras hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de um vocábulo morfológico - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
co-administração	5,56	46,30	48,15
co-autoria	16,67	53,70	29,63
Total - %	11.11	50,00	38.89

O prefixo *co-* não está listado no *VOLP*, portanto não existe observância quanto ao emprego do hífen em palavras formadas por ele.

Na Tabela 35 observamos que, em 51,85% dos casos, foi utilizada a grafia correta dos vocábulos. O emprego de um vocábulo com hífen foi responsável por 48,15 da frequência de uso. Merece destaque o fato de que não houve casos de uso de duas palavras morfológicas nos dados coletados com o prefixo *co-* em palavras não-hifenizadas, embora o instrumento contasse com apenas duas palavras com essa formação.

Nas palavras hifenizadas referidas na Tabela 36, a tendência maior de uso foi de 50% no emprego de um vocábulo morfológico. A grafia com o uso de dois vocábulos independentes ocorreu em 37,89% dos dados e apenas foi registrado o índice de 11,11% de grafia adequada com o prefixo *co-* em palavras hifenizadas.

Quanto aos dados fornecidos pelos vestibulandos, a grafia das palavras, tanto nas hifenizadas, quanto nas não-hifenizadas, prevaleceu o uso de um único vocábulo morfológico. Observamos, portanto, que o uso de um vocábulo morfológico foi predominante nos dados do instrumento e também nos dados das redações de vestibular.

Entendemos que o prefixo *co-* não pode ser fatorado, sendo já um indício de que as palavras por ele formadas podem ter tendência à lexicalização. Tal fato poderia levar os usuários a empregar um vocábulo morfológico na grafia das palavras com esse prefixo. Além disso – embora o *corpus* desta pesquisa não registre, pois é constituído de dados de língua escrita –, palavras com o prefixo *co-* poderiam, inclusive, sofrer a regra de Harmonia Vocálica, o que seria indício de sua lexicalização: não seria surpreendente ouvir a forma c[u]ligação para a palavra *coligação*, por exemplo.

Tabela 37 – Emprego do prefixo *des-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
desabastecimento	92,59	7,41	-
desabrigado	92,59	7,41	-
desaconselhável	92,59	7,41	-
desânimo	92,59	7,41	-
desatenção	92,59	7,41	-
desapropriação	92,59	7,41	-
desarmamento	92,59	7,41	-
desburocratização	81,48	18,52	-
desgovernado	94,44	5,56	-
Total - %	91.56	8.44	-

O prefixo *des-* não está incluído no *VOLP*, portanto não existe observância quanto ao emprego do hífen em palavras formadas por ele.

Na Tabela 37, observamos a frequência de uso de 91,56% na grafia correta das palavras formadas pelo prefixo *des-*, enquanto que apenas 8,44% foi o índice de emprego da forma inadequada do vocábulo com o hífen. Não houve a ocorrência de uso de duas palavras independentes. Tais resultados mostram que, palavras com o prefixo *des-* são sempre tratadas como um único vocábulo morfológico e fonológico.

Os vestibulandos forneceram dados semelhantes aos da Tabela 37; nas palavras *desburocratização* e *desgovernado*, houve o emprego do hífen na grafia. Mantiveram, portanto, com o prefixo *des-*, o uso consistente de uma única palavra morfológica e fonológica.

Semelhante ao prefixo analisado nas Tabelas 35 e 36, o prefixo *des-* apresenta indícios de lexicalização. Isso se justifica pela tendência à não identificação diacrônica do prefixo, ou seja, ao desaparecimento da consciência de sua autonomia na língua, integrando-se o prefixo ao vocábulo fonológico adjacente.

Outro fator que auxilia na identificação do processo de lexicalização é a ocorrência da regra de neutralização da vogal média pretônica que, quando ocorre, indica que o prefixo pode estar lexicalizado. A aplicação dessa regra pode ser observada no caso do prefixo *des-*, fato que corrobora a tendência à lexicalização das palavras que contêm esse prefixo em sua formação (ex.: d[i]sinibido). Também o funcionamento do Português tem mostrado (BISOL, 1985) que a vogal média /e/ tende a sofrer uma regra de elevação quando se encontra entre duas consoantes coronais – os exemplos a seguir evidenciam a possibilidade de emprego de tal regra:

desabastecimento → d[i]sabastecimento

desaconselhável → d[i]saconselhável

desatenção → d[i]satenção

Dentro desse princípio, nossa proposta é de que os informantes considerem o uso de um vocábulo morfológico na grafia das palavras lexicalizadas ou em vias de lexicalização, conforme mostram os dados.

Tabela 38 – Emprego do prefixo *re-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
reanalisar	57.41	31.48	11.11
reaproveitamento	59.26	31.48	9.26
redemocratização	29.26	33.33	7.41
renegociação	57.41	35.19	5.56
Total - %	58.33	32.87	8.33

Não há a observância do emprego do hífen em palavras formadas pelo prefixo *re-*, segundo a Ortografia Oficial.

Os dados da Tabela 38 indicam a frequência do emprego correto em 58,33% das palavras analisadas. O uso de um vocábulo com hífen ocorreu em 32,87% dos casos e apenas 8,33% foi o índice da grafia de dois vocábulos independentes com o prefixo *re-*. Quanto aos dados retirados das redações de vestibular, o uso predominante de palavras com o prefixo *re-* foi do emprego do hífen nas palavras deste grupo.

Se tomarmos como critério a faturação do prefixo, entendemos que o prefixo *re-* não pode ser fatorado, pois é de difícil identificação seu par antonímico. Apresenta, portanto, tendência à lexicalização das palavras que o contêm em sua formação. Tal prefixo pode também sofrer a regra de neutralização da vogal pretônica, quando tratado como sílaba pretônica de uma palavra, fato que representa outro argumento para a tendência à lexicalização das palavras que o contêm. De acordo com o emprego dado a esse prefixo pelos informantes, presumimos que o prefixo *re-* tenha esteja sendo incorporado à base a que se liga e, por esse motivo, houve a predominância no uso de um vocábulo morfológico sem hífen, que corresponde à grafia adequada. No entanto, merece registro o fato de que esse é um prefixo cujo significado ainda se faz evidente para muitos falantes, o que explicaria o uso do hífen em palavras com ele formadas (32,87% dos dados da Tabela 38).

Tabela 39 – Emprego do prefixo *sub-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
subchefe	22,22	40,74	37,04
subclasse	24,07	42,59	33,33
subconsciência	62,96	16,67	20,37
subdesenvolvido	44,44	25,93	29,63
subdivisão	38,89	25,93	35,19
subemprego	44,44	35,19	20,37
subentendido	42,59	31,48	25,93
subestimado	66,67	20,37	12,96
subestruturas	44,44	37,04	18,52
subfaturamento	22,22	38,89	38,89
subgrupo	33,33	24,07	42,59
subsálario	31,48	25,93	42,59
Total - %	39,81	30,40	29,78

Tabela 40 – Emprego do prefixo *sub-* em palavras hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de um vocábulo morfológico - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
Sub-base	51,85	29,63	18,52
Sub-ramo	53,70	25,93	20,37
sub-raça	48,15	27,78	24,07
Sub-região	37,04	24,07	38,89
Total - %	47.69	26.85	25.46

O *VOLP*, no art.46, § 5º, alínea (e), determina o uso do hífen em palavras formadas pelo prefixo *sub-*, quando seguido de palavras iniciadas por *r*.

Os dados da Tabela 39 indicam que a maior parte dos informantes empregou a grafia correta da palavra, com o índice de 39,81%, em seguida, com o percentual de 30,40% para a grafia de um vocábulo com hífen, sendo de 29,78% a ocorrência de dois vocábulos morfológicos nas palavras não-hifenizadas formadas pelo prefixo *sub-*.

Na Tabela 40, a frequência de uso adequado foi responsável por 47,69% nas palavras analisadas, sendo 26,85% com o emprego de um vocábulo morfológico sem hífen e 25,46% de uso inadequado com dois vocábulos morfológicos.

Nos dados coletados nos textos de vestibular, a ocorrência na grafia das palavras não-hifenizadas, formadas pelo prefixo *sub-*, foi na sua maioria com o uso de dois vocábulos morfológicos e, nas palavras hifenizadas, o emprego correto prevaleceu.

O prefixo *sub-* pode ser fatorado (sub, super), portanto, apresenta indícios da não ocorrência do processo de lexicalização das palavras que o contêm em sua formação. Moreno (1997) fornece uma alternativa para testar a lexicalização do prefixo. Através da ressilabação podemos identificar se o prefixo é autônomo na língua ou se ocorreu o processo de lexicalização. Observemos os exemplos seguintes:

sub+emprego → su.bem.pre.go

sub+entendido → su.ben.ten.di.do

sub+estimado → su.bes.ti.ma.do

sub+estruturas → su.bes.tru.tu.ras

Nessas palavras, os falantes da língua fazem a ressilabação do prefixo, o que evidencia a possibilidade de lexicalização das palavras que o apresentam em sua formação. Identificamos, portanto, segundo esse critério, que em alguns casos há indícios do processo de lexicalização, embora em outros não o reconheçamos.

Entretanto, segundo mostram os dados, a grafia das palavras que são formadas pelo prefixo *sub-* tem a tendência a ser grafadas com o uso de um vocábulo morfológico, o que nos induz a considerar o prefixo em questão com uma forma dependente, sendo integrado ao vocábulo fonológico adjacente. O alto índice de emprego de hífen com o prefixo *sub-* (30,40%, na Tabela 39) pode ser devido à identificação fácil de seu significado por muitos falantes da língua e pela possibilidade de sua fatoração.

Tabela 41 – Emprego do prefixo *trans-* em palavras não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, nos dados do instrumento

Uso adequado		Uso inadequado	
Palavra	%	Uso de vocábulo com hífen - %	Uso de dois vocábulos morfológicos - %
transamazônica	38,89	51,85	9,26
transcendental	66,67	33,33	-
transexual	24,07	25,93	50,00
Total - %	43.21	37.04	19.75

Não há a observância do emprego do hífen em palavras formadas pelo prefixo *trans-*, segundo a Ortografia Oficial.

Observamos, na Tabela 41, a ocorrência de 43,21% das palavras estudadas com a grafia adequada; em 37,04% houve o emprego de um vocábulo com hífen e apenas 19,75% foi o índice de grafia de com dois vocábulos morfológicos com o prefixo *trans-*.

Nos textos produzidos pelos vestibulandos, encontramos a ocorrência do emprego do hífen nas palavras *transamazônica* e *transcendental* e o uso correto de uma palavra morfológica ocorreu na palavra *transexual*. Os dados da Tabela 41 revelam, portanto, a predominância do uso de apenas um vocábulo morfológico com o prefixo *trans-*.

Chamamos atenção para o fato de que, na Tabela 41, o vocábulo *transcendental* não constitui um caso de formação prefixal na língua portuguesa. O termo é originário do latim (*transcendentia*, com o significado de escalada). Optamos por incluir o vocábulo *transcendental* no teste realizado com os alunos do Ensino Médio, por observar que nos textos de vestibular a palavra foi tratada como sendo prefixada, por ter sido grafada com hífen.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo tratamos da discussão dos resultados apurados após a coleta e análise dos dados referentes ao emprego do hífen em palavras prefixadas do Português. Na primeira seção discutimos o emprego dos resultados obtidos na grafia dos vocábulos contendo Prefixos Compositivos (PC's) dissilábicos, logo após o mesmo procedimento para os Prefixos Compositivos (PC's) monossilábicos, e por fim, na terceira seção destinamos a discussão para os resultados apurados em palavras prefixadas formadas pelos Prefixos Legítimos (PL's), seguindo a classificação proposta por Schwindt (2000).

Primeiramente, salientamos que os problemas ortográficos encontrados na presente pesquisa apresentam, como causa fundamental, a possível falta de conhecimento das relações entre os constituintes prosódicos e os morfológicos da língua, por parte dos usuários do sistema.

Considerando o foco da pesquisa, centrada no emprego do hífen como diacrítico da manifestação escrita da língua, por ele *assinalar em nossa ortografia um compromisso entre o critério mórfico e o critério fonológico*, segundo Câmara Jr. (1966), procuramos, em palavras prefixadas, elementos que auxiliem na identificação e solução de problemas ortográficos advindos dessa relação entre palavra morfológica e fonológica.

Reconhecemos que é no descompasso entre os constituintes palavra fonológica e palavra morfológica que se dá a incerteza, por parte dos informantes, na aplicação ou não do hífen, que opera no sistema escrito marcando a simultaneidade, mas nem sempre a isomorfia, entre essas unidades da língua.

Feitas estas considerações, buscamos os critérios que os informantes utilizaram para o emprego do hífen em palavras em que há a determinação de seu uso, segundo a Ortografia Oficial, bem como para o seu emprego inadequado.

5.1 Resultados do emprego de Prefixos Compositivos dissilábicos

Esta seção corresponde à discussão dos resultados obtidos grafia de palavras com o emprego de Prefixos Compositivos dissilábicos, tanto nas palavras hifenizadas, quanto nas palavras não-hifenizadas. A fim de apoiar a análise, elaboramos um quadro demonstrativo (Quadro 11) dos resultados obtidos na grafia de tais vocábulos, hifenizados ou não-hifenizados que empregam os prefixos classificados prosodicamente como Prefixos Compositivos dissilábicos, segundo Schwindt (2000). O quadro contém as palavras aplicadas no teste e a representação numérica do uso adequado, segundo a Gramática Tradicional, e as duas formas de inadequação encontradas na grafia das palavras pelos dados do instrumento.

Quadro 11 - Resumo dos resultados do emprego de Prefixos Composicionais (PC's) dissilábicos em palavras não-hifenizadas e hifenizadas, nos dados do instrumento

a) Palavras não-hifenizadas				b) Palavras hifenizadas		
PC's dissilábicos	Uso adequado	Uso do hífen	Uso de dois vocábulos morfológicos	Uso adequado	Uso de um vocábulo morfológico	Uso de dois vocábulos morfológicos
ante	40,00	28,52	31,48	-	-	-
anti	28,30	17,11	54,49	42,90	14,81	43,21
arqui	14,82	23,15	62,04	-	-	-
auto	29,38	17,65	52,96	40,74	14,25	45,01
contra	29,95	49,38	23,66	-	-	-
entre	37,04	19,26	43,70	-	-	-
extra	37,04	37,65	25,31	35,19	21,30	43,51
hiper	22,22	31,48	46,30	-	-	-
inter	58,64	24,69	16,67	-	-	-
macro	43,21	16,67	40,12	-	-	-
micro	37,65	20,99	41,36	-	-	-
mini	17,59	25,93	56,48	-	-	-
multi	50,46	13,43	36,11	-	-	-
neo	41,67	24,07	34,26	-	-	-
pseudo	35,81	17,59	42,59	-	-	-
semi	34,26	20,37	45,37	44,44	4,94	51,85
sobre	50,46	15,28	34,26	-	-	-
super	22,49	16,67	60,85	48,15	-	51,85
tele	25,00	29,63	45,37	-	-	-
ultra	48,15	14,81	37,04	20,37	29,63	50,00
Total - %	35,41	23,22	41,38	38,63	14,16	47,57

No Quadro 11, observamos que em casos de palavras que apresentam, pela Gramática Tradicional, Prefixos Composicionais dissilábicos ligados à base sem o hífen, além da grafia adequada, que representa o percentual de 35,41%, os informantes da pesquisa empregam duas estratégias na grafia dessas palavras: a) o uso de um vocábulo morfológico com o hífen,

representado por 23,22%, e b) o uso de dois vocábulos morfológicos independentes, com o índice de 41,38% das ocorrências.

Em casos de palavras que apresentam, pela Gramática Tradicional, Prefixos Compositivos dissilábicos ligados à base por meio de hífen, os informantes optaram pela grafia adequada no percentual de 38,63%, ficando o baixo índice de 14,16 % para o uso de um vocábulo morfológico sem hífen e o percentual predominante de 47,57% para a grafia com dois vocábulos morfológicos.

Pelos dados do Quadro 11, portanto, em se tratando de Prefixos Compositivos dissilábicos, houve a predominância do emprego de duas palavras morfológicas pelos informantes da pesquisa, tanto em palavras não-hifenizadas, como em palavras hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional (41,38% e 47,57%, respectivamente), embora o percentual de emprego adequado de palavras com esse tipo de formação possa ser próximo àquele (35,41% e 38,63%). Também os resultados apontam que, no caso de Prefixos Compositivos dissilábicos, há uma fraca tendência ao uso de um único vocábulo morfológico quando sua formação está em desacordo com a Gramática Tradicional – apenas 23,22% de uso de um vocábulo morfológico com o hífen em palavras não-hifenizadas e apenas 14,16 % de uso de um vocábulo morfológico sem hífen em palavras hifenizadas.

Como os Prefixos Compositivos dissilábicos apresentam acento primário e, portanto, constituem palavras fonológicas da língua, os dados do Quadro 11 podem levar à conclusão de que, no desencontro entre palavras prosódicas e morfológicas, os falantes dão prevalência à identidade das palavras fonológicas e, por isso, dão preferência ao emprego de duas morfológicas, como mostra o referido Quadro.

Merece destaque o fato de que, conforme já referimos na seção 4.1, os Prefixos Compositivos dissilábicos podem ser integrados à base não apenas constituindo uma única palavra morfológica, mas também podem, com a base, passar a constituir uma única palavra fonológica. Neste caso, os prefixos perdem o acento primário e a sílaba que o detinha passa a portar um acento secundário da palavra prosódica.

O índice de acerto do emprego de palavras com Prefixos Compositivos dissilábicos em formas hifenizadas e não-hifenizadas pode ser atribuído tanto à frequência dos vocábulos por eles formados na língua, como também à escolaridade dos informantes da presente pesquisa – vestibulandos e estudantes em final do Ensino Médio –, que devem ter passado por longo período de contato com a língua escrita.

5.2 Resultados do emprego de Prefixos Compositivos monossilábicos

Dedicamos esta seção para a discussão dos resultados obtidos nas palavras com o emprego de Prefixos Compositivos monossilábicos, incluindo as palavras hifenizadas e as não-hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional. A exemplo da seção anterior, o Quadro 12 representa os resultados obtidos na grafia, através dos dados do instrumento, com as duas formas de inadequação no seu emprego, bem como com a forma adequada, segundo a Gramática Tradicional.

Quadro 12 – Resumo dos resultados do emprego de Prefixos Composicionais (PC's) monossilábicos em palavras hifenizadas e não-hifenizadas, nos dados do instrumento

a) Palavras não-hifenizadas				b) Palavras hifenizadas		
PC's monossilábicos	Uso adequado	Uso do hífen	Uso de dois vocábulos morfológicos	Uso adequado	Uso de um vocábulo morfológico	Uso de dois vocábulos morfológicos
bem	9,26	21,30	69,44	44,16	-	55,84
bi	43,52	40,74	15,74	-	-	-
mal	56,26	0,46	43,23	41,85		58,15
pós	-	-	-	36,57	20,83	42,59
Pré	50,23	29,17	20,60	37,45	21,60	40,95
Total - %	39,81	22,91	37,25	40,01	10,61	49,38

No Quadro 12, observamos que em casos de palavras que apresentam, pela Gramática Tradicional, Prefixos Composicionais monossilábicos ligados à base sem o hífen, os informantes da pesquisa empregam também, além da grafia adequada, que representa o percentual de 39,81%, o qual é majoritário, duas estratégias na grafia dessas palavras: a) o uso de um vocábulo morfológico com o hífen, representado por 22,91% e b) o uso de dois vocábulos morfológicos independentes, com o índice de 37,25% de ocorrência.

Em casos de palavras que apresentam, pela Gramática Tradicional, Prefixos Composicionais monossilábicos ligados à base por meio de hífen, os informantes optaram, além da grafia adequada, que representa o percentual de 40,01%, pela grafia de um vocábulo morfológico, com 10,61 % do uso, e pela grafia com dois vocábulos morfológicos (49,38%), que alcançou o percentual de nível mais alto.

Assim, os resultados do Quadro 12 evidenciam que, em se tratando do emprego de Prefixos Composicionais monossilábicos em palavras não-hifenizadas, há a tendência predominante do seu uso adequado, como uma só palavra morfológica, dando ao prefixo o

tratamento de sílaba pretônica. No entanto, em um percentual bem próximo a esse uso adequado, aparece o emprego de duas palavras morfológicas, especialmente em se considerando os prefixos *bem-* e *mal-*. Tal fato poderia ser explicado predominantemente por três motivações: (a) são prefixos monossilábicos que detêm acento primário e, que, portanto, constituem palavras fonológicas; (b) são prefixos que podem ser fatorados, o que contribui para a identificação de seu significado, independentemente da base a que são afixados; (c) são prefixos que existem como itens lexicais independentes na língua. Como consequência, o emprego desses prefixos, constituindo duas palavras morfológicas mesmo em se tratando de palavras que são prefixadas pela diacronia da língua, não é surpreendente. Esse resultado mostra que a identidade desses prefixos ainda é reconhecida sincronicamente pelos falantes, muitas vezes sendo tratados como itens lexicais independentes.

O predominate índice de acerto do emprego de palavras com Prefixos Composicionais monossilábicos em formas não-hifenizadas pode ser atribuído à frequência dos vocábulos por eles formados na língua; essa conclusão se vê sustentada também pelo fato de os informantes da presente pesquisa serem vestibulandos e estudantes em final do Ensino Médio, o que pode evidenciar seus numerosos anos de escolaridade e seu grande contato com a língua escrita. Temos de salientar que esses prefixos, se detiverem acento primário, quando são usados em palavras não-hifenizadas perdem esse acento e passam a constituir uma sílaba pretônica da palavra em cuja formação se integram.

O Quadro 12 também mostra que, em se tratando de palavras com a presença de Prefixos Composicionais monossilábicos em palavras hifenizadas, houve a predominância do emprego de duas palavras morfológicas, o que aconteceu com os quatro prefixos que detêm acento primário: *bem-*, *mal-*, *pré-* e *pós-*. As razões para esse emprego podem ser as mesmas

três acima referidas, quando tratamos dos prefixos *bem-* e *mal-*. Salientamos que, nesses casos de emprego de duas palavras morfológicas, houve também a manutenção de duas palavras prosódicas, marcando a identidade de cada elemento tanto no nível do léxico, como no nível da fonologia da língua.

O alto índice de emprego adequado de palavras hifenizadas com Prefixos Compositivos monossilábicos (40,01%) pode ser atribuído à escolaridade e à familiaridade com a língua escrita que têm os informantes da pesquisa – conforme já foi referido em se tratando do uso adequado de palavras não-hifenizadas com Prefixos Compositivos monossilábicos –, mas também especialmente ao fato de que a formação de palavra com hífen mantém a identidade do prefixo, conservando também a sua identidade fonológica. Nesse caso, a unidade morfológica pode ser mera convenção da escrita: a duplicidade fonológica dos elementos prefixo + base é preservada.

Pelos dados do Quadro 12, parece, portanto, que a identidade fonológica das unidades da língua se sobrepõe à sua identidade morfológica – essa conclusão pode ser tomada a partir, na verdade, dos dois Quadros referentes ao comportamento dos Prefixos Compositivos na língua escrita, sejam esses prefixos dissilábicos ou monossilábicos, ou seja, quando os prefixos detêm acento primário e o mantêm na formação de palavras prefixadas, tendem a manifestar-se, na escrita, como palavras morfológicas independentes.

Ainda buscando, diante dos dados apresentados, identificar as motivações que levaram os informantes ao emprego inadequado na escrita das palavras estudadas, retomamos o estudo de Schwindt (2000).

Os critérios para a classificação dada por Schwindt (2000) aos Prefixos Compositivos são de que eles podem estabelecer-se como formas livres na língua e detêm acento, o que faz com que sejam considerados como palavras fonológicas independentes. Essas características auxiliam na identificação das motivações que levaram os informantes ao emprego, na escrita, de duas palavras morfológicas quando o vocábulo é portador desse tipo de prefixo. Os resultados sugerem a interpretação de que o acento motivou a criação de duas palavras morfológicas na escrita. Assumimos a possibilidade de que os informantes considerem preferencialmente os Prefixos Compositivos, por serem portadores de acento, como palavras fonológicas independentes, por isso a separação na grafia dos vocábulos, com esse tipo de prefixo, em discordância com a Gramática Tradicional. A tendência, segundo os dados, é que cada palavra prosódica dê origem a uma palavra morfológica na manifestação escrita da língua.

Outro fator que consideramos essencial para a interpretação dos dados é o processo de lexicalização dos vocábulos que, segundo Schwindt (2000), é um processo que atinge a palavra como um todo e não o prefixo isoladamente. Tal processo é entendido como a perda do caráter prefixal da palavra. A lexicalização da palavra pode ser identificada, segundo os autores consultados (SCHWINDT, 2000, MORENO 1997), através de cinco critérios:

- a) frequência de uso de determinadas formas,
- b) a impossibilidade de fatoração do prefixo,
- c) a não aplicação da regra de neutralização da vogal átona final,
- d) a aplicação da regra de neutralização da vogal pretônica e
- e) a aplicação da regra de harmonização vocálica.

Mediante esses critérios, propomos que, quando não ocorreu o processo de lexicalização da palavra, os informantes tendem a considerá-la como duas palavras fonológicas, refletindo na escrita a criação de dois vocábulos morfológicos independentes, os quais, segundo a Gramática Tradicional, seriam, na condição de palavras prefixadas, uma única palavra morfológica. Quando a palavra foi lexicalizada, a tendência é de que os informantes considerem o prefixo que a compõe como sílaba átona afixada à esquerda da base, e, por isso, há a tendência à união na grafia de tais palavras.

Em se tratando dos Prefixos Composicionais, pelos resultados desta pesquisa, o processo de lexicalização é muito raro, tendendo a ocorrer primeiramente com prefixos não-acentuados (como o prefixo *bi-*, por exemplo) e com palavras de alta frequência na língua. O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* corrobora tal conclusão ao citar, inclusive, como única exceção de caso de prefixo dissilábico acentuado, o caso do vocábulo *extraordinário*, em cuja grafia deveria ser aplicado o hífen por seu prefixo estar seguido de palavra iniciada por vogal (art. 45, § 5º, alínea (a)); no entanto, devido a estar *consagrado pelo uso*, nesse vocábulo não há a exigência do emprego do diacrítico.

5.3 Resultados do emprego de Prefixos Legítimos

Nesta terceira e última seção, apresentamos os resultados do emprego de palavras contendo Prefixos Legítimos, segundo o caráter prosódico, conforme Schwindt (2000). A fim de ilustrar os resultados e embasar a discussão, o Quadro 13 representa a totalização dos resultados da aplicação de tais prefixos na grafia de palavras hifenizadas e não-hifenizadas.

Quadro 13 – Resumo dos resultados do emprego de Prefixos Legítimos (PL's) em palavras não-hifenizadas e palavras hifenizadas, nos dados do instrumento

a) Palavras não-hifenizadas				b) Palavras hifenizadas		
PL's	Uso adequado	Uso do hífen	Uso de dois vocábulos morfológicos	Uso adequado	Uso de um vocábulo morfológico	Uso de dois vocábulos morfológicos
co	51,85	48,15	-	11,11	50,00	38,89
des	91,56	8,44	-	-	-	-
re	58,33	32,87	8,33	-	-	-
sub	39,81	30,40	29,78	47,69	26,85	25,46
trans	43,21	37,04	19,75	-	-	-
Total - %	56,95	31,38	11,57	29,40	38,43	32,17

O Quadro 13 indica alto índice de frequência de uso correto na grafia de palavras não-hifenizadas formadas por Prefixos Legítimos, com 56,95%, seguidos de 31,38% de frequência do uso do hífen e 11,57% de uso de dois vocábulos morfológicos.

Nas palavras hifenizadas, encontramos nos dados 29,40% de frequência da grafia correta, 38,43% de emprego de um vocábulo morfológico e 32,17% com dois vocábulos morfológicos.

Assim, os resultados do Quadro 13 indicam que, em se tratando do emprego de Prefixos Legítimos em palavras não-hifenizadas, há a tendência predominante do seu uso adequado, como uma só palavra morfológica, dando ao prefixo o tratamento de sílaba pretônica. No caso de palavras hifenizadas, o percentual de 38,43% indica também a predominância do uso de uma só palavra morfológica, embora esse tratamento seja inadequado na grafia, segundo a Gramática Tradicional.

Tal fato poderia ser explicado por três motivações: (a) são prefixos inacentuados, portanto, considerados sílabas átonas; (b) são prefixos que, na sua maioria, não podem ser fatorados, o que dificulta a identificação de seu significado; (c) são prefixos que não podem estabelecer-se independentemente, devendo estar ligados a uma base.

Como consequência, a tendência de emprego desses prefixos na grafia é de uso de uma palavra morfológica, mesmo em se tratando de palavras que são hifenizadas, segundo a Gramática Tradicional, pois a aplicação do hífen manteria, nessas palavras, a independência do prefixo. Há indícios também de que as palavras formadas por Prefixos Legítimos podem ter tendência à lexicalização, como mostram os dados, o que reforçaria a condição desses prefixos como sílabas átonas afixadas a uma base.

Assim, os dados apontam que há a inclinação para que os usuários do sistema considerem as palavras formadas com Prefixos Legítimos como uma palavra fonológica e uma palavra morfológica, havendo, por isso, a tendência à união na grafia de tais palavras, o que, na verdade, está em acordo com a Gramática Tradicional.

A fim de completar a análise das palavras formadas por Prefixos Compositivos e Prefixos Legítimos, apresentamos algumas considerações sobre o aspecto lexical dessas palavras, a partir de evidências encontradas na proposta de Schwindt (2000).

Seguindo os pressupostos da Fonologia Lexical, a proposta de Schwindt (2000) é a de que os prefixos não estão todos no mesmo nível, pois devem ser consideradas as diferenças prosódicas que os caracterizam. Dentro desse princípio, na pesquisa realizada, a partir dos

dados analisados, buscamos identificar indícios da localização dos prefixos nos níveis do léxico.

O autor propõe que todos os Prefixos Legítimos de Classe I (seção 2.7.1) são inseridos como sílabas pretônicas à esquerda de uma base, relacionando-se com bases em formação. Referimos, como exemplo, o tratamento dado a alguns prefixos que analisamos na pesquisa: *co*³¹-, *des*-, *re*- e *trans*-.

Segundo Schwindt (2000), os Prefixos Legítimos em PL's de Classe I são apostos a bases em formação, estando no Nível 1 do componente lexical da língua, sendo que os PL's de Classe II são apostos à palavra pronta, estando no Nível 2 do componente lexical da língua. Nos dados da presente trabalho, o prefixo *co*-, por ter sido considerado uma sílaba pretônica pelos informantes de pesquisa (Tabelas 35 e 36), que com ele formaram preferencialmente uma única palavra morfológica sem hífen, deve pertencer ao Nível 2, uma vez que, em todas as palavras em que foi empregado, estava anteposto a uma palavra pronta (*co*+ligação, *co*+obrigação, *co*+administração, *co*+autoria).

Com referência ao prefixo *re*- registramos, no *corpus* da pesquisa, o mesmo comportamento do prefixo *co*-, uma vez que todos os vocábulos em cuja formação apareceu mostraram sua aposição a uma palavra pronta. Como, em relação ao prefixo *re*-, houve preferencialmente o uso de um único vocábulo morfológico sem hífen, mas também houve um bom índice de seu emprego com hífen (Tabela 38), assim, é possível pensar que, diferentemente da proposta de Schwindt (2000), esse fosse também um prefixo de Nível 2 da língua.

³¹ O prefixo *cum*- do Latim passou para o Português na forma alterada **com**- e posteriormente foi reduzido para *co*- (*cum*- > *com*- > *co*-)

No caso do prefixo *des-* há que se considerar uma diferença semântica, destacada pelo autor (*des-* com o significado de privação e *des-* com o significado de negação). No *corpus* da pesquisa identificamos apenas a segunda alternativa, pois todas as palavras formadas pelo prefixo *des-*, analisadas na pesquisa, têm o significado de negação. Assim, o prefixo *des-* estaria em conformidade com a proposta de Schwindt (2000), pertencendo ao Nível 2, ou seja, o nível da palavra.

É importante referir que a segmentação dos Prefixos Legítimos em Classes não prejudica a proposta de que eles são inseridos lexicalmente, da mesma forma que não podemos refutar tal classificação com os dados do presente trabalho, uma vez que a pesquisa se detém na manifestação escrita da língua – fato que não permite a verificação da aplicação de regras fonológicas às palavras prefixadas – e não inclui os demais prefixos mencionados pelo autor.

Em se tratando dos Prefixos Composicionais, comprovamos, com os dados desta investigação, pelo uso das palavras formadas por esses prefixos, que os informantes os identificam como palavras fonológicas independentes. Sendo assim, conforme afirma Schwindt (2000), percorrem o léxico como formas independentes. Entretanto, os dados aqui analisados mostraram também que alguns desses prefixos podem adquirir o caráter de sílabas pretônicas incorporadas a uma base, através do processo de lexicalização das palavras com eles formadas, dependendo do julgamento dos usuários do sistema. Assim, eles deixariam de percorrer o léxico como palavras fonológicas independentes e passariam a relacionar-se com a base em formação, assemelhando-se aos Prefixos Legítimos de Nível 2 – tal fato poderia estar acontecendo com palavras formadas com o prefixo *inter-*, por exemplo (ver Tabela 12).

Segundo Schwindt (2000), existe a possibilidade do alçamento dos Prefixos Composicionais que, depois de percorrerem o léxico até o pós-léxico, pela operação do *loop* sofrem a prefixação no Nível 2, submetendo-se a todos os processos fonológicos desse nível, como uma só palavra fonológica. Pelos resultados desta pesquisa, podemos interpretar que os informantes, quando grafam as palavras inadequadamente, especialmente as não-hifenizadas, e particularmente quando as escrevem como duas palavras morfológicas independentes, não utilizam esse recurso de alçamento, fazendo o vocábulo permanecer como unidade fonológica independente. Nesse caso, as palavras formadas por Prefixos Composicionais deixam de ser tratadas como palavras prefixadas, passando a ser consideradas como Compostos Lexicais, ou seja, com a presença de duas palavras fonológicas e duas palavras morfológicas.

Assim, em relação às palavras formadas por Prefixos Composicionais, os dados desta pesquisa podem levar a concluir dois fatos a partir da predominância do uso, na escrita, de vocábulos com esse tipo de prefixo, de duas palavras morfológicas ou mesmo de uma palavra morfológica hifenizada:

a) com relação ao aspecto prosódico da língua, sempre que o prefixo detém e mantém acento primário, sua identidade como palavra fonológica é preservada – esse fato fonológico parece reger o comportamento morfológico das palavras na sua manifestação escrita;

b) com relação ao aspecto morfológico, quando as palavras formadas por Prefixos Composicionais são escritas como dois vocábulos morfológicos, não parecem utilizar o recurso do *loop*, considerando o prefixo como do Nível 2 da língua, preferindo criar Compostos Lexicais; diferentemente, quando os usuários do sistema empregam o hífen nessas

palavras, podem estar usando o recurso do *loop*, reconhecendo a existência do prefixo na formação da palavra e o integrando ao Nível 2 do componente lexical da língua.

6. CONCLUSÃO

Esta pesquisa procurou discutir alguns aspectos relacionados à manifestação escrita da língua, com relação às palavras portadoras de prefixos, ligados à base por meio do hífen e por palavras sem o emprego do diacrítico, considerando basicamente as noções de palavra fonológica e de palavra morfológica. Para chegarmos à prática avaliativa, fizemos um percurso teórico que apontou os problemas relacionados à grafia de tais palavras, sendo esses fundamentalmente devidos ao desconhecimento das relações entre os constituintes prosódicos e os morfológicos da língua, por parte dos usuários do sistema, em particular, pelos informantes da pesquisa, de cuja produção escrita foi constituído o *corpus* estudado, que foram alunos do Ensino Médio e vestibulandos. Os dados indicam que as dificuldades encontradas pelos alunos, quando se deparam com esse problema específico referente à grafia, resultam na escrita em possíveis erros ortográficos, que se refletem como estratégias, as quais indicam a forma de apropriação que eles têm desses constituintes da língua.

Diante das inadequações encontradas, baseadas na abordagem apresentada pelas Gramáticas Tradicionais, no emprego do hífen em palavras prefixadas da língua, buscamos categorizar os erros, na forma escrita da língua, em função de suas motivações e dos critérios utilizados pelos usuários para o emprego ou não do hífen em palavras formadas por prefixos, com base em suportes teóricos relativos à Fonologia Prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986) e da Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1985). Para a análise dos dados, segmentamos os prefixos em dois grupos, em função de seu caráter prosódico, conforme Schwindt (2000), em Prefixos Composicionais e Prefixos Legítimos.

Assim, verificamos os critérios, de acordo com um dos objetivos específicos, para o uso ou não do hífen, em função do caráter prosódico dos prefixos: a) quando as palavras integram Prefixos Composicionais na sua formação, a tendência dos usuários é a do uso de duas palavras prosódicas e duas palavras morfológicas na grafia, b) se as palavras são formadas por Prefixos Legítimos, a tendência dos usuários é o uso de um vocábulo morfológico na escrita.

Quanto às motivações subjacentes a esses critérios, para o uso ou não do hífen em palavras prefixadas, identificamos a) a presença ou não de acento no prefixo, b) a possibilidade de identificação do processo de lexicalização nas palavras, aqui incluída a possibilidade de aplicação dos processos fonológicos de neutralização da vogal pretônica e de harmonização vocálica e c) a frequência de uso, dependendo do julgamento dos usuários. Assim, quando os prefixos detêm acento, a tendência é considerá-lo como uma palavra fonológica, refletida na escrita preferencialmente como uma palavra morfológica, ou, então, como um prefixo ligado a uma base por hífen; quando não possuem acento, a tendência de uso, segundo os dados, é de uso de uma palavra morfológica na grafia.

Portanto, o emprego do hífen, na escrita, segundo os dados da presente pesquisa, depende primordialmente da identidade ou não do prefixo como palavra fonológica – tal resultado pode ser comprovado pelo fato de que, quando um prefixo que detém acento passa a integrar uma só palavra morfológica sem hífen, passa também a constituir com a base uma única palavra fonológica, pois perde o seu acento primário original, o qual passa a ser acento secundário. Tal fato indubitavelmente ocorre quando há a lexicalização da palavra

originalmente prefixada. Assim, o que é estabelecido pela Ortografia Oficial é dissipado à medida que desaparece a consciência da construção de determinados vocábulos.

Assim, de acordo com o objetivo da pesquisa e dos resultados obtidos na análise do *corpus*, foi possível constatar que as dificuldades encontradas por alunos do último ano do Ensino Médio, bem como por vestibulandos, em grafar palavras com o emprego do hífen, consistiu na falta de conhecimento em identificar a relação entre as noções de palavra fonológica e palavra morfológica.

Nesse sentido, buscamos ter contribuído para a identificação de problemas ortográficos advindos da falta de entendimento referente a palavras fonológicas e palavras morfológicas como unidades da língua, com o reconhecimento de prováveis implicações para o ensino e o uso do sistema escrito da língua.

Ao concluirmos este trabalho, lembramos que, na relação estabelecida entre palavra fonológica e palavra morfológica por meio do uso ou não do hífen na grafia de palavras prefixadas, retomamos as regras estabelecidas pela Ortografia Oficial e pudemos verificar que as Gramáticas Tradicionais, na abordagem do emprego do hífen, tomam por base apenas a língua escrita, desconsiderando, muitas vezes, o que é reconhecido através do julgamento dos falantes. Essa pode ser apontada como uma das causas da difícil assimilação e emprego pelos usuários do sistema desse diacrítico da língua escrita, fugindo às regras do padrão ortográfico das palavras prefixadas que contêm ou não o hífen. Os resultados da presente pesquisa foram claros quanto ao fato de que, em palavras prefixadas, os falantes do Português Brasileiro tomam, como base para a sua forma escrita, a palavra fonológica – na verdade, reiterando o

título deste trabalho, o uso da palavra prosódica, por falantes de PB, tem implicações diretas na ortografia de palavras prefixadas.

A identificação dessa realidade, como conhecimento gerado pela pesquisa, pode dar contribuições para a atuação do professor diante de problemas relacionados ao foco do presente estudo. Vale salientar que, através da análise de erros ortográficos, visamos tão somente apresentar uma possibilidade de articulação com o ensino do Português, levando em consideração as representações dos falantes e a evolução do sistema. Naturalmente são necessários mais estudos nessa direção, não só ampliando possibilidades na relação entre os constituintes do sistema, como também avaliando outras pesquisas desenvolvidas no mesmo sentido.

OBRAS CONSULTADAS

BASILIO, Margarida. *O conceito de vocábulo na Obra de Mattoso Câmara*. D.E.L.T.A., n. 20: Especial, p.71-84, 2004.

_____, Margarida. *Teoria Lexical*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1991.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BISOL, Leda. Fonologia Lexical. In: BISOL, L. (org) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4.ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____, Leda. Palatalização e sua restrição variável. *Estudos*, n.5. Salvador: UFB, p. 162-178, 1986.

_____, Leda. (org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 254p.

_____, Leda. *Mattoso Câmara Jr. e a Palavra Prosódica*. D.E.L.T.A., n. 20: Especial, p.59-70, 2004.

CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. *Princípios de Lingüística Geral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1954.

_____, Joaquim Mattoso. *Problemas da Lingüística Descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

_____, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____, Joaquim Mattoso. *História da Lingüística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 29. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

COUTINHO, Ismael Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Eletrônico. Século XXI. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexicon Informática, 1999.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.

_____, Valter. *Morfemas do português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

LAROCA, M. de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes, Juiz de Fora: UFJF, 2001.

LEE, S. H. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.

LUFT, Celso Pedro. *Novo Manual de Português: gramática, ortografia oficial, redação, literatura, textos e testes*. São Paulo: Globo, 1989.

_____, Celso Pedro. *Novo Guia ortográfico*, 29. ed. São Paulo: Globo, 2000.

MORENO, C. *Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

NESPOR, Marina & VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. (Trad. de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein). São Paulo: Cultrix, 1916.

SCHWINDT, Luiz Carlos. *O prefixo no Português Brasileiro: análise morfofonológica*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

ANEXO A - Palavras coletadas nas redações de vestibular

- | | |
|--------------------------|-----------------------|
| 1. ante passados | 34. anti vírus |
| 2. ante visão | 35. antiontem |
| 3. anteprojeto | 36. antivéspera |
| 4. anti aderente | 37. arqui inimigo |
| 5. anti alérgico | 38. arquisseguro |
| 6. anti bélico | 39. auto afirmação |
| 7. anti biótico | 40. auto ajuda |
| 8. anti brasileiro | 41. auto analise |
| 9. anti capitalista | 42. auto avaliação |
| 10. anti comunismo | 43. auto biografia |
| 11. anti concepional | 44. auto confiança |
| 12. anti constitucional | 45. auto conhecimento |
| 13. anti cristão | 46. auto controle |
| 14. anti democrático | 47. auto critica |
| 15. anti drogas | 48. auto destruição |
| 16. anti econômico | 49. auto disciplina |
| 17. anti fascismo | 50. auto domínio |
| 18. anti governamental | 51. auto extermínio |
| 19. anti herói | 52. auto flagelação |
| 20. anti higiênico | 53. auto governar |
| 21. anti intelectualismo | 54. auto imagem |
| 22. anti míssil | 55. auto imposição |
| 23. anti natural | 56. auto imunidade |
| 24. anti nuclear | 57. auto medicação |
| 25. anti patriotas | 58. auto preservação |
| 26. anti pedagógico | 59. auto punição |
| 27. anti popular | 60. auto retrato |
| 28. anti racismo | 61. auto subsistência |
| 29. anti revolucionário | 62. auto suficiência |
| 30. anti seqüestro | 63. auto sugestão |
| 31. anti social | 64. auto sustentável |
| 32. anti tabagismo | 65. auto-defesa |
| 33. anti terrorismo | 66. auto-didáta |

- | | |
|-----------------------|-------------------------|
| 67. bem acabado | 102. des-atenção |
| 68. bem aceito | 103. des-burocratizacao |
| 69. bem apanhado | 104. des-governado |
| 70. bem apresentados | 105. entre cruzar |
| 71. bem arranjado | 106. entre linhas |
| 72. bem comportado | 107. entretanto |
| 73. bem conceituado | 108. entre-aberto |
| 74. bem dotado | 109. entrelaçar |
| 75. bem educado | 110. extra escolar |
| 76. bem estar | 111. extra oficial |
| 77. bem humorado | 112. extra-conjugal |
| 78. bem quisto | 113. extra-curriculares |
| 79. bem sucedido | 114. extra terreno |
| 80. bem visto | 115. hiper atividade |
| 81. bem-feitorias | 116. hiper mercado |
| 82. bi-campeão | 117. inter dependência |
| 83. bilateral | 118. inter ligado |
| 84. coadministração | 119. inter mediação |
| 85. coautoria | 120. inter médio |
| 86. coligação | 121. inter-câmbio |
| 87. contra cheque | 122. inter-disciplinar |
| 88. contra golpe | 123. inter-locutor |
| 89. contra maré | 124. inter-municipais |
| 90. contra partida | 125. internacionalismo |
| 91. contra posição | 126. macro economia |
| 92. contra-ceptivo | 127. macro evolução |
| 93. contra-mão | 128. macrobiótico |
| 94. contra-peso | 129. mal acabado |
| 95. contra-proposta | 130. mal acostumado |
| 96. cobrigação | 131. mal assombrado |
| 97. des-abastecimento | 132. mal dito |
| 98. des-abrigado | 133. mal entendido |
| 99. des-ânimo | 134. mal fadado |
| 100. des-apropriação | 135. mal feito |
| 101. des-armamento | 136. mal formado |

- | | |
|---------------------------|------------------------|
| 137. micro computadores | 172. re-aproveitamento |
| 138. micro organismos | 173. recém nascidas |
| 139. micro câmeras | 174. recém concluído |
| 140. mini retrospectiva | 175. re-democratização |
| 141. mini-quadro | 176. re-negociação |
| 142. multi lateralismo | 177. semi aberto |
| 143. multi milionário | 178. semi analfabetos |
| 144. multimídia | 179. semi deus |
| 145. multi-nacional | 180. semi encoberto |
| 146. neo-colonialismo | 181. semi escravo |
| 147. neo-liberal | 182. semi precioso |
| 148. pos adolescência | 183. semi-destruído |
| 149. pos colonial | 184. semi-final |
| 150. pos guerra | 185. sobre-comum |
| 151. pos moderno | 186. sobre-natural |
| 152. pré aquecimento | 187. sobre-posicao |
| 153. pré concebido | 188. sobre-taxa |
| 154. pré escola | 189. sub base |
| 155. pré existência | 190. sub classe |
| 156. pré fabricado | 191. sub emprego |
| 157. pré impressão | 192. sub entendido |
| 158. pré primário | 193. sub estruturas |
| 159. pré qualificado | 194. sub-raça |
| 160. pré requisito | 195. sub salário |
| 161. pressentimento | 196. sub-chefe |
| 162. pré teste | 197. sub-consciência |
| 163. pré vestibular | 198. sub-desenvolvido |
| 164. preconceito | 199. sub-divisão |
| 165. pré disposição | 200. subestimado |
| 166. pré-natal | 201. sub-faturamento |
| 167. pré-potente | 202. sub-grupo |
| 168. pré-supor | 203. sub-ramo |
| 169. pseudo esforço | 204. sub-região |
| 170. pseudo trabalhadores | 205. super faturados |
| 171. re-analisar | 206. super herói |

- 207. “super humano”
- 208. super natural
- 209. super população
- 210. super proteção
- 211. super-aquecimento
- 212. super-campeão
- 213. super-dotados
- 214. tele-comunicações
- 215. telecursos
- 216. trans-amazônica
- 217. trans-cendental
- 218. transsexual
- 219. ultra conservador
- 220. ultra secreto
- 221. ultra violeta
- 222. ultrapassado
- 223. ultrassom